



Francisco. O santo

Edição 238 – 01/10/2007

Editorial

“Francisco, um santo, mas também um homem com debilidades”, constata **Chiara Frugoni**, historiadora italiana e uma das maiores especialistas na vida de Francisco de Assis, cuja festa se celebra nesta semana, no dia 4 de outubro.

Leonardo Boff, autor do clássico *São Francisco de Assis. Ternura e vigor*, comenta as muitas facetas do santo, e constata que ele “representa um dos arquétipos da plena realização humana”. Segundo ele, Francisco é “a referência de um cristianismo despojado, alegre, reconciliado com as sombras e confraternizado com todos os seres”. E, de modo pertinente, atesta: “Enquanto nós somos velhos, ele é novo, mesmo tendo vivido mais de 800 anos antes de nós”.

Aldir Crocoli, frei capuchinho, professor na Escola de Teologia e Espiritualidade Franciscana - ESTEF -, de Porto Alegre, explica a luminosa espiritualidade de Clara de Assis, na longa e exaustiva entrevista sobre a vida de Francisco e Clara. Já o historiador italiano **Grado Giovanni Merlo** aponta Francisco como um santo de “tipo novo” e busca separar o homem Francisco de Assis daquele santo “descontextualizado, desvirilizado e projetado no universo do imaginário individual e coletivo” que temos hoje. O tema de capa traz ainda uma entrevista com **José Alamiro Andrade Silva**, frei franciscano, que analisa a originalidade do santo de Assis.

André Gorz, um dos mais importantes intelectuais da atualidade, que compreendeu a grande mutação do mundo do trabalho, morreu, no dia 24-09-2007. Nesta edição, o IHU, que repercutiu a sua obra, inclusive com uma entrevista publicada nos *Cadernos IHU Idéias* n.º 31, presta a sua homenagem a **André Gorz** entrevistando **Ricardo Antunes**, **Josué Pereira da Silva**, professores da Unicamp, e **André Langer**, pesquisador do CEPAT, em Curitiba.

A teóloga **Lúcia Weiler** e os teólogos **Luiz Carlos Susin** e **Antonio Reges Brasil** refletem sobre as possibilidades e os limites de uma cristologia gaúcha.

O escritor **Luiz Antonio de Assis Brasil** comenta o filme *Diário de um novo mundo*, de Paulo Nascimento, baseado no seu livro *Um quarto de légua em quadro*, a ser exibido e debatido nesta semana no IHU e a Prof.^a Dr.^a **Celia Doris Becker** discorre sobre a representação dos povos indígenas na obra de Erico Verissimo.

Medos privados em lugares públicos, de Alain Resnais, é o filme da semana. Neste filme, “tudo é humano, tudo é simples e, ao mesmo tempo, surpreendente”.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 04 | Grado Giovanni Merlo: Uma economia de serviço

PÁGINA 08 | Aldir Crocoli: Francisco: um peregrino da paz

PÁGINA 14 | Chiara Frugoni: Francisco de Assis: um homem de personalidade complexa, mas de extraordinária humanidade

PÁGINA 17 | Leonardo Boff: A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz

PÁGINA 21 | José Alamiro Andrade Silva: Francisco de Assis nunca quis imitar ninguém

B. Destaques da semana

» Memória

PÁGINA 26 | Josué Pereira da Silva: Uma nova luz sobre o pensamento da esquerda

PÁGINA 31 | André Langer: Os três legados de Gorz

PÁGINA 36 | Ricardo Antunes: A crítica e subversão de Gorz ao capital

» Teologia Pública

PÁGINA 41 | Luiz Carlos Susin: A vivacidade das experiências de chegada e encontro com Cristo na história gaúcha

PÁGINA 44 | Lúcia Weiler: Por uma cristologia em diálogo com a diversidade cultural e religiosa

PÁGINA 46 | Antonio Reges Brasil: Uma cristologia gaúcha?

» Filme da semana

PÁGINA 50 | *Medos privados em lugares públicos*, de Alain Resnais

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 53 | Destaques On-Line

PÁGINA 56 | Frases da Semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 61 | Rosa Maria Martins de Almeida: Os desafios do comportamento humano

PÁGINA 64 | Luiz Antonio de Assis Brasil: A literatura é o modo privilegiado de pensamento rio-grandense

PÁGINA 67 | Celia Doris Becker: O reflexo do Rio Grande do Sul na obra de Erico Verissimo

PÁGINA 70 | Sala de Leitura

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 71 | Geraldo Pereira de Oliveira



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Uma economia de serviço

ENTREVISTA COM GRADO GIOVANNI MERLO

O historiador italiano Giovanni Merlo, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, acredita que o Francisco que hoje faz tanto sucesso “é um produto ideológico, é um ente abstrato, quase uma idéia platônica que cada um constrói para si e utiliza para variadas finalidades”. E completa: “Frade Francisco é um santo descontextualizado, desvirilizado e projetado no universo do imaginário individual e coletivo”. Giovanni Merlo trabalha na Università degli Studi di Milano, onde desde 1990 é professor de História da Igreja Medieval, vinculado à faculdade de Letras e Filosofia. Desde 1998, é diretor do Departamento de Ciência da História e da Documentação Histórica da Università degli Studi di Milano. E desde 1994 é presidente da Sociedade Internacional de Estudos Franciscanos, com sede em Assis. Também é autor de diversos livros, entre os quais foi publicado em português Em nome de São Francisco - História dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI (Petrópolis: Vozes, 2005).

Confira, a seguir, a entrevista:

IHU On-Line - Qual é a importância de São Francisco para a história religiosa e social da Idade média?

Grado Giovanni Merlo - A importância de São Francisco pode ser relevada através dos modos e formas com que os seus contemporâneos perceberam, interpretaram e utilizaram sua experiência religiosa. A este propósito, convém, no entanto, distinguir pelo menos dois momentos: o primeiro, quando o frade Francisco de Assis ainda estava vivo, ou seja, até outubro de 1226; o segundo, após a canonização ocorrida por obra do papa Gregório IX¹, no verão de 1228. A história do santo não coincide com aquela do homem. Do ponto de vista

¹ **Papa Gregório IX (1143-1241)**: Papa da Igreja católica de 1227 a 1241. Organizou a Inquisição Pontifícia com o objetivo de reprimir as heresias, com a promulgação da bula “Licet ad capiendos” em 20 de abril de 1233. Canonizou São Francisco de Assis, São Domingos de Gusmão e Santo Antonio de Pádua. De nome Ugolino di Conti, era sobrinho do papa Inocêncio III. (Nota da *IHU On-Line*)

estritamente histórico, a importância de São Francisco é muito mais ampla, incomensurável em relação àquela do frade Francisco: para que isso ocorra, é fundamental a decisão do papado de canonizar o homem de Assis. Tratava-se, sem dúvida, de um santo de tipo novo, seja pela origem social, seja pelos traços de sua santidade. De outro lado, a Ordem dos Frades Menores utilizará de modo ativo e o impulso posto em ato pelo papado.

IHU On-Line - Quais são os valores presentes na pessoa de São Francisco e quais os que permaneceram como base para a Ordem dos Frades Menores?

Grado Giovanni Merlo - Em síntese, poder-se-ia dizer: escolha de pobreza evangélica e oração. O despojamento total implica a renúncia, tanto a bens materiais, como à própria afirmação pessoal. Na renúncia aos bens, está incluso o irrenunciável empenho de dedicar-se ao trabalho manual, para o qual não se pede uma

recompensa social, limitando-se a receber quanto seja necessário e indispensável para a sobrevivência e recorrendo à esmola de porta em porta somente quando não se receba a recompensa devida pelo próprio trabalho. No testemunho cristão de Francisco e dos seus primeiros irmãos, há um caráter profundamente desarmado, que se exprime desde a saudação “O Senhor te dê paz”. Há uma reversão dos valores, ou melhor, dos desvalores do mundo, aos quais se conecta, todavia, a plena aceitação da vida. Francisco e seus “fratelli” se separam da cidade sem sair da sociedade, compartilham as condições de vida dos marginais, dos deserdados, dos últimos e dos penúltimos. Praticam uma economia de serviço. Não permitem ao dinheiro entrar em sua existência. Honram a humanidade dos doentes e dos leprosos. Fazem-se servos “inúteis”, anunciando uma mensagem que incentive os outros à penitência e à conversão. Deixam-se guiar pelo Espírito, restituindo a Deus toda coisa boa. Seguem um Jesus pobre, humilde e refutado. A fraternidade do frade Francisco é caracterizada por uma dinâmica de fluidez e de uma acentuada capacidade de adequar à chegada da realidade o “viver segundo o modelo do santo Evangelho”, sem perder seu profundo sentido.

IHU On-Line - Quais são os nós e as passagens mais relevantes na vida de São Francisco e de Santa Clara?

Grado Giovanni Merlo - No mérito da pergunta, deve-se realizar uma síntese que certamente reduz a complexa riqueza da vida do frade Francisco e da senhora Clara. Para Francisco, filho de Petro di Bernardone, há sobretudo o encontro com os leprosos, em 1205-1206, que é a ocasião que lhe é oferecida por Deus para iniciar o seu caminho de conversão, para descobrir o valor absoluto da encarnação divina, para aceitar de cheio a condição humana. Alguns anos depois, há a viagem a Roma com os seus primeiros “Fratelli”, para obter do papa Inocêncio III a confirmação da

vontade de “viver segundo o modelo do santo Evangelho”. Em 1219-1220, frade Francisco se transfere ao Ultramar e nascem as primeiras evidentes tensões no interior de sua fraternidade: para superá-las, o frade Francisco decide ligar-se mais diretamente ao papa através da figura do cardeal protetor, o cardeal Ugolino di Conti, futuro papa Gregório IX². Em 1224, frade Francisco “recebe” os estigmas no Monte Alverne, em cumprimento de uma experiência religiosa feita também de duros contrastes com uma parte consistente dos seus frades: os estigmas são a prova de que Francisco renunciou à sua vontade para abandonar-se totalmente à vontade do Pai “que está nos céus”. Entrementes, sua fraternidade recebeu, em 29 de novembro de 1223, a definitiva aprovação pontifícia com a carta *Solet annuere*³ de Honório III⁴. Para Clara, filha de Favarone di Offerduccio, é fundamental o dia 18 de março de 1218, quando recebeu a tonsura do frade Francisco, renunciando “ao mundo e a todas as coisas terrenas” para poder “servir a Deus”. Algum tempo depois, uniram-se a ela outras senhoras da aristocracia assisiense e o início da experiência comum junto à igreja de São Damião. Na década de 1220-1230, Clara age com firmeza, mesmo em confronto com o cardeal Ugolino, depois Papa Gregório IX, na defesa da rigorosa pobreza e manutenção dos elos com os frades Menores e a memória operante de Francisco e das origens franciscanas,

² **Papa Gregório IX** (1143-1241): Papa da Igreja católica de 1227 a 1241. Organizou a Inquisição Pontifícia com o objetivo de reprimir as heresias, com a promulgação da bula “*Licet ad capiendos*” em 20 de abril de 1233. Canonizou São Francisco de Assis, São Domingos de Gusmão e Santo Antonio de Pádua. De nome Ugolino di Conti, era sobrinho do papa Inocêncio III. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Solet annuere**: Carta lançada em 1223, pelo Papa Honório III, pela qual se aprovou a Regra da Ordem Franciscana. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Honório III** (1148-1227): Papa da Igreja católica de 1216 a 1227. De nome Cencio Savelli, foi canônico da Igreja de Santa Maria, a Maior, até que, em 1188, foi nomeado fidalgo do papa Clemente III e começou a desempenhar o cargo de tesoureiro da Igreja Romana. (Nota da *IHU On-Line*)

conquistando, entre outras coisas, em 17 de setembro de 1228, o assim chamado “privilegio da pobreza”, ou seja, o direito de não “receber posses” para poder realizar plenamente o “propósito de altíssima pobreza”. Nas duas décadas subsequentes, os entendimentos de Clara e de suas “irmãs” são todos direcionados a reivindicar de pleno direito a própria pertença, como componente feminino, à fraternidade dos Menores, segundo a escolha originária de “viver segundo a perfeição do santo Evangelho”, na obediência a Francisco, e a reforçar a centralidade da escolha de pobreza como condição e expressão da “seqüela do Cristo” nas formas particulares praticadas pela comunidade de São Damião. Tudo isto parece encontrar o seu ápice na carta Solet annuere de 9 de agosto de 1253, com a qual Inocêncio IV⁵ aprova aquela que nós definimos como Regra, o texto da “forma de vida” das irmãs de São Damião, composto pela mesma Clara, a qual morrerá aos 11 de agosto de 1253, dois dias depois de ter obtido o quanto, no plano humano, havia desejado acima de tudo no decurso dos últimos anos de sua vida.

IHU On-Line - Por que São Francisco desperta o interesse e a admiração de tantas gerações?

Grado Giovanni Merlo - A resposta a esta pergunta é muito difícil e complicada: porque ela parece pressupor que exista um “modelo São Francisco” à disposição de todos em sua perfeita e imutável definição e identidade. No entanto, o melhor, felizmente não é assim. O São Francisco que tem hoje tanto sucesso é um produto ideológico, é um ente abstrato, quase uma idéia platônica que cada um constrói para si e utiliza para variadas finalidades. Frade Francisco é um santo descontextualizado, desvirilizado e projetado no universo do imaginário individual e coletivo. Tais operações são

⁵ **Papa Inocêncio IV:** foi eleito Papa em junho de 1243. Em 1252, ele sancionou o uso da tortura como método de obtenção da confissão de seus súditos. Ele faleceu em 1254. (Nota da *IHU On-Line*)

possibilitadas, entre outros aspectos, por aquela mina hagiográfica constituída pelas assim chamadas Fontes franciscanas, com as conexas e não menos importantes, se não decisivas, configurações iconográficas. Nestas, pode-se encontrar de tudo e o contrário de tudo: e São Francisco se colore com as mais variadas tintas. Há o São Francisco vermelho, anticapitalista e anti-imperialista que teria prefigurado a “libertação” das populações oprimidas; há o São Francisco verde, ecologista e amigo dos animais, que teria indicado o caminho para a defesa do ambiente; há o São Francisco rosa e feminista, que teria anunciado a “libertação” das mulheres. Na Itália, houve até mesmo o São Francisco negro, nacionalista e fascista, que alguns definem como “o mais santo dos italianos e o mais italiano dos santos!”. O discurso poderia continuar, não sem tristeza e desconforto. A experiência religiosa de Francisco é estudada e respeitada, bem além de toda instrumentalização de boa ou má fé. Respeitar e estudar requer fadiga inteligente, além de assunção consciente e dolorosa das próprias responsabilidades aqui e agora.

IHU On-Line - Em que sentido os “escritos” de São Francisco de Assis contribuem para reconstruir sua experiência humana e entender os seus horizontes de vida?

Grado Giovanni Merlo - A pergunta é oportuna, porque Francisco é um dos pouquíssimos “santos”, de quem provieram os “escritos”, alguns realmente autógrafos. Partir dos “escritos” para entender sua experiência humana é hoje indispensável, não obstante as dificuldades filológicas que lhes estão conexas. Entre estes escritos, é de absoluta importância o Testamento⁶

⁶ A íntegra do Testamento pode ser lida no livro *São Francisco de Assis, Escritos e Biografias, Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano* (Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1981, 1372 p). São Francisco ditou seu Testamento em 1226, sem dúvida na Porciúncula, durante sua última enfermidade. Apesar da decisão contrária do Papa Gregório IX (*Bula Quo elongati*), alguns frades,

que frei Francisco, na idade aproximada de quarenta e cinco anos, ditou no início do outono de 1226. Quase cego e debilitado pelas doenças, ele quis deixar uma mensagem de imediata compreensão, forte e inesquecível, ditando e fazendo escrever um texto que os frades Menores deveriam manter e ler junto à própria Regra⁷. Ele o endereça aos seus frades, como “recordação, admoestação e exortação”, a fim de que sejam mais conscientes do significado evangélico, e universal, da escolha religiosa por eles feita no momento em que entraram (ou entrarão) na Ordem dos Menores. O Testamento permite compreender melhor o sentido profundo das intenções originárias e originais do frade Francisco: senso profundo de que nenhuma contingência do presente e do futuro, nem qualquer decisão de quem quer que seja deverão danificar. O Testamento constitui também o texto base que permite aproximar os outros “escritos” e reconduzi-los à necessária contextualização, sem cair no erro metodológico e filológico de “fragmentá-los” e de espaçá-los numa série de citações, num “discurso” que, de modo fatal, desnatura e ideologiza quanto os próprios “escritos” queriam propriamente significar e transmitir.

Do Testamento de Francisco de Assis:

“E depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou o que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples e o Senhor Papa mo confirmou. E os que vinham para abraçar este gênero de vida distribuíam aos pobres o que acaso possuíam. E eles se contentavam com uma só túnica remendada por dentro e por fora, com um cingulo e as calças. E mais não queríamos ter. Nós clérigos recitávamos o ofício divino como os demais clérigos; os leigos diziam os pais-nossos. E gostávamos muito de estar nas igrejas. Éramos iletrados e nos sujeitávamos a todos”.

Da obra *São Francisco de Assis, Escritos e Biografias. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1981).

denominados de “espirituais”, afirmavam que o Testamento tinha valor jurídico e obrigava em consciência assim como a Regra. Começou aí um longo e doloroso conflito. Um dos estudiosos do franciscanismo, Sabatier, vê no Testamento um protesto de Francisco contra a Regra de 1223 (que lhe teria sido imposta pela Igreja). (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ A Regra, de 1223, pode ser lida na íntegra na obra acima citada, *São Francisco de Assis. Escritos e biografias*, p. 131-139. (Nota da *IHU On-Line*)

Francisco: o peregrino da paz

ENTREVISTA COM ALDIR CROCOLI

Para o frei Aldir Crocoli, a fraternidade e a solidariedade são palavras que pertencem à coluna vertebral de todo o projeto de vida de São Francisco de Assis. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, ele afirma que “o ser humano do século XXI precisa aprender isso de Francisco e de Jesus Cristo: renunciar a ser centro (egocentrismo) e constituir o outro como centro (Reinocentrismo). Este modo de ser transforma as relações humanas”.

Aldir Crocoli possui graduação em Filosofia, pela Universidade Católica de Pelotas, e em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), mestrado em Teologia, pela Pontificium Atheneum Antonianum, e doutorado em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), atuando principalmente nos seguintes temas: paz, cidadão, direitos humanos, democracia, pessoa humana, leprosos, realização humana, excluído, kénosis, História das Fontes Franciscanas, releitura das fontes, história do movimento franciscano, espiritualidade franciscana. É autor de, entre outros, Francisco de Assis e o Diálogo Inter-Religioso (Petrópolis-RJ: Família Franciscana do Brasil, 2006).

IHU On-Line - Como definir a visão cristológica de São Francisco de Assis? Que Cristo aparecia na sua maneira de pregar o Evangelho?

Aldir Crocoli - No século XIII, dominava a cristologia triunfalista. Falava-se muito do Cristo glorioso, identificado como Rei poderoso. Nas catedrais e grandes basílicas, se encontrava costumeiramente, encimando as cúpulas, a pintura do Pantocrator⁸, representado pelo Cristo sentado no trono real, com o báculo do poder, às

⁸ **Pantocrator**: A imagem icônica do Cristo Pantocrator foi uma das primeiras imagens de Cristo desenvolvidas pela igreja cristã e permanece central para a Igreja Ortodoxa. O exemplo mais antigo de um ícone do Cristo Pantocrato é do século VI e sobreviveu ao período de destruição das imagens durante as disputas iconoclastas que aconteceram de 726 a 815 e de 813 a 843, preservado no deserto de Sinai, no Monastério de Santa Catarina. (Nota da *IHU On-Line*)

vezes com o globo terrestre na mão ou com o livro da sabedoria. Ainda hoje se vêem muitas dessas imagens.

Francisco de Assis, mesmo sem ser seu iniciador, se posiciona em outra vertente: a de um Cristo mais humano. O movimento já vinha fazendo caminho há um século. São Bernardo de Claraval⁹ falava muito dos

⁹ **Bernardo de Claraval**: conhecido também como São Bernardo, era oriundo de uma família nobre de Fontaine-les-Dijon, perto de Dijon, na Borgonha, França. Nasceu em 1090 e morreu em Claraval em 20 de Agosto de 1153. Aos 22 anos, foi estudar teologia no mosteiro de Cister. Em 1115, fundou a abadia de Claraval, sendo o seu primeiro abade. Naquela época, enfrentou inúmeras oposições. Apesar disto, acabou reunindo mais de 700 monges. Fundou 163 mosteiros em vários países da Europa. Durante sua vida monástica, demonstrava grande fé em Deus, serviu à Igreja Católica, apoiando as autoridades eclesiais acima das pretensões dos monarcas. Em função disto, favoreceu a

sofrimentos (físicos) de Jesus Cristo. Desenvolviam-se devoções dedicadas aos sofrimentos de Jesus Cristo: à via-sacra, às cinco chagas, ou simplesmente se meditava nos seus sofrimentos psicológicos (fadigas, desprezos etc.). Cresciam ainda devoções ligadas à Virgem Maria: as sete dores, o presépio etc.

Francisco de Assis não percorreu esse caminho dos sofrimentos biopsicológicos de Jesus Cristo. Porém, tem uma visão profundamente humana de Jesus Cristo. Qualifica-o, sem abandonar sua grandeza, de “pobre e humilde”. Tem claro que “Jesus escolheu, juntamente com sua mãe e seus discípulos, a vida de pobre”. Chega a dizer que “se fez peregrino e viandante, vivendo de esmolas”. Caracteriza-o pelo movimento da transcendência, isto é, pela descida para os lugares sociais mais ínfimos. Seu modo de ser tem face humilde e despercebida como quando está presente e escondido na eucaristia que a gente nem vê e nem percebe. Seu primeiro biógrafo¹⁰ conta que em Jesus Cristo “Deus quis depender de peitos humanos” como para dizer que sua vida estava submetida ao poder de uma simples criatura humana.

Sua devoção ao presépio conecta-se a um Jesus Cristo simples, humano, pobre e humilde. Ao coordenar a realização do famoso presépio de Greccio¹¹, em 1224,

criação de ordens militares e religiosas. Uma das mais famosas foi a ordem dos cavaleiros templários. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ Trata-se de Tomás de Celano. A biografia pode ser lida no livro *São Francisco de Assis, Escritos e Biografias. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano* (Petrópolis, RJ: Vozes, Petrópolis, 1981). (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ O primeiro biógrafo de Francisco narra que três anos antes de sua morte, Francisco manda chamar um homem chamado João, morador em Greccio, quinze dias antes do Natal e lhe disse: “Se você quiser que nós celebremos o Natal de Greccio, é bom começar a preparar diligentemente e de desde já o que eu vou dizer. Quero lembrar o menino que nasceu em Belém, os apertos que passou, como foi posto em cima da palha, entre o boi e o burro”. Ouvindo isso o homem bom e fiel correu imediatamente e preparou o que o santo tinha dito, no lugar indicado. E o biógrafo comenta: “A missa foi celebrada ali mesmo no presépio e o sacerdote que a celebrou sentiu uma piedade que jamais

Francisco “queria ver como o pobre menino ficava deitado sobre as palhas entre o boi e o burro”, aquecido pelos animais, pois lhe faltara o calor da acolhida humana.

Passar desta imagem de Jesus Cristo pobre e humilde para sua identificação com o pobre do dia a dia é um caminho breve. Francisco se condoia ao ver qualquer pobre sendo maltratado. Dizia: “Quem ofende um pobre, ofende a Cristo de quem é a imagem”. Seu amor e atenção para os pobres e leprosos decorria deste fato: eram a representação viva daquele que se fez pobre para nos enriquecer pela sua pobreza, endossando a afirmação do apóstolo Paulo. Para ele, então, o projeto de vida de um/a discípulo/a de Jesus Cristo consiste em ser solidário colocando-se ao serviço dos últimos como o Mestre que no momento mais decisivo da vida, levantou da mesa, vestiu-se com um avental e, com bacia e toalha, passou a lavar os pés dos seus discípulos.

***IHU On-Line* - Qual é a importância da fraternidade e da solidariedade para o santo de Assis?**

Aldir Crocoli - Estas duas palavras pertencem à coluna vertebral de todo o seu projeto de vida. Solidarizando-se com os mais necessitados e excluídos (os pobres, os leprosos, os excomungados da sociedade por crimes civis), foi compreendendo que todos somos irmãos e irmãs. Aliás, o que mais resgata a dignidade de um excluído do sistema é sentir outros dividindo sua situação, não na condição de poderosos e sim na mesma condição de fragilidade para, desde aí, encontrar conjuntamente alternativas de solução.

experimentara até então. O santo (Francisco) vestiu dalmática, porque era diácono, e cantou com voz sonora o santo Evangelho”. Tomás de Celano, em *São Francisco de Assis, Escritos e Biografias. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano* (Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1981), p. 239. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Que tipo de solidariedade é mais urgente em nossa sociedade hoje, com base nos ensinamentos franciscanos? O que o ser humano do século XXI mais precisa aprender de Francisco e Clara de Assis?

Aldir Crocoli - Antes de dizer que tipo de solidariedade a sociedade de hoje precisa aprender para encarnar o espírito franciscano, é preciso reconhecer que é necessário aprender a ser solidário. O sistema socioeconômico hodierno está calcado sobre a competitividade e a concorrência. Estas estimulam a sobrepor-se aos outros. A pessoa se sente realizada ao estar mais à frente ou acima das demais. A consequência disso é que a pessoa é levada a servir-se dos outros, a valorizá-los na medida em que lhe são úteis.

Já a dinâmica da solidariedade impele a “estar-com-os-outros”, estar ao lado deles. Aqui a pessoa é feliz ao sentir-se unida, sintonizada, participante da “tabela redonda” como se dizia na Idade Média. Não nutre desejo de estar acima ou ser mais importante. Antes vive preocupada e se autovigiando para garantir permanência nesta posição de igualdade, cuidando para que todos permaneçam incluídos. Esta maneira de ser se contrapõe à proposta pela sociedade de hoje, mas é a base para a solidariedade. A fraternidade emerge daí. A caridade, como é pensada comumente permite que simplesmente se dêem coisas, ao passo que a solidariedade cria laços de compromisso com o outro, que passa a ser irmão. O ser humano do século XXI precisa aprender isso de Francisco (e de Jesus Cristo): renunciar a ser centro (egocentrismo) e constituir o outro como centro (Reinocentrismo). Este modo de ser transforma as relações humanas.

IHU On-Line - Considerando a crise ambiental e climática, como a forma de São Francisco olhar para os animais e a natureza pode nos ajudar a repensar o tratamento que damos ao Planeta?

Aldir Crocoli - No tempo de Francisco, não havia esta perspectiva de apocalipse planetário hoje vivido. Mas impressiona a muitos, de todas as culturas, raças, religiões e épocas, a maneira de Francisco se relacionar com a natureza. Ele tira a minhoca do caminho para não ser pisada. Pede para os lenhadores cortar a árvore após o primeiro galho, a fim de que possa rebrotar. Quer que se deixe um canteiro na horta para as ervas daninhas poderem viver livremente. Compra uma ovelha levada ao abate e a devolve ao proprietário para que cuide e mantenha viva. Liberta uma lebre presa em alçapão. Louva pelo sol e com o sol ao seu Criador. Louva pelos pássaros com quem conversa amigavelmente. Dialoga com o urso e o transforma em animal de estimação. Pisa com cuidado nas pedras, porque são criaturas do mesmo Deus e Pai. Não pisa na água com a qual acabou de se lavar, em agradecimento pelo importante serviço que lhe prestou etc. Por trás desta postura se percebe um grande respeito por tudo.

O filme *Francesco*, de Liliana Cavani¹², atéia e comunista, ilustra esta perspectiva com uma bela cena: Francisco e seus irmãos ganharam um cordeirinho para fazer sua refeição. Como ninguém tinha coragem de sacrificá-lo, preferiram ver o animalzinho sair livremente e passar fome que praticar aquela violência contra o indefeso animal.

Não se trata de poesia nem de irrealismo. É resultado de um processo de comunhão com o outro que alcança até as criaturas chamadas, estranhamente, de “irracionais”. O modo de ser de Francisco e primeiros companheiros foi possível por haverem abdicado de toda a forma de posse, de querer tirar proveito das criaturas. Preferiram sentir-se irmanados, admirar a grandeza e beleza do ser divino que refletem. Nesse contexto de relações, o mundo se transforma em sinal da presença

¹² Liliana Cavani (1933): diretora e roteirista italiana. Produziu o filme *Francesco* (1989 - 150min), que narra a história de São Francisco de Assis. (Nota da *IHU On-Line*)

divina. Nascem o respeito e a reverência. Se a humanidade tivesse esse tipo de relacionamento com o universo, indiretamente se acabaria com o problema do superaquecimento do planeta, com a destruição da camada de ozônio, com a poluição do ar, das águas e outros problemas ecológicos.

Numa passagem dos escritos de Francisco, encontra-se a afirmação de que deveríamos “estar sujeitos a todas as criaturas irracionais”. Entenda-se: não para deixá-las nos prejudicar. Submeter-se a elas no sentido de ajudá-las a serem aquilo que realmente são, aprimorando suas qualidades enquanto criaturas. Nesta perspectiva, a engenharia genética tomaria direção bem diversa, pois o que ela faz hoje é em vista do maior lucro. Vê-se que nossa racionalidade é instrumental; a de Francisco era fraternal.

***IHU On-Line* - Qual é a importância de São Francisco como homem da Igreja e missionário de sua instituição religiosa?**

Aldir Crocoli - Aqui poderiam ser considerados dois aspectos para contextualizar melhor a resposta. Em primeiro lugar, a respeito de Francisco como homem da Igreja. Entenda-se bem que Francisco é, sem dúvida alguma, uma pessoa com um profundo senso eclesial. Porém, foi alguém que não quis se identificar com a hierarquia da Igreja. Quis permanecer no seio da Igreja sem pertencer à sua estrutura de poder. Raoul Manselli¹³, um leigo, professor de história medieval e muito amigo dos frades, afirmava que Francisco sempre se sentiu leigo, mesmo depois de ser ordenado diácono e de ter a regra aprovada. Queria igualmente que seus irmãos não pertencessem à Hierarquia, mas que permanecessem na condição de “irmãos menores”.

O outro ponto a ponderar é sua missionariedade que está submetida à opção pela “vida de penitência”. Quer dizer, ser missionário requer, para ele, a condição de

busca da conversão, da mudança de vida. Missionar, mais que anunciar doutrinas teológicas e religiosas, é testemunhar o amor de Deus. Parece que o Documento de Aparecida¹⁴, de maio deste corrente ano de 2007, confirma a mesma perspectiva ao eliminar o “e” que havia entre as duas palavras do tema da Assembléia, propondo simplesmente “discípulos missionários”, por serem o discipulado e a missionariedade duas faces da mesma realidade.

Nesta perspectiva, Francisco é alguém de vanguarda da Igreja, discípula e enviada por Deus para estimular o engajamento na construção do Reino. Pela primeira vez na história de uma instituição religiosa-eclesial, prescreveu que os frades que desejassem ir entre os sarracenos e outros infiéis primeiramente deveriam se portar como irmãos, sem discutir doutrinas teológicas, convivendo pacificamente com eles. Somente ao perceber a existência de condições favoráveis à sua recepção, poderiam anunciar as verdades da fé cristã. Em certo sentido, esse “poverello” de Assis, sem grande cultura de erudição é um eloqüente testemunho de uma postura dialogal, característica da pessoa em processo de conversão.

***IHU On-Line* - O senhor pode falar sobre a importância do Tau como símbolo do jeito franciscano de ser? Qual a mística que envolve o Tau?**

Aldir Crocoli - Francisco na primeira viagem a Roma foi se hospedar numa casa de um grupo de religiosos

¹⁴ Documento de Aparecida: A V conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe aconteceu de 13 a 31 de maio de 2007, em Aparecida, São Paulo. As conclusões da reunião compõem o Documento Conclusivo da V Conferência. Sobre o tema, a *IHU On-Line* produziu uma revista especial em 18-6-2007. A revista *Os rumos da Igreja a partir de Aparecida. Uma análise do documento final da V Conferência*, está disponível no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ Raoul Manselli: historiador italiano. (Nota da *IHU On-Line*)

dedicados aos leprosos. Nesta casa, o símbolo do Tau¹⁵ estava desenhado nas portas, nas painéis, nos pratos e talheres, no hábito, em todo o lugar enfim. A cruzada das crianças (ou dos pobres), de 1212, adotara Tau como distintivo do seu exército para combater os “homens infiéis a Deus”, como se dizia então. Também aí estava desenhado em todas as armas. Alguns anos mais tarde, em 1215, durante o Concílio de Latrão¹⁶, assistido por Francisco, o papa Inocêncio III¹⁷, baseando-se no profeta Ezequiel 9¹⁸, convocou a todos para aceitarem o Tau como sinal daqueles que estão em processo de conversão e se engajam na cruzada contra os muçulmanos. Francisco se encanta com esta mística de estar sempre em processo de conversão a Jesus Cristo. Passa a usá-lo em substituição ao seu nome. Assim acontece no bilhete a Frei Leão que contém, no verso, a bênção. Francisco nele, ao invés de assinar o nome, desenha o Tau. Também em Fonte Colombo, perto de Rieti, local em que sofreu a cauterização dos olhos, no espaço da capelinha em que costumava rezar, para designar seu lugar, desenhou o Tau sob a janela. Este servia de memória de seu projeto de vida: ser alguém em constante processo de conversão. Esta é a mística despertada pelo Tau.

¹⁵ **Tau:** é a mais antiga grafia em forma de cruz. É um dos mais famosos símbolos franciscanos. De acordo com os franciscanos, Francisco de Assis o atualizou e imortalizou, herdando-o como um símbolo de busca ao Divino e a Salvação Universal. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ Refere-se ao IV Concílio de Latrão, um dos maiores concílios ecumênicos medievais. O IV Concílio de Latrão foi convocado pelo papa Inocêncio III através da Bula *Vineam Domini Sabaoth* de 10 de abril de 1213. No encontro, ficou decidido que os cristãos deveriam confessar seus pecados e comungar pelo menos uma vez por ano, na época da Páscoa. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ **Papa Inocêncio III (1198 - 1216):** nasceu em Anagni, Itália. Foi responsável pela organização da Quarta Cruzada contra a Terra Santa. Na Inglaterra, enfrentou o rei João e na França, Felipe II. Inocêncio III convocou o Concílio IV de Latrão (1215). (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ **Ezequiel 9, 1-7:** “Passa pela cidade, por Jerusalém, e marca com um TAU a frente dos homens que gemem e choram por todas as práticas abomináveis que se cometem”. (Nota da *IHU On-Line*)

Hoje, muitos franciscanos gostam de usar o Tau para se identificar com essa mística de Francisco que, na verdade, deveria ser de todo o seguidor de Jesus Cristo.

***IHU On-Line* - Qual é a principal mensagem de Francisco deixada no seu Testamento?**

Aldir Crocoli - É sempre arriscado querer dizer a principal mensagem de um texto, sobretudo quando é extenso como o Testamento de Francisco. Em todo o caso, na minha opinião, poderia ser assim formulada: o decisivo é seguir o caminho da transcendência (ser capaz de descer aos lugares inferiores na constituição social) e ali permanecer. No dizer do próprio Francisco: ser Irmão Menor. Não por um malsão autodesprezo e sim porque tem clareza de que os valores mais fundamentalmente humanos são os menos considerados pela sociedade.

O Testamento evidencia essa mensagem na primeira parte que narra o caminho percorrido por Francisco e os primeiros frades para o meio dos últimos da sociedade, por causa de Jesus Cristo. Na segunda parte, onde olha para o futuro, alerta com severidade para o risco de comportamentos de “maior”. Ali quer confirmar os irmãos na humildade e na solidariedade aos últimos.

***IHU On-Line* - O que tinha de especial na espiritualidade vivida por Santa Clara?**

Aldir Crocoli - Numa palavra, uma grande paixão por Jesus Cristo, a quem ela comparava a um espelho: “Olhe dentro desse espelho todos os dias... Observe no início desse espelho (nascimento): veja a pobreza e a humildade... Olhe no meio do espelho: contemple aí suas lutas, esforços e ofensas recebidas. Considere o fim do espelho: o amor que o levou a morrer a morte mais ignominiosa”. Creio que quando alguém vive, de fato, um encantamento por Jesus Cristo e por sua causa (realidades inseparáveis) se torna pessoa irradiadora de alegria, de vigor apostólico, de espontaneidade e

criatividade, de coragem profética. Clara refletia essa luminosidade.

IHU On-Line - Como está a família franciscana no Brasil e no mundo? Quais são os valores que a regem e os principais desafios a serem vencidos?

Aldir Crocoli - A árvore da família franciscana apresenta muito vigor. É composta por mais de 450 ramos (diferentes congregações religiosas) e seu número de leigos está próximo a um milhão. Porém, assim como as demais congregações e ordens religiosas, sente a necessidade de retomar o sonho original. Vive-se a necessidade e a urgência de “voltar às fontes” como dizia o Concílio Vaticano II¹⁹. “Reviver o sonho de Francisco e Clara de Assis no chão da América Latina e Caribe” é o lema da celebração do VIII Centenário do nascimento do Carisma Franciscano (1208-2008) que a grande família franciscana mundial está comemorando. Os desafios apontam para duas direções diferentes e complementares: a) redescobrir ou redefinir a utopia que animou o período áureo inicial; e b) encarnar essa mística aqui e agora.

¹⁹ Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o *Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas*. Confira, também, a edição 157 da *IHU On-Line*, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

Da primeira biografia de Francisco de Assis escrita por Tomás de Celano:

“Aos frades que cortavam lenha (Francisco) proibia arrancar a árvore inteira, para que tivesse esperança de brotar outra vez.

Mandou que o hortelão deixasse sem cavar o terreno ao redor da horta, para que a seu tempo o verde das ervas e a beleza das flores pudessem apregoar o formoso Pai de todas as coisas. Mandou reservar um canteiro na horta para as ervas aromáticas e para as flores, para lembrarem a suavidade eterna aos que as olhassem.

Recolhia no caminho os vermezinhas, para que não fossem pisados, e mandava dar mel e o melhor vinho às abelhas, para não morrerem de fome no frio do inverno.

Chamava de irmãos todos os animais, embora tivesse preferência pelos mais mansos”.

Da obra *São Francisco de Assis, Escritos e Biografias. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano* (Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1981), p. 404-405.

Francisco de Assis: um homem de personalidade complexa, mas de extraordinária humanidade

ENTREVISTA COM CHIARA FRUGONI

Um santo, mas também um homem com debilidades. É dessa forma que a historiadora italiana Chiara Frugoni define Francisco de Assis. Em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à IHU On-Line, ela lembra que “devemos ser gratos às fontes medievais que não nos transmitiram a imagem de um homem sempre santo, mas de um homem que procura com fadiga caminhar ao longo das pegadas deixadas por Cristo. Por conseguinte, um homem de personalidade complexa, mas de extraordinária humanidade”.

Chiara Frugoni, uma das maiores especialistas na vida de São Francisco, leciona História Medieval na Universidade de Roma II e colabora com os jornais Repubblica e Il Manifesto. É autora de diversos livros, entre os quais citamos Invenções da Idade Média. Óculos, livros, bancos, botões e outras invenções geniais (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007); Vita di un uomo: Francesco d'Assisi (Torino: Einaudi, 2005); Una solitudine abitata. Chiara d'Assisi (Roma: Laterza, 2006); Storia di Francesco il santo che sapeva ridere (Roma: Laterza, 2006); e Il cammino di Francesco. Natura e incanto nella Valle Santa Reatina (Milão: Federico Motta Editore, 2006).

IHU On-Line - Em linhas gerais, quem foi São Francisco de Assis? Que tipo de personalidade tinha o santo e o que ficou preservada dela até os dias atuais?

Chiara Frugoni - Francisco foi um ex-mercador que se converteu lentamente e decidiu não ajudar os pobres, mas fazer-se pobre entre os pobres e pôr em prática, ao pé da letra, a mensagem de amor do Evangelho: amar o próximo, perdoar, não julgar, escutar o outro. Para quem crê, sua mensagem baseada no Evangelho é obviamente atual. Para quem não crê, sua mensagem é igualmente atual. Convida a viver pensando nos outros, ser solidário e não egoísta e não se fazer escravo das coisas.

IHU On-Line - Qual é a principal marca de Francisco de Assis? O que mais o diferencia dos outros santos, tanto em sua relação com a Igreja quanto em sua relação com os homens?

Chiara Frugoni - Como eu já disse, a Igreja de então ajudava os pobres, mas mantinha os privilégios adquiridos, a segurança, a riqueza. Francisco compartilhou com os pobres a insegurança material e psicológica de quem não possui nada.

IHU On-Line - Qual é a principal mensagem deixada por São Francisco?

Chiara Frugoni - É aquela do Evangelho: ama o próximo como a ti mesmo. Não desejar a posse das coisas; não matar.

IHU On-Line - O que a relação entre Francisco e Clara pode nos dizer em nossos dias, onde a fraternidade perde espaço para o individualismo do mundo capitalista?

Chiara Frugoni - Francisco teve uma grande estima por Clara²⁰, mas também por outras mulheres, como, por exemplo, Praxedes ou Jacoba dos Setes sóis. Em relação à Clara, nutriu uma grande admiração e uma profunda amizade espiritual. Nos momentos de dúvida, foi a ela que solicitou conselho. Quando ficou muito doente, transferiu-se ao horto do mosteiro de São Damião e ali se fez construir uma pequena cabana.

IHU On-Line - Que tipo de sociedade foi sonhada por Clara e Francisco?

Chiara Frugoni - Uma sociedade que realmente pusesse em prática as palavras de Cristo.

IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre a forma como Bento XVI define São Francisco²¹? Concorda com a visão que o Papa tem do santo de Assis?

²⁰ Clara de Assis (1193-1253): destacou-se desde cedo pela sua caridade e respeito para com os pequenos, tanto que ao deparar-se com a pobreza evangélica vivida por São Francisco de Assis, foi tomada pela irresistível tendência religiosa de segui-lo. Enfrentando a oposição da família, que pretendia arranjar-lhe um casamento vantajoso, aos dezoito anos Clara abandonou seu lar para seguir Jesus mais radicalmente. Seu dia é comemorado em 11 de agosto. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ No último mês de junho, em Assis, **Bento XVI** apelou para que **Francisco de Assis** não seja reduzido a mero contestador e militante ecológico. É que São Francisco intriga sempre. Demasiado complexo para ser reduzido a um santinho. Durante a visita a Assis, o papa Ratzinger convidou os frades a não permitirem que ocorra uma espécie de “mutilação”, talvez fazendo dele um ícone do pacifismo, do ecologismo ou do diálogo. O verdadeiro São Francisco, explicou, é sobretudo enamorado de Cristo e se esforça para restituir energias à Igreja. **Chiara Frugoni**, uma das maiores especialistas na vida de Francisco de Assis, com muitos livros publicados sobre o tema, concedeu uma entrevista ao jornal *La Repubblica*, 21-06-2007. A

Chiara Frugoni - Não, realmente não concordo. As palavras do papa procuraram fazer de Francisco um santo como tantos outros, banalizando-o. Por exemplo, não disse quase nada sobre o fato de que Francisco foi profundamente pacifista num momento em que a Igreja resolvia todo conflito com as armas e com a violência (Cruzadas à Terra Santa e contra os cátaros, prisão, ou pior, para os outros hereges).

IHU On-Line - Por que São Francisco intriga sempre? Onde está sua complexidade?

Chiara Frugoni - Ele era um homem que tinha também suas debilidades. Devemos ser gratos às fontes medievais que não nos transmitiram a imagem de um homem sempre santo, mas de um homem que procura com fadiga caminhar ao longo das pegadas deixadas por Cristo. Por conseguinte, um homem de personalidade complexa, mas de extraordinária humanidade.

IHU On-Line - Como era a relação de Francisco de Assis com as mulheres e com a Igreja de seu tempo?

Chiara Frugoni - A Igreja daquele tempo pensava que as mulheres com forte empenho religioso deviam estar fechadas num mosteiro para fazer penitência, jejuar e rezar. A idéia de Francisco não era essa. As muitas dificuldades que ele próprio encontrou em fazer aprovar pela Igreja o próprio movimento não lhe permitiram sustentar Clara por muito tempo. Clara teve que lutar sozinha para manter a fé no próprio projeto, onde também era contemplada uma conexão com o exterior e o trabalho manual (as monjas de clausura, para poderem viver separadas do mundo, tinham muitas posses e viviam de renda).

entrevista pode ser lida em português nas *Notícias do Dia* publicadas pelo sítio www.unisinos.br/ihu, no dia 22-06-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Você afirma que Clara não era a favor da clausura, mas queria que as monjas trabalhassem. Quais são as modificações que a história causou na imagem da irmã de São Francisco?

Chiara Frugoni - Clara lutou até seu leito de morte para que fosse aprovada sua regra, a primeira regra escrita para as mulheres, uma regra belíssima onde não há castigos, como se usava então, mas sempre exortações a entender, a consolar. Clara queria que algumas monjas saíssem do mosteiro para cuidar dos enfermos. E queria que todas trabalhassem. Ela própria, vemos pela sua vida, pelos seus milagres, abriu sempre a porta do mosteiro para ajudar mulheres, mas também homens e crianças (que tanto amava). Era uma mulher de grande afetividade e de extraordinária inteligência. Discípula de Francisco, levou depois adiante uma proposta de vida cristã autônoma e muito original. Ao invés disso, Clara sempre é vista no cone da sombra de Francisco, como se, sendo mulher, não pudesse ter idéias próprias. Ou, então, sua relação com Francisco é simplesmente banalizada num amor, embora platônico e sublimado.

IHU On-Line - Como entender a atualidade de Francisco até nossos dias? O que faz dele um santo tão importante na contemporaneidade?

Chiara Frugoni - Francisco é importante pela atualidade de suas palavras e eu creio que seria preciso conhecê-lo melhor. Todos lêem as biografias de Francisco, aquilo que outros escreveram dele e não aquilo que disse o santo. Portanto, leiamos as cartas de São Francisco, ou sua primeira regra!²²

ORAÇÃO DA PAZ

Senhor! Fazei de mim um instrumento da vossa paz.
 Onde houver ódio, que eu leve o amor.
 Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
 Onde houver discórdia, que eu leve a união.
 Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.
 Onde houver erro, que eu leve a verdade.
 Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
 Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
 Onde houver trevas, que eu leve a luz.
 Ó Mestre, fazei que eu procure mais:
 consolar, que ser consolado;
 compreender, que ser compreendido;
 amar, que ser amado.
 Pois é dando que se recebe.
 É perdoando que se é perdoado.
 E é morrendo que se vive para a vida eterna.

²² Para isso, confira o livro *São Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano* (Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1981).
 (Nota da IHU On-Line)

A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz

ENTREVISTA COM LEONARDO BOFF

“São Francisco fundou um novo humanismo, uma síntese feliz entre a ecologia exterior (cuidado para com todos os seres) e a ecologia interior (ternura, amor, compaixão e veneração). Ele que é novo, nós somos velhos, mesmo tendo vivido mais de 800 anos antes de nós”, afirma o teólogo Leonardo Boff, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Renomado teólogo brasileiro, Leonardo Boff foi um dos criadores da Teologia da Libertação. Ele é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística, entre os quais citamos Ecologia: grito da terra, grito dos pobres (São Paulo: Ática, 1990); São Francisco de Assis. Ternura e vigor (8. ed. Petrópolis: Vozes, 2000); Ética da vida (Rio de Janeiro: Sextante, 2006); e Virtudes para outro mundo possível II: convivência, respeito e tolerância (Petrópolis: Vozes, 2006). Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da IHU On-Line, número 209, de 18 de dezembro de 2006, e concedeu uma entrevista sobre a Teologia da Libertação na IHU On-Line número 214, de 2 de abril de 2007.

IHU On-Line - Como São Francisco pode ser entendido nos dias atuais? Qual é a sua maior contribuição para a humanidade em crise, depredada pelo domínio da razão e do individualismo?

Leonardo Boff - São Francisco tem muitas facetas. Ele redescobriu a humanidade pobre de Jesus encarnada nos mais pobres dos pobres que eram os hansenianos (leprosos) com quem foi viver. Inventou o presépio. Fundou uma ordem religiosa itinerante, pois os frades iam pelos caminhos evangelizando na língua vernácula do local e não em latim. Foi o primeiro a ganhar licença de celebrar a missa fora, no campo e nas praças, desde que houvesse a pedra d'ara (um pedaço de pedra contendo uma relíquia de santo). Mas, fundamentalmente, ficou memorável por seu amor cósmico. Depois de séculos em

que o Cristianismo se encerrara nos conventos e se concentrara nas palavras sagradas, Francisco descobre Deus na natureza. Ela não é mais paganizada, cheia de divindades, nas fontes, nas montanhas e nas árvores. Ela é o grande sacramento de Deus. Até Francisco, o cristianismo vivia a dimensão vertical: todos são filhos e filhas de Deus. Com ele, começou a se viver a dimensão horizontal: se todos são filhos e filhas, então todos são irmãos e irmãs. Não apenas os humanos, mas cada ser da criação. Com enternecimento chamava com o doce nome de irmão ou irmã a estrela mais distante, o passarinho na rama, o sol, a lua e a lesma do caminho. Esta atitude é, hoje, considerada da maior relevância, pois encerra uma dimensão perdida em nossa cultura que se coloca por em cima da natureza, dominando-a e esquece que todos

estamos juntos, ao pé um do outro e formamos a grande comunidade de vida. São Francisco fundou um novo humanismo, uma síntese feliz entre a ecologia exterior (cuidado para com todos os seres) e a ecologia interior (ternura, amor, compaixão e veneração).

IHU On-Line - A Oração da Paz é atribuída a São Francisco, mesmo tendo sido provado que ela não é de autoria do santo. O que ela diz à nossa sociedade atual?

Leonardo Boff - A Oração da Paz é urdida com pedaços de frases dos escritos de São Francisco e totalmente dentro de seu espírito. Ela encerra o segredo da paz possível. Há que ser realista, pois a condição humana, pessoal e social, é feita pelo simbólico e pelo diabólico. Em nosso mundo, há luz e há trevas, há amor e há ódio, há desunião e união. Esta situação é permanente e é sempre dada. Por isso, de certa forma é insuperável. Nem por isso a paz é impossível. Ela pode ser construída. Qual é a estratégia de São Francisco? É enfatizar a dimensão de luz mais que a dimensão de trevas, dar hegemonia ao amor sobre o ódio, faz prevalecer a união à desavença e confiar na vitória da vida sobre a morte. Ao fazer isso, não recalca a dimensão sombria, mas impede que ela ganhe corpo e domine nossa vida. O efeito final é a paz possível. Esta se torna mais segura se for buscada à luz da paz que só Deus pode dar. Cada um pode ser instrumento desta paz divina que fortalece nossas buscas pela paz humana.

IHU On-Line - Quais são as características mais marcantes de Francisco e Clara? Em um de seus livros sobre o santo, o senhor destaca seu vigor e ternura. Como isso aparece na personalidade de São Francisco e como essa personalidade era encarada na Igreja de sua época?

Leonardo Boff - São Francisco representa um dos arquétipos da plena realização humana. Esta é construída

a partir de duas forças que constroem nossa identidade que é a dimensão de *anima* e a dimensão de *animus*. Com estes termos introduzidos por C. G. Jung²³, queremos expressar que cada pessoa, homem ou mulher, possui a dimensão de racionalidade, objetividade, de projeto, de determinação na superação de obstáculos, de vontade de ser e de poder (*animus*). Ao mesmo tempo, tanto no homem quanto na mulher há a dimensão do afeto, da subjetividade, do cuidado, da intuição e da espiritualidade (*anima*). Eu traduzo estas dimensões como a convivência e integração do vigor com a ternura. Francisco viveu esta integração em sua relação de grande amor com Clara de Assis, exemplo raro na história do cristianismo de como dois seres puros e evangélicos podiam se amar de verdade, sem perder o sentido maior de sua consagração a Deus. Se olharmos a história humana, percebemos que emergem figuras que, de forma exemplar, viveram a ternura e o vigor como Jesus, como Francisco de Assis, Gandhi²⁴, Dom Hélder Câmara²⁵, João XXIII²⁶ e, de certa forma, também o Papa

²³ Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra suíço. Colega de Freud, Jung estudou medicina e elaborou estudos no campo da psicologia, discutindo os conceitos de introversão e extroversão. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ Mahatma Gandhi (1869-1948): líder pacifista indiano. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ Dom Hélder Câmara (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Momento político este que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticados pelos militares. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29 de novembro de 2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo Hélder Câmara: cartas do Concílio. Na edição 157, de 26 de setembro de 2005, publicamos a entrevista O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil, realizada com

João Paulo II²⁷. Pelo fato de Francisco realizar estas dimensões de forma seminal, tornou-se uma pessoa livre, podia conviver dentro de uma Igreja de poder sob o Papa Inocêncio III, o Papa mais poderoso de toda a história da Igreja, e simultaneamente andar pelos caminhos de braços dados com um leproso, anunciando a alegria de Deus que é Pai e amoroso e que fazia de cada coisa o sacramento de sua aparição. Esta síntese, assim tão terna e fraterna, nunca mais foi vivida no cristianismo. Mas ele permanece como referência de um cristianismo despojado, alegre, reconciliado com as sombras e confraternizado com todos os seres.

IHU On-Line - Como entender a atualidade de São Francisco? Por que sua eterna busca pela bondade cativa tantos homens e mulheres?

Leonardo Boff - Em São Francisco, tudo é simples e direto. Não há nenhuma sofisticação nem segundas intenções. Nele, aparece o ser humano em sua inocência original, perdida na história por mil interesses individualistas e pela fome de poder, pela busca de cargos e status social e de acumulação de riqueza. Ele mostrou que ser pobre voluntariamente é muito mais que não ter nada, mas a continuada vontade de dar, de mais uma vez dar e de se despojar de todo interesse para poder comungar diretamente com as coisas e as pessoas, sem mediações que se interponham a essa vontade de

Ernanne Pinheiro. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário Dom Hélder Câmara - o santo rebelde. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ **Papa João XXIII (1881-1963)**: nascido Angelo Giuseppe Roncalli. nasceu na Itália. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ **Papa João Paulo II (1920-2005)**: foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de Outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da *IHU On-Line*)

estar junto e de sentir o coração do outro. No fundo, o ser humano sonha com um mundo no qual reine tal inocência, onde todos possam se sentir filhos e filhas da alegria e não seres condenados a viver no vale de lágrimas.

IHU On-Line - O Papa Bento XVI destaca a importância de São Francisco como homem da Igreja. Como o senhor vê o santo e qual sua opinião sobre a definição do Papa?

Leonardo Boff - O Papa é um saudosista e possui uma concepção de Igreja da tradição medieval, superada pela própria Igreja posterior. Ele vê a Igreja como um fim em si mesma e como condição necessária para a salvação da humanidade. Esquece que o Salvador não é a Igreja, mas Jesus que veio para todos, que ilumina cada pessoa que vem a este mundo e que, no fundo, é o Cristo cósmico da teologia de S. Paulo, quer dizer, aquele que redime não apenas a humanidade, mas toda a criação. Se há uma coisa que não define São Francisco é exatamente entendê-lo como homem de Igreja. Ele foi um homem do evangelho vivido “sine glossa”, quer dizer, sem as interpretações dos teólogos que praticamente sempre o emasculam ou o mediocrizam. Por isso, sua regra começa: “A regra e a vida dos frades menores é esta: seguir o santo evangelho de Nosso Senhor Jesus em obediência, pobreza e castidade”. Sabe-se, pela pesquisa histórica, que Roma condicionou a aprovação da regra com o acréscimo “sob a obediência ao Papa Honório e seus sucessores”. Mas Francisco queria que o Espírito Santo fosse o Geral da Ordem e não alguém nomeado pelos frades e aprovado pelos Papas. O que o Papa Ratzinger afirma vai contra todo o espírito de São Francisco. E mais: se enquadra dentro do eclesiocentrismo de sua teologia que no fundo é uma espécie de fundamentalismo, uma patologia religiosa.

IHU On-Line - Em que sentido São Francisco

transformava as sombras de sua vida em luz? O senhor teria exemplos concretos da vida do santo que podem elucidar esse ponto?

Leonardo Boff - São Francisco assumia tudo como vindo das mãos de Deus, pois se sentia na palma da mão de Deus. Chamava a tudo de irmão e de irmã. Não apenas as coisas ridentes, mas também as sombrias e dolorosas. Chama as doenças de irmãs doenças. A própria morte é chamada de irmã morte. O curioso nele é que fazia das próprias fragilidades humanas e dos pecados caminhos para chegar a Deus pela via da humildade, da compaixão e da total entrega à misericórdia divina. Sentia-se “miserável vermezinho, pútrido, fétido, mesquinho, miserável e vil”. Seguramente era fétido, pois andava com o mesmo burel todo esburacado e sujo pelos poeirentos caminhos do vale de Rieti e da Umbria. Mas assumia a dimensão de sombras de forma jovial, pois

nada, nem o pecado nem a morte, o afastava da íntima comunhão com Deus. Esse tipo de piedade é importante para um cristianismo libertador, pois ajuda os fiéis a superarem o moralismo e o farisaísmo. Assim como somos, pecadores e maus, seremos acolhidos e perdoados por Deus. Pois é essa a novidade do evangelho. Se fossemos tão bons e santos, não precisaríamos do Redentor, nem de seu sangue nem de sua morte. Mas Deus é o Deus da ovelha tresmalhada, do filho pródigo e da moeda perdida. Confiar que apesar destas sombras não saímos da esfera de Deus é libertar a vida para a jovialidade dos filhos e filhas de Deus, é ter descoberto o evangelho como expressão do amor incondicional e do rosto misericordioso de Deus. São Francisco viveu este tipo de experiência religiosa de forma intuitiva, sem reflexão teológica, como algo evidente para quem se orienta pela mensagem do Jesus histórico.

CÂNTICO DAS CRIATURAS

Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor!

Teus são o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.

Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas,

especialmente o senhor irmão Sol, que clareia o dia e que com sua luz nos ilumina.

Ele é belo e radiante, com grande esplendor de ti, Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e pelas estrelas, que no céu formaste, claras, preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, pelo ar e pelas nuvens,

pelo sereno e todo tempo com que dás sustento às tuas criaturas.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, útil e humilde, preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminas a noite.

Ele é belo e alegre, vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa,

produz frutos diversos, flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam, pelo teu amor, e suportam as enfermidades e as tribulações.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a morte corporal, de quem homem algum pode escapar.

Louvai todos e bendizei ao meu Senhor, dai-lhe graças e servi-o com grande humildade.

Francisco de Assis nunca quis imitar ninguém

ENTREVISTA COM JOSÉ ALAMIRO ANDRADE SILVA

“Poderíamos dizer que Francisco de Assis é o santo da Paz, que se identificou com os excluídos/as, que vivenciou o fraternismo universal, tornando-se irmão e servo de todas as criaturas.” É dessa forma que o frei José Alamiro Andrade Silva define São Francisco de Assis. Mas ele completa afirmando que há, porém, uma qualidade que nele é excepcional: “Francisco de Assis nunca quis imitar ninguém. Foi profundamente original. Por isso foi, é e sempre será um grande e jovial ‘idiota’, que provoca a admiração em cada nova geração que surge neste fantástico processo vital do planeta Terra”. Estas e outras declarações foram feitas em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

Frei da Província de São Paulo dos Frades Menores, Alamiro sempre esteve à frente de questões sociais importantes, como as greves do ABC, contra a ditadura, e na defesa da ecologia. É padre da Arquidiocese de São Paulo.

Confira e entrevista a seguir:

IHU On-Line - São Francisco idealizava uma igreja dos pobres e para os pobres. Como o senhor avalia a opção?

José Alamiro Andrade Silva - Parafrazeando o que a exegese diz do Cristo da Fé e do Cristo Histórico, vejo que também existe o Francisco Histórico (aquele que nasceu em Assis, na região da Úmbria, Itália, em 1182 e morreu em 1226) e o Francisco Mítico, que renasce em todos os tempos e em todos os lugares, reprojetoado sempre de novo. Não creio que Francisco de Assis tenha idealizado uma Igreja dos pobres e para os pobres.

Ele, “un uomo di Dio” na sua busca de felicidade, sentiu o impulso de abraçar e beijar o leproso, que era o excluído do sistema social da época. Na sociedade medieval, os senhores feudais confrontavam-se com os servos da gleba, serviçais nos feudos. Maiores e Menores se polarizavam. Em meio a tudo isso, os “novos ricos”, os “emergentes” de então, e os “burgueses” se contrapunham a um grande número de rejeitados/as e excluídos/as entre eles os/as leprosos/as. A opção de

Francisco foi clara: abraço ao leproso excluído e uma Ordem dos Frades Menores.

Bento XVI, no discurso de abertura do V Celam denuncia a frustração provocada pela utopia capitalista e comunista e fala da necessidade de termos estruturas sociais justas no enfrentamento da injusta e desigual distribuição dos bens.

Seu antecessor, na *Laborem Exercens*²⁸, não fala apenas da primazia do Trabalho sobre o Capital, mas afirma ser o Trabalho o fulcro central de toda a crise social.

Existem aqueles/as que já se perguntam sobre o que é o Trabalho em nosso contexto de uma sociedade do Ócio. Para a esmagadora maioria dos seres humanos, no entanto, o trabalho continua sendo o que sempre foi nos últimos séculos: estar agregado a alguma empresa e

²⁸ *Laborem Exercens*: Carta Encíclica do Papa João Paulo II no 90º aniversário da encíclica *Rerum Novarum*, promulgada em 14 de setembro de 1981. Trata-se de um importante documento do Ensino Social da Igreja sobre o trabalho. (Nota da *IHU On-Line*)

colocar suas forças e capacidades no processo de produção da riqueza. Recebe por isso uma remuneração chamada salário e abre mão de qualquer possessão sobre o fruto de sua produção. O preço do salário é determinado pelo jogo de força e poder na luta dos interesses.

Que gestos concretos de Bento XVI e da Igreja que ele governa nos levam a afirmar que, como Francisco de Assis, estamos abraçando o leproso dos dias de hoje? Boa pergunta!

IHU On-Line - Para São Francisco de Assis, o verdadeiro franciscano é chamado a ser um “mundisensor”, aquele que sente o mundo e os seres que nele estão. Partindo dessa idéia, como o senhor avalia a atuação dos franciscanos na atualidade?

José Alamiro Andrade Silva - É muito grande a diversidade de atuações e engajamentos entre os frades. Sinto, a meu ver, que na maioria estamos em lugares sociologicamente contrários à intuição de Francisco de Assis. O grande amor pelo Criador e suas Criaturas deveria nos levar para os lugares e para a companhia das criaturas mais sofridas e excluídas. O amor leva à identificação com a pessoa ou objeto amado; isso nem sempre acontece com a maioria de nós, franciscanos ou franciscanas. Há um número maior daqueles e daquelas que, embora não avancem no processo de identificação com o objeto amado, colocam-se de corpo e alma a serviço da construção de um novo mundo onde a exclusão perca espaço e haja lugar para todas as criaturas. São inúmeros os gestos e ações de solidariedade!

IHU On-Line - Como os ensinamentos de São Francisco de Assis nos ajudam a pensar um novo Brasil?

José Alamiro Andrade Silva - Os ensinamentos de São Francisco de Assis ajudam de inúmeras formas a pensar um novo Brasil. Quando olhamos para a Fazenda

da Esperança²⁹, animada por frei Hans³⁰, que mereceu a visita do Papa. Quando vemos o compromisso de frei Sérgio Goergen³¹ e demais franciscanos/as do Rio Grande do Sul com o MST, Via Campesina e outros movimentos sociais. Quando vemos o esforço heróico de um frei David³², criador e animador da Educafro (Curso de Educação e Cidadania para Carentes e Afrodescendentes). Quando vemos frei Sinivaldo Tavares³³ e toda sua Equipe criando um Mestrado *Latu Sensu* Interdisciplinar de Ecologia e Espiritualidade no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis (www.franciscanos.org.br/ecologia). Quando vemos frei José Carlos Pedroso e uma plêiade de franciscanos capuchinhos no Centro de Espiritualidade de Piracicaba. Ainda que possamos ter ressalvas, quando vemos moços e moças vivendo e atuando na Toca de Assis³⁴. Quando vemos um Dom Frei Luiz Flávio Cappio³⁵ fazendo um

²⁹ A **Fazenda da Esperança** retrata o esforço de pessoas que ergueram um trabalho pioneiro de assistência e de resgate da dignidade humana. Atualmente, só nas duas unidades de Guaratinguetá (masculina e feminina), a Fazenda da Esperança acolhe cerca de 300 dependentes de drogas e álcool. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ **Frei Hans Stapel**, frade alemão, fundador da Fazenda da Esperança. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ **Frei Sérgio Goergen**: ex-deputado estadual pelo PT/RS, de 2002 a 2006, e dirigente da Via Campesina no Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

³² **Frei David Raimundo dos Santos** (1952): frade franciscano da Ordem dos Frades Menores (OFM). Há mais de 20 anos, dedica-se a trabalhos populares, sobretudo na área da educação. (Nota da *IHU On-Line*)

³³ Sinivaldo Tavares participou do Cadernos Teologia Pública nº 25, intitulado *A história da revelação e a sacramentalidade do mundo - o legado do Vaticano II*. A publicação está disponível no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

³⁴ **Fraternidade Toca de Assis**: Casa religiosa não-filantrópica, ligada à Igreja Católica, que abriga e acolhe pessoas moradoras de rua. Trata-se de uma associação religiosa cujos membros, jovens, vivem literalmente como Francisco de Assis vivia, vestindo-se com trajés simples, na extrema pobreza. O Padre José Litieri foi o fundador da Toca de Assis. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁵ **Luís Flávio Cappio** (1946): frei e bispo católico brasileiro, chefe da Diocese de Barra/BA. Em 2005, fez uma greve de fome em protesto ao

jejum até a morte para defender o Rio São Francisco e seu povo ribeirinho. Quando vemos a irmã Delir Brunelli e uma multidão de freiras franciscanas defendendo os valores femininos do ser humano e recuperando a figura genial de Clara de Assis, ou se comprometendo nas trincheiras da luta por Justiça, Paz e em defesa da Vida, percebemos que Francisco e Clara de Assis continuam presentes e atuantes na construção deste novo Brasil de “Paz e Bem!” “Senhor, fazei de nós um instrumento de vossa Paz!”.

IHU On-Line - Quais os maiores ensinamentos de São Francisco no que se refere à ecologia? De que maneira seus ensinamentos podem auxiliar a humanidade num momento em que vivemos uma crise ambiental?

José Alamiro Andrade Silva - Francisco de Assis foi um homem medieval, marcado mais pelo ser do que pelo fazer. A Ecologia nasceu entre os biólogos alemães dos anos de 1860, profundamente marcados pela ideologia do ativismo industrial. Ainda hoje, os ecólogos estão muito preocupados com o que fazer para evitar a devastação das matas, preservar as espécies em extinção, brecar o maluco modelo de desenvolvimento que nos foi imposto pela ganância de uns poucos poderosos e pela esquizofrenia do poder de dominação.

A Ecologia como ciência, contudo, parece estar mais perto do homem medieval Francisco de Assis. Para ele, o pivô da questão está na relação que o ser humano tem com as criaturas. É uma questão de convivência e não apenas de interferência. Nada de querer possuí-las, mas manter sempre a amorosa relação de irmandade e respeito à sua alteridade. Respeitar a verdade da outra criatura. Expressão máxima desta atitude encontramos no “Cântico das Criaturas”: Louvado sejas, meu Senhor,

projeto do governo federal de transposição do Rio São Francisco. O projeto de transposição do Rio São Francisco e a greve de fome de Frei Luiz Cappio, foram tema de capa da revista *IHU On-Line* na edição número 169, de 10 de outubro de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

pelo Irmão Sol... pela Irmã Lua e as Estrelas... pela Irmã Água... pelo Irmão Ar e o Vento... pela Irmã e Mãe Terra... Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã Morte, da qual ninguém pode escapar.

IHU On-Line - Passados mais de 800 anos da morte de São Francisco de Assis, suas palavras de amor e bondade ainda mobilizam muitas pessoas. Qual foi o principal ensinamento que São Francisco deixou para a humanidade?

José Alamiro Andrade Silva - Poderíamos dizer que Francisco de Assis nos deixou um ensinamento de perfeita amizade com Clara de Assis. Poderíamos dizer que é o santo da Paz. Poderíamos dizer que se identificou com os excluídos/as. Poderíamos dizer que vivenciou o fraternismo universal tornando-se irmão e servo de todas as criaturas. Poderíamos dizer que Francisco de Assis soube contestar e confrontar as instituições civis e religiosas de seu tempo de forma profundamente não-violenta, principalmente quando em 1219 organiza uma Cruzada de diálogo com o mundo muçulmano, aprendendo com eles uma forma nova de louvar ao Senhor Deus.

Há, porém, uma qualidade que nele é excepcional e é esta que quero realçar. Francisco de Assis nunca quis imitar ninguém. Foi profundamente original. Obedecia à voz de Deus que falava no íntimo de seu ser. Viveu com radicalidade o seu “self” ou “selbst” como dizem os alemães. É muito interessante como dizem os gregos: viveu com radicalidade o seu “idios”. Por isso, Francisco de Assis foi, é e sempre será um “grande e jovial idiota” que provoca admiração em cada nova geração que surge neste fantástico processo vital do planeta Terra.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Memória

André Gorz

André Gorz, 84 anos, e sua esposa Dorine, 83 anos, foram encontrados mortos, na segunda-feira, dia 24 de setembro, na sua residência em Voson (Aube), na França. Os dois estavam deitados um do lado do outro. Junto deles, o amigo que os foi visitar, encontrar as cartas endereçadas aos mais próximos. A notícia é do jornal Le Monde, em 25-09-2007.

O nome verdadeiro de André Gorz era Gerard Horst, autor de uma extensa e importante bibliografia como Ecologia e política (1975), Adeus ao proletariado (1980), Metamorfoses do trabalho (1988), Capitalismo, socialismo e ecologia (1991), Miséria do presente, riqueza do possível (1997) e O imaterial. Conhecimento, valor e capital (2003). As Notícias do Dia, publicadas diariamente na página www.unisinos.br/ihu repercutiram intensamente a morte publicando textos sobre o autor além de artigos e entrevistas dele.

André Gorz no IHU

Em maio de 2004, a revista *IHU On-Line* convidou André Gorz para dar uma entrevista sobre o que ele descrevia como “o êxodo da sociedade salarial”. Ele aceitou. Mas não usava internet nem fax. Enviamos as perguntas por correio. Depois de vários meses, por correio, veio a entrevista datilografada numa máquina de escrever. A entrevista foi publicada nos *Cadernos IHU Idéias* no. 31, com o título **A crise e o êxodo da sociedade salarial**. A edição foi lançada durante o 2o. Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. O texto está disponível nesta página.

Por sua vez, os *Cadernos IHU* no. 5 publicaram o texto **Pelo êxodo da sociedade salarial: a evolução do conceito de trabalho em André Gorz**, de André Langer, pesquisador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - Cepat, parceiro estratégico do IHU. O texto é uma síntese da tese de mestrado defendida no PPG de Ciências Sociais da Unisinos.

Recordando a memória da sua obra, Ricardo Antunes, Josué Pereira da Silva e André Langer foram entrevistados pela *IHU On-Line*.

Uma nova luz sobre o pensamento da esquerda

ENTREVISTA COM JOSUÉ PEREIRA DA SILVA

Com Adeus ao proletariado, “Gorz lançava uma luz nova sobre o debate, ao questionar o próprio sujeito da transformação social que catalisou por tanto tempo o pensamento de esquerda, principalmente o marxista”, afirmou o Prof. Dr. Josué Pereira da Silva, da Unicamp, em entrevista especial à IHU On-Line, por e-mail.

Para o filósofo, a complexidade do aparato produtivo e de administração, como a substituição do poder dos trabalhadores pelas novas tecnologias, “impossibilitou a apropriação coletiva pelo proletariado”, explica Josué Pereira da Silva. No entanto, ele destaca que Gorz não era pessimista e indicava uma saída para situação. Assim, o filósofo advertia que “a luta pela liberação não devia ser mais a luta pelo trabalho, mas sim a luta para não mais funcionar como trabalhador”.

Silva é graduado em Ciências Econômicas, pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em História, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e doutor em Sociologia, pela New School For Social Research, nos EUA. De sua produção bibliográfica, destacamos André Gorz. Trabalho e política (São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002); André Gorz e seus críticos (São Paulo: Annablume, 2006); e Por uma sociologia do século XX (São Paulo: Annablume, 2007). Ainda chocado com a morte de André Gorz, Josué Pereira da Silva concedeu a seguinte entrevista, à IHU On-Line:

IHU On-Line - Como o senhor recebeu a notícia do falecimento de André Gorz?

Josué Pereira da Silva - Foi para mim um choque. Na própria segunda-feira, 24/09/2007, ao abrir minha caixa de mensagens, encontrei uma mensagem de um dos meus ex-alunos, avisando-me da morte de Gorz e da esposa; mas não dizia nada sobre a data nem as circunstâncias. Quando? Como? Procurei por mais informações na internet e encontrei-as na página do jornal francês *Le Monde*. Fiquei chocado, principalmente pelas circunstâncias da morte de ambos. É verdade que mais de uma vez, durante nossas conversas, Gorz usara a frase: “se eu estiver vivo”. Por se tratar de uma pessoa já idosa, aquele jeito de falar me parecia perfeitamente

compreensível. Ainda assim, ao lhe telefonar e ouvir o telefone tocar muitas vezes antes que alguém (ele ou esposa) atendesse, eu ficava um pouco tenso, temendo receber uma notícia ruim. Na última vez que falei com ele por telefone, em três de março último, ele até me perguntou quando eu iria visitá-lo. Bom... Acho que até hoje, passada uma semana, ainda não assimilei a notícia de sua morte. Mas compreendo, e até admiro, sua decisão: foi uma escolha, condizente com sua filosofia existencialista.

IHU On-Line - O senhor produziu alguns livros referentes ao pensamento de Gorz. De onde surgiu o interesse em estudar um pensador pouco conhecido no

País? Na obra de Gorz, o que mais lhe fascina?

Josué Pereira da Silva - Não sei se dá para dizer simplesmente que Gorz é (ou era) um autor pouco conhecido no Brasil. De certa forma, eu já conhecia alguns de seus textos desde a metade da década de 1970 quando eu li dois de seus livros: *Estratégia operária e Neocapitalismo e socialismo difícil*, ambos traduzidos e publicados no Brasil em 1968. Interessante é que em 2001, quando o visitei pela primeira vez em Voson, ele também me perguntou por que eu me interessara por seu trabalho. Ficou até surpreso quando eu lhe disse que ele era conhecido no Brasil, onde quatro de seus livros já haviam sido traduzidos para o português e publicados. Ele até então não sabia. Quando voltei ao Brasil, enviei-lhe exemplares dos mesmos. Os outros dois livros dele publicados aqui eram *Crítica da divisão do trabalho* (1980) e *Adeus ao proletariado* (1982). O livro *Crítica da divisão do trabalho*, por exemplo, teve várias reimpressões e foi muito usado nos cursos de sociologia e história do trabalho. Se ele não sabia da existência desses livros em português, provavelmente também não recebeu direitos autorais pelos mesmos. Parece-me, portanto, que pelo menos entre os militantes de esquerda, os sindicalistas e os estudiosos do trabalho, Gorz não é propriamente um autor desconhecido. Meu interesse pelos escritos de Gorz não decorreu, no entanto, daqueles dois primeiros livros, mas sim de *Adeus ao proletariado*. Li-o pela primeira vez em 1983 quando preparava um projeto de pesquisa sobre a jornada de trabalho de oito horas para prestar o exame de seleção para o mestrado em História da Unicamp³⁶. Foi uma edição de bolso, em francês, que encontrei por acaso (aliás, foi minha mulher, Celia, quem viu o livro e me mostrou), na Livraria Leonardo da Vinci, no Rio de Janeiro. Na época, eu nem sabia que já existia edição

³⁶ O resultado dessa pesquisa está em meu livro: *Três discursos, uma sentença: tempo e trabalho em São Paulo - 1906/1932* (São Paulo: Annablume/Fapesp, 1996). (Nota do entrevistado)

brasileira do mesmo. Eu já tinha então uma visão crítica a respeito do trabalho, impulsionada em parte por experiência de vida e em parte pela leitura de textos heterodoxos como *O direito à preguiça* (São Paulo: Editora da Unesp, 1999), de Paul Lafargue, publicado pela primeira vez em 1880, na França³⁷. Mas o livro de Gorz lançava uma luz nova sobre o debate, ao questionar o próprio sujeito da transformação social que catalisou por tanto tempo o pensamento de esquerda, principalmente o marxista. Talvez por mostrar de forma convincente as aporias daquele projeto de transformação que jogava todas as fichas no proletariado, problema que os marxistas mais conservadores não queriam enxergar, o livro provocou uma grande polêmica e se tornou seu livro mais conhecido até agora. Nesse livro, Gorz defende a tese da impossibilidade de apropriação coletiva pelo proletariado tanto em razão da complexidade do aparato produtivo e de administração quanto pelo deslocamento do poder social dos trabalhadores diretos pelas novas tecnologias de base microeletrônica. Mas, em vez de se desmanchar em pessimismo, Gorz indica uma saída positiva para a situação, afirmando que a luta pela liberação não devia ser mais a luta pelo trabalho, mas sim a luta para não mais funcionar como trabalhador. Daí a questão da redução do tempo de trabalho adquire uma grande importância, sendo a principal marca de seus três livros subsequentes: *Les chemins du paradis* (1983), *Metamorfoses do trabalho* (1988) e *Capitalisme, socialisme, ecologie* (1991), sendo que desses três o primeiro e o terceiro ainda não foram traduzidos para o português. Para quem queria fazer um estudo crítico da jornada de trabalho de oito horas como eu, ler *Adeus ao Proletariado* e, logo em seguida, *Les chemins du paradis* foi crucial. Porque eles davam resposta teórica às questões que eu vinha perseguindo em minha pesquisa

³⁷ Aliás, cabe lembrar aqui que Paul Lafargue, que era genro de Karl Marx, também se suicidou junto com a esposa Laura. (Nota do entrevistado)

sobre a história da jornada de trabalho no Brasil. Neles, como em Lafargue assim como em Marx do terceiro livro de *O capital*, o reino da liberdade não devia ser buscado no trabalho, mas sim no tempo livre. A idéia de fazer uma tese de doutorado sobre a obra de Gorz surge um pouco depois. Quando saí do Brasil, em 1988, para fazer o doutorado na New School for Social Research, minha idéia era fazer uma pesquisa sobre tempo de trabalho, tema ainda hoje pouco estudado no Brasil. Lá, porém, passei a me dedicar cada vez mais a estudos teóricos, principalmente aos autores ligados à tradição da Teoria Crítica da chamada Escola de Frankfurt. Na mesma época, li a edição em inglês de *Metamorfoses do trabalho*, que acabara de vir a público. Quando acabei de ler livro, disse para Celia: “esse cara fez o que eu queria ter feito!”. Ela então me perguntou: “por que você não faz a tese sobre ele?”. Achei boa a idéia porque assim eu conseguiria unir meus dois principais interesses naquele momento: o tema do tempo de trabalho e a teoria social.

IHU On-Line - Como o senhor define a contribuição teórica de André Gorz no que se refere às transformações do mundo do trabalho na contemporaneidade?

Josué Pereira da Silva - De maneira mais geral, a análise que Gorz desenvolve nos textos que escreveu a partir da metade dos anos 1970, de *Écologie et liberté* (1977) a *O imaterial* (2003), constitui-se, a meu ver, num dos mais perspicazes diagnósticos da sociedade contemporânea. Sua teoria não se limita, portanto, a questões relacionadas ao mundo do trabalho. Ele critica os autores que defendem a chamada centralidade do trabalho, justamente porque muitos deles acreditam na possibilidade de explicar o funcionamento da sociedade moderna como se fosse uma extensão do mundo do trabalho. Sua abordagem da ecologia é, neste sentido, um bom contraponto à idéia, partilhada por economistas

de direita e de esquerda, de que o crescimento econômico, em geral cego aos problemas ambientais, é a solução para o desemprego e as desigualdades sociais. Nisto, a reflexão de Gorz converge em muitos aspectos com a de autores como Jürgen Habermas³⁸, principalmente no que diz respeito à crítica aos paradigmas da produção e do trabalho. Há outras convergências com a obra de Habermas³⁹. Ambos também partilham, por exemplo, uma concepção da sociedade como bi-dimensional, constituída por esferas irreduzíveis, embora a análise de Habermas seja mais abstrata do ponto de vista teórico, enquanto a de Gorz é mais empiricamente referenciada. Há também grandes diferenças entre as duas abordagens. Assim, embora Gorz não seja individualista sua abordagem é mais centrada no indivíduo do que a de Habermas, cujo pendor é mais interacionista. André Gorz dá ainda uma importante contribuição para as discussões sobre o trabalho no mundo contemporâneo. No debate que vem se desenvolvendo nas últimas décadas sobre a crise do trabalho, ele foi um dos primeiros autores a definir com precisão um conceito de trabalho adequado às condições do mundo moderno, ajudando a clarear com isso os termos do debate.

³⁸ Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, www.unisinos.br/ihu, n editoria *Notícias do Dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ Ver sua Teoria da Ação Comunicativa. (Nota do entrevistado)

IHU On-Line - De que maneira as contribuições de Gorz nos ajudaram a compreender os dilemas da sociedade atual?

Josué Pereira da Silva - Ao responder as questões anteriores, já adiantei parte da resposta a esta pergunta. De forma que me limito aqui a suas proposições de política social. Como um teórico da questão social, Gorz não se limita a fazer diagnósticos de época. Preocupa-se também em formular proposições de políticas públicas que apontem uma solução radical, mas ao mesmo tempo realista da crise. Por isso, sua contribuição é importante nos âmbitos tanto teórico quanto normativo. Procurando oferecer uma saída positiva da crise social atual, Gorz elabora propostas factíveis para a transformação social que vão além da mera reprodução do sistema, mas nem por isso compartilha com estratégias de tipo leninista. Assim, suas propostas de redução programada do tempo de trabalho, de uma renda de cidadania e de estímulo às atividades de inegável valor social, mas que não têm valor de mercado, são perfeitamente coerentes com noção de reformas revolucionárias que ele elaborou nos anos 1960. É, enfim, uma abordagem diferente daquelas das ortodoxias neoliberal, keynesiana e marxista ortodoxa, que professam, todas elas, a mesma crença no trabalho. Em todas essas instâncias, portanto, ele tem uma contribuição relevante.

IHU On-Line - Gorz dizia que o trabalho terá de ser revogado. O senhor concorda com essa idéia?

Josué Pereira da Silva - A intervenção de Gorz no debate a respeito da crise do trabalho ou do fim do trabalho deve ser compreendida nos termos do que ele entende por trabalho. Ele define o trabalho - no sentido economicamente racional - como a atividade que: (1) cria valor de uso, (2) produz valor de troca, (3) é exercida na esfera pública e (4) tem o tempo como critério para medir a produtividade. Essa definição nos permite distinguir mais claramente essa noção digamos

mais sociológica de trabalho, que se confunde com trabalho assalariado ou com emprego, do trabalho no sentido antropológico, que se refere a praticamente todas as atividades humanas. Em termos gorzianos, portanto, quando se fala em crise do trabalho é do primeiro tipo de trabalho que se trata.

IHU On-Line - Gorz falava que “é pelo salário que remunera que o trabalho se inscreve como atividade social”. Assim, ele reiterava que o trabalho é tratado como uma mercadoria. Essa idéia está mudando lentamente? Como o senhor percebe as atuais transformações no mundo do trabalho?

Josué Pereira da Silva - No mundo moderno, capitalista, o trabalho assalariado, ou o trabalho-mercadoria, tornou-se, pelo menos para a população pobre, o principal meio de integração social. É vendendo sua força de trabalho no mercado que as pessoas obtêm o dinheiro através do qual adquirem os bens que necessitam. É também como trabalhadores assalariados que elas obtêm o reconhecimento público por sua contribuição à produção social. Na cultura do capitalismo, as atividades que não têm valor de mercado não conseguem trazer para aqueles que as praticam uma remuneração na forma de salário como contrapartida de seu esforço; por isso, não dispõem também do mesmo reconhecimento social que o trabalho assalariado. Assim, há uma separação clara entre as atividades passíveis de remuneração (trabalho-mercadoria) e todas as outras. Essas últimas, embora sejam socialmente úteis, não servem para valorizar diretamente o capital e, por isso, não têm o mesmo poder integrador que o trabalho assalariado. Essa é a visão que ainda hoje domina as mentalidades, principalmente as mais conservadoras. As mudanças tecnológicas recentes contribuíram para diluir o modelo da fábrica, que servia como matriz de referência ao raciocínio bi-polar do tipo capital-trabalho, assentado na valorização do trabalho fabril. As mesmas

mudanças tecnológicas também contribuíram para realçar a importância do conhecimento teórico e, portanto, da produção simbólica, abrindo caminho para a emergência de uma esfera do imaterial. Com a emergência do imaterial, a produção torna-se cada vez mais simbólica. Quando a produção relevante é produção de conhecimento fica difícil referi-la diretamente a um grupo social como fazia Marx com o operariado de fábrica, embora este último já falasse em “general intellect” (intelecto geral). A meu ver, o que há nessa transição é mais uma radicalização de uma situação que estava em andamento do que uma novidade propriamente. Se há uma novidade na reflexão de Gorz a esse respeito, ela está em sua ênfase na distinção entre conhecimento e saber, argumentando que enquanto o primeiro se permite a ser apropriado privadamente pelas empresas capitalistas e segundo não.

IHU On-Line - Uma das propostas que Gorz, entre outros, defende é a alocação de uma renda de existência que seja suficiente e universal. Onde está a originalidade e a peculiaridade do pensamento de Gorz nesta política de redistribuição de renda em relação aos outros autores (Negri, Lazzarato, Cocco)?

Josué Pereira da Silva - A posição de Gorz em relação à alocação de uma renda de existência tem dois claros momentos, que já discuti em meu livro de 2002⁴⁰. A partir do início da década de 1980, Gorz defende a alocação de uma renda na forma de “segundo cheque” (expressão de Guy Aznar⁴¹) como complemento à renda obtida no mercado de trabalho. Aqui, ela tinha a função clara de financiar a redução do tempo de trabalho e, conseqüentemente, de facilitar a redistribuição dos

⁴⁰ Ver Josué Pereira da Silva, *André Gorz: trabalho e política* (São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002). (Nota do entrevistado)

⁴¹ **Guy Aznar**: advogado e economista francês, diplomado em psicologia social pelo Instituto de Psicologia de Paris. É autor de *Trabalhar menos para trabalharem todos* (São Paulo: Editora Scritta, 1993). (Nota da IHU On-Line)

empregos existentes. Em tal concepção, Gorz defendia a desvinculação entre renda e tempo de trabalho, mas não entre renda e trabalho. É somente no livro, de 1997, *Misérias do presente, riqueza do possível*, que ele passa a defender a quebra do vínculo entre trabalho e renda. No mesmo livro, ele explica por que mudou de posição. As razões por ele apresentadas estão relacionadas à emergência do imaterial e à conseqüente diluição da produção de valor para o conjunto da sociedade. Não há propriamente uma originalidade em Gorz nesse quesito, mas sim uma interação com outros autores que estudam a mesma problemática, como Philippe Van Parijs⁴² que dedica um de seus livros a Gorz⁴³. A principal diferença que vejo entre a posição de Gorz e a de Negri⁴⁴, por exemplo, é que Gorz sempre foi radicalmente contra a remuneração, na forma de salário, de atividades que ele situava na esfera da autonomia, como trabalho doméstico, por exemplo. Para ele, isto significaria expandir a lógica da mercadoria para esferas

⁴² **Philippe Van Parijs** (1951): filósofo e economista político belga, conhecido como proponente e principal defensor do conceito da renda mínima. Estudou filosofia, direito, economia política, sociologia e lingüística na Universidade de Saint Louis, em Bruxelas, e nas universidades de Louvain, Oxford, Bielefeld e Califórnia (Berkeley). De seus livros traduzidos para o português, citamos *O que é uma sociedade justa? Introdução à prática da filosofia política* (São Paulo: Atica, 1997). (Nota da IHU On-Line)

⁴³ Ver Philippe Van Parijs, *Refonder la solidarité*, Paris, Éditions du CERF, 1996.

⁴⁴ **Antonio Negri** (1933): filósofo político e moral italiano. Em 2000 publica o livro *Império* (5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003), com Michael Hardt. Atualmente, após a suspensão de todas as acusações contra ele, definitivamente liberado, ele vive entre Paris e Veneza, escreve para revistas e jornais do mundo inteiro e publicou *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005), também com Michael Hardt. Sobre essa obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da *IHU On-Line*, de 29-11-2004. O livro *Império* foi apresentado na primeira edição do evento Abrindo o Livro, promovido pelo IHU, em abril de 2003. Em 2003 esteve na América do Sul (Brasil e Argentina) em sua primeira viagem internacional após décadas entre o cárcere e o exílio. (Nota da IHU On-Line)

da sociedade que não deviam se subordinar a essa lógica sob pena de destruir a sociedade. Tal posição se contrapõe à de algumas teóricas do feminismo, que no intuito de valorizar a esfera da reprodução social, defendem o assalariamento das atividades domésticas. Essa parece ser também a posição de Negri (e Hardt) no livro *Império*.

IHU On-Line - Gorz incursiona também na questão do imaterial. Para ele, a emergência do imaterial é a “crise do capitalismo”. Por quê?

Josué Pereira da Silva - Para ele, o deslocamento da produção de riqueza da esfera do material para a do simbólico põe em questão a teoria do valor trabalho. Isso dificulta a possibilidade do cálculo econômico que perde um referencial importante para o planejamento de longo prazo, abrindo a porta para o aumento das bolhas especulativas. Mas, por outro lado, o espalhamento da produção de riqueza para as mais diferentes esferas da sociedade abre também a possibilidade para a construção de novas autonomias, de novos experimentos sociais.

Os três legados de Gorz

ENTREVISTA COM ANDRE LANGER

As reflexões de Gorz sobre o trabalho, explica André Langer, “sempre tiveram o cuidado para restringir a ação do capitalismo sobre a ação humana”. A libertação no trabalho, segundo o pensamento do filósofo francês, só ocorre fora do trabalho. Para Langer, essa idéia é significativa “para perceber a radicalidade de seu pensamento anticapitalista, antiprodutivo e antieconomicista”.

Na entrevista especial, concedida à IHU On-Line, por e-mail, nesta semana, Langer atribui um triplo legado a André Gorz. Ele destaca, as reflexões sobre a ecologia, o trabalho e a renda social garantida. “Estou convencido de que esses três núcleos aglutinadores não estão separados e que giram em torno de órbitas teóricas diferentes. Pelo contrário, são, vamos dizê-lo, assim, corpos de uma mesma constelação”, explica.

André Langer produziu o Cadernos IHU nº 5, intitulado Pelo Êxodo da Sociedade Salarial. A Evolução do Conceito de Trabalho em André Gorz. A pesquisa está disponível no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Langer é mestre em Ciências Sociais pela Unisinos e doutorando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente, ele é pesquisador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR. O Cepat é parceiro estratégico do IHU. Em fina sintonia com o IHU, o Cepat publica semanalmente, nas Notícias do Dia da página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu uma análise semanal da conjuntura, disponível para download no início da noite das terças-feiras no blog do IHU e nas manhãs de quarta-feira nas Notícias do Dia.

IHU On-Line - O senhor afirma que é possível dividir a obra de Gorz em duas fases diferentes. Como o senhor avalia essas duas passagens do pensamento dele? A partir de que momento Gorz percebeu as mudanças no mundo do trabalho?

André Langer - Penso que seja perfeitamente possível dividir a produção teórica de Gorz em duas fases distintas. Na verdade, essa é uma distinção introduzida pelo professor Josué Pereira da Silva⁴⁵, da Unicamp, e que acho pertinente. Pode-se situar a inflexão do pensamento de Gorz no final da década de 1970. O livro *Adeus ao proletariado*, publicado na França em 1980, recolhe embrionariamente a ruptura na sua reflexão sobre o trabalho e introduz os grandes temas que Gorz irá trabalhar, aprofundar e mesmo revisar daí em diante.

Françoise Gollain⁴⁶ e Dominique Méda⁴⁷ referem-se de outra maneira a esta ruptura. Para elas, é possível dividir os pensadores da questão do trabalho em duas correntes ou campos: a corrente essencialista e a corrente histórica. Esta distinção clareia a noção de trabalho que Gorz passará a desenvolver. Quando Gorz afirma que o trabalho é uma “invenção” da modernidade, assume claramente uma perspectiva histórica de trabalho. O trabalho entendido como “emprego” é algo recente na história, é contemporâneo do capitalismo industrial. Gorz desmancha essa idéia essencialista de trabalho que cultivamos durante muito tempo, mas que não era realista, ainda que cheia de conseqüências.

Emprego x Trabalho

A preocupação de Gorz nesta segunda fase inscreve-se na tentativa de delimitar teoricamente a noção de trabalho. A distinção entre emprego e trabalho ou entre

⁴⁵ Confira nesta edição, uma entrevista com Josué Pereira da Silva. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁶ GOLLAIN, Françoise. *Une critique du travail. Entre écologie et socialisme*. Paris: La Découverte, 2000. (Nota do entrevistado)

⁴⁷ MÉDA, Dominique. *Le travail. Une valeur en voie de disparition*. Paris: Aubier, 1995. (Nota do entrevistado)

trabalho e atividades sem fins econômicos, como preferia denominar, é central para que pudesse proceder a uma restrição da noção de trabalho. Gorz é um crítico feroz do economicismo. Suas reflexões sobre o trabalho sempre tiveram o cuidado para restringir a ação do capitalismo sobre a ação humana; roubar espaços e tempos do capitalismo sempre esteve em seu horizonte. E a distinção que faz favorece esta restrição da racionalidade econômica.

Gorz acreditava que já não era mais possível haver libertação no trabalho, mas apenas fora dele. Esse é outro aspecto que caracteriza a mudança da primeira para a segunda fase do seu pensamento. Essa idéia foi evoluindo a tal ponto que em seus últimos escritos já admitisse também não mais apenas uma libertação na produção, mas, sobretudo, uma libertação da produção. Isso é significativo para perceber a radicalidade de seu pensamento anticapitalista, antiprodutivo e antieconomicista.

Estou convencido de que esta “revolução” na sua idéia de trabalho é extremamente rica, ousada e provocadora. Ela implica uma mudança de enfoque e de concepção de sociedade que se quer. A distinção que ele faz entre emprego e trabalho é cheia de conseqüências políticas, sociais e pessoais. Gorz sempre viu também na perspectiva da autonomia dos indivíduos. O trabalho assalariado não é apenas o meio pelo qual o capitalismo se desenvolve, mas, sobretudo uma forma de dominação dos trabalhadores.

Para entender essas reflexões, é preciso ter presente a análise que Gorz faz das conseqüências da revolução da micro-eletrônica, apenas em seus primórdios na década de 1970. Ele não se cansa de acentuar que essa revolução faculta que o capital possa produzir mais, com menos trabalhadores e em menos tempo, elevando, assim, fenomenalmente a produtividade. E isso é novo, diz ele, em relação à outra revolução industrial. Uma das conseqüências é que o trabalho não é mais um direito ao

qual todos teriam acesso, mas transmuta-se em “privilégio” para poucos. E cada trabalhador precisa “produzir-se” a si mesmo para manter-se competitivo neste mercado de trabalho.

Nestas condições, raciocina Gorz, as formas atuais de organização e concepção de trabalho se esgotaram. E não que lamente isso, pelo contrário. Em determinado momento, diz que é preciso “ousar o êxodo” do trabalho assalariado, ou seja, não se pode olhar para trás e sonhar com o tempo que não volta mais, mas é mais arrojado tentar centrar a atenção em possíveis brechas que a crise do trabalho assalariado possibilita para uma nova organização do trabalho.

Valeria perguntar se a publicação de *O imaterial*, em 2003, em que Gorz entra na problemática da imaterialidade - do capital e do trabalho - e se debruça também sobre uma análise crítica dos conceitos da economia política, tais como valor e capital, não seria a passagem para uma terceira fase em seu pensamento. Ainda que se perceba a introdução de novos enfoques em sua reflexão, acredito, contudo, que se situam na linha das análises críticas que vem realizando nas últimas duas décadas e meia.

IHU On-Line - Como ele nos ajuda a pensar as transformações no mundo do trabalho? Esse é o seu principal legado?

André Langer - É impressionante perceber que toda a reflexão de Gorz, por mais teórica que às vezes possa parecer, sempre se guiou no sentido de ajudar a esquerda - européia, sobretudo - a pensar as bases para um novo socialismo, não mais centrado nas condições impostas pelo capitalismo. Mas sempre foi preterido pela esquerda exatamente por suas idéias muito radicais, com exceções, evidentemente. Para ele, um dos objetivos do socialismo é impor limites à racionalidade econômica.

O triplo legado

Penso que se pode pensar num triplo legado de Gorz: suas reflexões sobre a ecologia, o trabalho e a renda social garantida. As reflexões de Gorz sobre a ecologia política foram inovadoras na França. Quando ainda não se discutia esse tema, ele o começa a fazer. Vale destacar que Gorz foi um dos primeiros a criticar a civilização do automóvel. Hoje, esses temas são corriqueiros, mas vale enfatizar sua reflexão pioneira, ainda mais vinda de alguém que se dizia de esquerda. É preciso entender o alcance dessa discussão, pois Gorz não alimentava, ao tratar deste tema, um sentimento bucólico, nostálgico, mas entendia a ecologia política como crítica do capitalismo como produtivismo. Sempre associou essa reflexão à impossibilidade de se seguir indefinidamente o modo de produção e de consumo propostos.

Um segundo legado que Gorz deixa é seguramente a crítica que faz à idéia de trabalho, assim como construída ao longo do capitalismo industrial. Sobre isso já nos referimos acima.

A defesa de uma renda social garantida é um dos vértices da sua discussão sobre o trabalho. As formas tradicionais de distribuição das riquezas, via salário, como remuneração pelo trabalho socialmente útil realizado pelos trabalhadores, caducaram. É preciso inventar novas formas de partilha das riquezas socialmente produzidas. O tema da renda social garantida, ou renda cidadã, é um dos fios condutores que perpassa toda a segunda fase de sua produção.

Ele revê sua concepção para torná-la realmente consonante com sua concepção antieconômica. Diverge, nesse sentido, dos demais pensadores que defendem, como ele, a renda cidadã. Ele concebe a renda social garantida como uma política que possa abrir caminhos para o êxodo da sociedade do trabalho e das mercadorias. Ele vê nela uma maneira não de legitimar o capitalismo, mas, ao contrário, de enfrentá-lo exatamente no plano da produção. Pensa-a na

perspectiva de tornar possível o desenvolvimento ilimitado dos indivíduos e não como outra maneira de subjugar-los ainda mais. Nisso, Gorz diverge de outros defensores da renda cidadã, como Antonio Negri, Maurizio Lazzarato, Yann Moulier-Boutang e Giuseppe Cocco, no Brasil, entre outros. Para estes, a renda cidadã seria uma maneira de o capital remunerar aquelas habilidades, conhecimentos, enfim, exterioridades, de que o capital se utiliza para a produção de riquezas, sem no entanto pagar por isso. Na perspectiva de Gorz, isso seria uma ampliação da lógica do capital para espaços ainda livres da lógica economicista. Para Gorz, ao contrário, a renda cidadã deve ser entendida como uma maneira de impor limites ao capital e proporcionar o pleno desenvolvimento das pessoas.

Estou convencido de que esses três núcleos aglutinadores não estão separados e que giram em torno de órbitas teóricas diferentes. Pelo contrário, são, vamos dizê-lo, assim, corpos de uma mesma constelação.

IHU On-Line - Como você teve contato com a obra de Gorz?

André Langer - Meu contato com a obra de Gorz se deu na preparação ao mestrado, em 1999. Meu orientador, professor Inácio Neutzling, sugeriu-me estudar a definição de trabalho em Gorz. Desafio que aceitei prontamente e com empenho. Comecei a ler material disponível em português, para me familiarizar com o assunto. Confesso que no começo foi tudo muito frio, muito seco, pois suas idéias eram radicalmente contrárias às que alimentava até então. Fiquei assustado, mas aos poucos fui entendendo que trabalhar Gorz exigia uma “revolução” nas minhas idéias e em muitos princípios que tinha. Todo o movimento social e sindical tinha sempre uma outra maneira de olhar para o trabalho. Também na Pastoral Operária, onde militava, isso era verdade. Gorz caminhava na contramão. E está na contramão até hoje em muitas de suas idéias.

Mas havia um segundo limite a superar para entrar no universo de Gorz: a língua. Com exceção de *Adeus ao proletariado*, todo o resto da sua produção intelectual estava em francês. Digo isso até para ressaltar que hoje, felizmente, grande parte da sua obra já se encontra em português.

Um discípulo de Gorz

Dessa maneira, fui me aproximando do meu mestre e procurando acompanhar sua obra. Lembro que no mestrado, certa vez um professor, sabendo que estudaria Gorz, me disse, franzindo a testa: “Isso pode lhe causar problemas”. Porque significava estudar um autor que ainda estava vivo e no auge de sua produção teórica. Poderia mudar suas idéias, mas também porque ainda não havia uma produção crítica produzida sobre o conjunto de sua obra. Assim mesmo aceitei o desafio, sabendo que não estava sozinho nesta caminhada.

Mas a curiosidade intelectual vai acompanhada da curiosidade por saber quem foi André Gorz. Não o conheci pessoalmente. No ano passado, Gorz publicou, na França, um livrinho dedicado à sua esposa Dorine. O livro chama-se *Letrre à D. Histoire d'un amour*, isto é, *Carta a D. História de um amor*. O livro é uma elegia à mulher de sua vida, mas é também autobiográfico. (Uma curiosidade: Gorz dedica quase todos os livros a Dorine, que um dia lhe disse: “Tua vida é escrever. Então escreva”.) Livro pequeno (76 p.), de leitura agradável, revelou-me um Gorz muito apaixonado, carinhoso, terno e afetivo. Na realidade, o livro me surpreendeu, pois sempre o vi escrever sobre temas de relevância teórica, em linguagem sempre filosófica e sociológica.

Cumplicidade

Após saber da morte do casal, reli a *Carta*. O livrinho, que espero também seja traduzido e publicado no Brasil, revela curiosidades da relação do casal, mas também como certas idéias teóricas encontram seu embrião em

acontecimentos da vida pessoal. Refiro-me à relação da ecologia política com a saúde de Dorine. Ainda que a gênese das idéias sobre a ecologia seja anterior, elas ganham um reforço com o estado de saúde de sua esposa. Em uma de suas viagens aos Estados Unidos, os dois ficam muito impressionados com a “civilização americana”, “com seu esbanjamento, as frituras, a Coca-Cola, a brutalidade e as cadências infernais de sua vida urbana”, conta. E em outro momento conta que eles mesmos se impunham limites para a questão do consumo: “Mas nós nunca elevamos o nosso nível de vida e de consumo à altura de nosso poder de compra. Havia entre nós um acordo tácito em relação a este assunto”.

Gorz também conta que os encontros com Ivan Illich⁴⁸ em Cuenavaca, no México, tiveram um peso importante em suas vidas. Uma das questões fundamentais que Illich colocava dizia respeito à “autogestão”, que, para Gorz, confirmava a urgência da “tecno-crítica”. Em 1973, porém, Dorine começa a ter dores de cabeça insuportáveis e inexplicáveis.

O diagnóstico é cruel: ela sofria de aracnoidite, uma doença degenerativa e para a qual não havia nenhum tratamento. Ela se nega a seguir os tratamentos convencionais e a depender deles. “Tu decidiste tomar em tuas mãos teu corpo, tua doença, tua saúde; tomar o poder sobre a tua vida em vez de deixar a tecnociência medicinal” fazê-lo. Dorine decide praticar yoga como forma de se apropriar do seu corpo e controlar as dores. E Gorz conclui dizendo que “tua doença nos levou ao terreno da ecologia e da tecnocrítica”. Mais: “a ecologia tornou-se um modo de vida e uma prática diária constante para implicar a exigência de uma outra civilização”.

⁴⁸ Ivan Illich (1926-2002): pensador autor de uma série de críticas às instituições da cultura moderna, escreveu sobre educação, medicina, trabalho, energia, ecologia e gênero. A edição 46 da *IHU On-Line*, de 09-12-2002, dedicou-lhe a matéria de capa intitulada *Ivan Illich, pensador radical e inovador*. (Nota da *IHU On-Line*)

A doença e o amor entre os dois os leva a morarem numa casa no interior, onde passaram muitos anos, ocupando-se de si, plantando, recebendo amigos. Ele escrevendo, dando entrevistas. “Tu acabas de fazer 82 anos”, escreveu no ano passado. Ele tinha um ano a mais. “Ainda és bela, graciosa e desejável. Há 58 anos vivemos juntos e te amo como nunca”. Na última página, se pode ler: “Eu não quero assistir à tua cremação; eu não quero receber um frasco com as tuas cinzas. Ouço a voz de Kathleen Ferrier que canta ‘Die Welt ist leer, Ich will nicht leben mehr’ (O mundo está vazio, Eu não quero mais viver) e eu me acordo. Gostaríamos de não ter de sobreviver à morte do outro. Muitas vezes dissemos que se, porventura, tivermos uma segunda vida, gostaríamos de passá-la juntos”.

Alonguei-me de propósito neste tema, pois acredito que estas passagens são, por um lado, reveladoras de um Gorz cheio de paixão e de vida, e, por outro, não são conhecidas do grande público brasileiro. A trajetória intelectual de Gorz deixa transparecer um espírito inquieto, insatisfeito, livre, imprevisível, pois sempre atento às mudanças da realidade. Mesmo morando afastado do centro urbano (tido como sinônimo de acesso à informação, no senso comum), não ter nunca usado a internet, sempre esteve incrivelmente atualizado. Não se instalou em suas idéias tomando-as como escudos, mas soube revê-las, abandoná-las quando necessário. Em tudo foi um grande intelectual. E, por isso, representa uma grande perda.

A crítica e subversão de Gorz ao capital

ENTREVISTA COM RICARDO ANTUNES

Refletindo com e contra o legado de André Gorz, Ricardo Antunes falou, por telefone, com a redação da IHU On-Line. Na entrevista a seguir, concedida sexta-feira, 28-09-2007, ele menciona as suas concordâncias e discordâncias para com o intelectual que, em sua opinião, é, inegavelmente, é um dos grandes teóricos sobre o mundo do trabalho. Antunes comenta, entre outros assuntos, o livro Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho (São Paulo, Campinas: Cortez, Editora da Unicamp, 1995), que escreveu como resposta à polêmica levantada por Adeus ao proletariado: para além do socialismo (2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987), de Gorz, e lembra que ele foi um crítico do capital, que preconizava a subversão dos valores e da lógica desse sistema.

Antunes é graduado em Administração Pública, pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), mestre em Ciências Sociais, pela Unicamp, e doutor na mesma área, pela Universidade de São Paulo (USP), com a tese As formas de greve: o confronto operário no Abc paulista - 1978/80, publicada sob o título A rebeldia do trabalho (O confronto operário no ABC paulista: as greves de 1978/80) (2. ed. Campinas: Unicamp, 1992). Fez pós-doutorado na Universidade de Sussex, na Inglaterra, é livre-docente pela Unicamp, com a tese Adeus ao trabalho? (Metamorfoses no mundo do trabalho e dimensões da crise do sindicalismo), e professor titular em Sociologia do Trabalho, com a tese Os sentidos do trabalho (9. ed. São Paulo: Boitempo, 2005). Escreveu e organizou 30 obras, das quais mencionamos O que é sindicalismo (19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999); Desertificação neoliberal no Brasil (2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005); e Uma esquerda fora do lugar: o governo Lula e os descaminhos do PT (Campinas: Autores Associados, 2006 e Il Lavoro in Trappola. Milão: Jaca Book, 2006).

Na edição 132 da IHU On-Line, de 14-03-2005, concedeu a entrevista “1985-2005: A Nova República 20 Anos Depois”, e na edição 194 da IHU On-Line, de 04-09-2006, falou sobre A necessidade de uma política radical. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu, publicou inúmeros artigos e entrevistas escritos e realizados com Antunes. O artigo mais recente que veiculamos discute a centralidade do trabalho para Marcio Pochmann e Ricardo Antunes, nas Notícias do Dia de 10-04-2007. Confira, ainda, nas Notícias Diárias de 22-11-2006 a entrevista com Antunes intitulada A nova morfologia do trabalho e os (des)caminhos do sindicalismo.

IHU On-Line - Qual é o maior legado intelectual que André Gorz deixa à contemporaneidade? E como esse pensador pode ajudar a sociedade contemporânea a reformular seus conceitos sobre o trabalho?

Ricardo Antunes - Primeiramente, é preciso dizer que a morte de Gorz nos entristece muito. Ele tem uma obra vastíssima. Sua produção dos anos 1960 até hoje sempre foi, com todas as oscilações e diferenciações, positiva, instigante e provocativa na esquerda e para a esquerda. Temos a reflexão, nos anos 1960, sobre a nova divisão social do trabalho, a idéia de um exercício de uma autonomia operária, e, em seu período anterior, ele fazia uma espécie de aproximação entre marxismo e existencialismo, uma leitura muito humanista. Até a obra mais recente de Gorz, *Adeus ao proletariado*, e textos como *O imaterial*, publicado há pouco mais de dois anos no Brasil, são de importância fundamental. De tudo isso, permanece uma reflexão viva sobre as mudanças do mundo do trabalho.

A contribuição de Gorz é uma contribuição polêmica e eu mesmo pude, respeitosamente, polemizar aqui e ali com ela. O meu livro *Adeus ao trabalho?* é uma referência clara e polêmica a *Adeus ao proletariado*, de Gorz. Mas eu diria que, como o mundo do trabalho mudou, o significado do trabalho está alterado. Gorz, na concordância ou em dissonância com sua obra, ou na concordância e na discordância com um ou outro dos vários livros que compreendem sua obra, sempre agregava elementos de reflexão. Esse é o legado maior de Gorz, que era, também, um autor do limite, um crítico do capital. Lembro, inclusive, que na bela entrevista que ele concedeu à *IHU On-Line*⁴⁹, sobre a qual vários

intelectuais brasileiros foram chamados a debater, inclusive eu mesmo, ele indicava que era preciso subverter os valores e a lógica do sistema do capital. Não estou citando-o textualmente, pois não tenho o material em mãos, mas lembro do espírito da entrevista, que falava na necessidade de subversão da lógica e os desvalores do capital. Isso mostra que, mesmo na sua maturidade mais plena, sua reflexão mantinha o tom crítico. Em algumas das outras obras ele foi menor, mas o conjunto de sua produção é uma das mais ricas fontes no estudo sobre o trabalho, e é por isso que tem tanto impacto em tantas partes do mundo.

IHU On-Line - Gorz queria que o trabalho nos moldes capitalistas, fordistas, perdesse sua centralidade na imaginação de todos. Como isso é possível numa sociedade cada vez mais centrada no lucro e na tecnificação das atividades?

Ricardo Antunes - Aqui, é preciso fazer duas considerações preliminares. Gorz partia da noção de que o trabalho era sinônimo de trabalho assalariado. Esse trabalho assalariado para ele era a forma do trabalho, e, desse modo, para ele, o trabalho é pura negatividade. O meu contraponto é que entendo trabalho não como sinônimo de trabalho assalariado. O trabalho tem um sentido que transcende o sentido de trabalho assalariado. No capitalismo é que ele se torna trabalho assalariado. Então, é diferente. A minha concepção de trabalho tem um sentido muito anterior ao capitalismo. As sociedades primitivas, ao criar suas atividades vitais para a produção e reprodução de sua existência, estavam trabalhando. Esse é o primeiro ponto. Gorz tinha uma concepção muito precisa, com a qual não concordo.

⁴⁹ Trata-se da entrevista publicada nos *Cadernos IHU Idéias* n° 31 sob o título *A crise e o êxodo da sociedade salarial*. A edição foi lançada durante o 2º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. O texto está

disponível na página eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

Um segundo ponto é que a sociedade atual não é mais regida pela ética do trabalho assalariado. Aí, sob meu ponto de vista, penso que há uma relativa incompreensão da forma pela qual o trabalho hoje, seja o trabalho material, seja o trabalho imaterial, participam de modo subordinado do processo de criação do valor, de tal modo que a centralidade do trabalho hoje, ou a não centralidade, decorre da seguinte questão: o trabalho, seja material, ou imaterial, tem ou não, ainda, um papel ainda importante na criação do valor? Eu penso que tem.

A terceira questão é que Gorz, como muitos outros autores, se deixaram levar por uma espécie de hiperdimensionamento do papel tecnocientífico. Eu não entendo que a tecnologia e a ciência eliminem o trabalho como criação de valor. Entendo que a ciência e tecnologia interagem de modo muito complexo com essas novas modalidades de trabalho, de tal modo que o trabalho se mantém como potência criativa e o maquinário técnico-científico-informacional e digital é parte imprescindível dessa interação complexa para a criação do valor. Mas não pode eliminar a figura fundante, determinante do trabalho vivo. Acho que esses pontos são os que eu faria a minha nuance, o meu modesto contraponto de Gorz. Acredito que devemos acentuar os pontos polêmicos de Gorz, mas, antes disso, reconhecer que ele foi um lutador intelectual. Enquanto lutador intelectual ele inspira muitos trabalhos. Em certo sentido, mesmo que na polêmica, inspirou meu trabalho também, *Adeus ao trabalho?* Talvez não o tivesse sido escrito se não tivesse lido *Adeus ao proletariado*, entre outros textos de Gorz analisados naquele trabalho.

IHU On-Line - O que sobra depois do trabalho fordista abolido? É mesmo possível superar a sociedade salarial, conforme propunha Gorz?

Ricardo Antunes - Nós já não estamos mais num modelo de trabalho fordista, mas um trabalho assalariado que não é mais estável e regulamentado. Este é muito mais um trabalho assalariado instável, terceirizado, vivenciando uma forma do que eu chamo de precarização estrutural do trabalho. Não penso que o futuro seja do trabalho assalariado, taylorista e fordista, isso enquanto tendência já é parte do passado. Ele se mantém hoje apenas como herança forte do passado. O que vemos hoje é um trabalho assalariado reduzido a números menores de homens e mulheres que trabalham sob formas muito precarizadas, altamente intelectualizadas em algumas áreas, como os trabalhos de tecnologia de informação, combinando jornadas prolongadas com ritmos intensos de trabalho, gerando não o fim do trabalho, mas a nova morfologia do trabalho. Quando eu li *Adeus ao proletariado*, ali percebi um conceito, no meu ponto de vista, equívoco, qual seja: a não-classe dos não-trabalhadores. Foi lendo esse termo e refletindo sobre ele, a respeito do que eu considero um equívoco dessa conceitualização, que elaborei o termo classe-que-vive-do-trabalho. Criei esse conceito inspirado na polêmica com o conceito distinto e contrário de Gorz.

IHU On-Line - Que oportunidades e riscos o senhor percebe com o surgimento desse novo trabalho? Os trabalhadores estão na iminência de perder seus direitos já adquiridos?

Ricardo Antunes - Certamente. Quando eu falo em precarização estrutural do trabalho, percebo o risco de uma sociedade desumanizada, na qual o trabalho se tornou o objeto de destruição do mundo produtivo, assim como a dimensão ambiental sofre o processo brutal, voraz, de destruição por parte dessa lógica do capital. Se a sociedade se mantiver nessa lógica destrutiva que torna supérflua uma

massa imensa de trabalhadores, que torna destrutiva os bens da natureza, a humanidade já vivencia condições de barbárie e pode vivenciar coisas ainda piores. Isso recoloca, então, o imperativo de pensarmos uma alternativa societal que rompa com a lógica do capital e o seu sistema de metabolismo social. É preciso pensar numa lógica societal, cujo metabolismo social seja voltado para a produção de valores de uso para a produção de coisas úteis segundo o tempo disponível. Gorz, é preciso dizer, deu pistas interessantes nesse aspecto, ainda que, também aqui, tenhamos bons pontos de discussão e mesmo de polêmica. Se imaginarmos que hoje poderíamos trabalhar três ou quatro horas por dia, três dias por semana e toda a humanidade seria reproduzida, se a lógica do capital não fosse dominante e imperante, a humanidade seria mais atual nesse sentido. Sintetizando a resposta, se não quebrarmos essa lógica destrutiva que preside o mundo contemporâneo, a humanidade viverá processos ainda mais tenebrosos. Como eu tenho uma análise pessimista, mas um sentido otimista olhando para o mundo, penso que as lutas sociais que estamos presenciando na América Latina, Ásia e mesmo na Europa são sintomas de que a turbulência e a temperatura social do mundo estão aumentando. Isso vale, também, para a temperatura ambiental, o que é uma tragédia, mas aqui centro foco na temperatura social, que está, felizmente, subindo.

IHU On-Line - O trabalho imaterial não tende a ser uma nova forma de escravidão ao estar “onipresente” em nossas vidas, em celulares que tocam nas horas e lugares mais inconvenientes, ou em e-mails que agendam as pessoas a qualquer momento, mesmo fora do ambiente de trabalho? Qual é o limite entre esse trabalho imaterial e a

invasão das vidas privadas como instância última da subjetividade do ser humano?

Ricardo Antunes - Primeiramente, precisamos dizer o que entendemos sobre o trabalho imaterial. Eu tenho uma leitura muito diferente da de Gorz, Negri e outros autores que tomam trabalho imaterial como trabalho do afeto, do serviço, das necessidades. Penso que o trabalho imaterial tem o sentido marxista, como pensar o trabalho no passado era só formalmente dependente do capital e hoje é, digamos assim, mais do que formalmente, sofre as formas de uma subsunção real do trabalho ao capital. É o trabalho imaterial que agrega valor, esteja ele nas tecnologias de informação, marketing, propaganda, na criação de logotipos, pesquisas, desenho de novos softwares, novos maquinários informatizados. É um trabalho que agrega valor, e também, como toda a nova morfologia presente no mundo hoje, que tem outras dimensões. O primeiro passo, aí, seria caracterizar bem o que é o trabalho imaterial, algo que faço no meu livro *Sentidos do trabalho*, em minha contraposição aos autores que citei acima. Recentemente, numa coletânea que o professor Josué Pereira da Silva⁵⁰, da Unicamp, organizou sobre a obra de André Gorz, publiquei meu artigo no qual eu fazia a contraposição da minha leitura, do trabalho imaterial em relação à leitura de Gorz, com a qual não concordo em todos seus desdobramentos,

⁵⁰ **Josué Pereira da Silva**: intelectual brasileiro, graduado em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Sociologia pela New School For Social Research, nos EUA. De sua produção bibliográfica, destacamos **André Gorz. Trabalho e Política** (São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002), **André Gorz e seus críticos** (São Paulo: Annablume, 2006) e **Por uma sociologia do século XX** (São Paulo: Annablume, 2007). Confira, nesta edição, a entrevista que Josué concedeu à *IHU On-Line*, intitulada *Uma nova luz sobre o pensamento da esquerda*. (Nota da *IHU On-Line*)

sobre o que ele considerava como trabalho imaterial. Mas, se entendermos trabalho imaterial como dependente desse maquinário, é evidente que ele é a expressão como também uma forma de trabalho intelectual abstrato e, por essência, abstrato. Em sendo trabalho abstrato ele é, em essência, negatividade.

IHU On-Line - Gorz acreditava que a sociedade do trabalho não era o patamar mais alto que poderíamos atingir. Assim, o fim do trabalho convencional seria a chance do ser humano desenvolver seus reais potenciais criativos?

Ricardo Antunes - Não vivemos numa sociedade do trabalho, mas numa sociedade do trabalho fetichizado, maquinal, comandada pelo capital.

Nesse sentido, o trabalho só vai voltar a ter significado humano e societal quando nós formos capazes de demolir as barreiras que fundamentam a sociedade do capital. Eu uso a seguinte síntese: o trabalho que estrutura o capital (criando valores de troca) desestrutura a humanidade. Num contraponto, o trabalho que estrutura a humanidade (criando valores úteis) desestrutura o capital. Esse é o dilema do século XXI. Por fim, desdobrando essa contraposição: uma vida só pode ser dotada de sentido fora do trabalho se ela for, também, dotada de sentido dentro do trabalho. O capital, o sistema de metabolismo social do capital ontologicamente falando, impede um trabalho dotado de sentido dentro dessa lógica.

Teologia Pública

A HISTÓRIA DE JESUS NO RIO GRANDE DO SUL

A vivacidade das experiências de chegada e encontro com Cristo na história gaúcha

ENTREVISTA COM LUIZ CARLOS SUSIN

O frei Luiz Carlos Susin, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, é professor na PUC-RS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), em Porto Alegre. Ele é autor de inúmeros livros, entre os quais, citamos o livro organizado por ele, Teologia para outro mundo possível (São Paulo: Paulinas, 2006). Enquanto participava do Fórum da Igreja Católica no Rio Grande do Sul, realizado de 20 a 23 de setembro de 2007, em Porto Alegre, frei Susin respondeu a duas questões para a revista IHU On-Line, que publicamos a seguir. Confira, ainda, nas Notícias Diárias do site do IHU, www.unisinos.br/ihu, as entrevistas Uma visão idealista e uma afirmação muito identitária, publicada em 11-07-2007, e II Fórum Mundial de Teologia e Libertação, publicada em 09-02-2007, concedidas com exclusividade por Susin à IHU On-Line. Em 15-03-2007 Susin deu um depoimento especial ao site do IHU sobre a notificação do Vaticano a Jon Sobrino.

IHU On-Line - Que aspectos, elementos ou conteúdos de cristologia você considerou oportuno retomar em vista do Fórum da Igreja Católica do Rio Grande do Sul?

Luiz Carlos Susin - Coube-me investigar e apresentar a “história de Jesus no Rio Grande do Sul”, ou seja, a memória de sua chegada e o seu percurso, com as mudanças de seu perfil. Nós podemos encontrar, até meados do século XX duas figuras fundamentais de Cristo que agregam variantes e se inculturam em nossa terra:

a) O Bom Jesus da Paixão

A primeira configuração cristológica que nos chega pelo lado espanhol e pelo lado português e açoriano tem suas raízes na espiritualidade barroca ibérica. Na Europa, o barroco era, em parte, reação ao renascimento. Enquanto o renascimento era uma exaltação ao ser

humano, um antropocentrismo otimista, não conseguiu expressar as contradições humanas, sobretudo o sofrimento e a morte. No renascimento só há força, brilho, triunfo. O barroco voltou a representar a fragilidade, a obscuridade, a dor, inclusive a morte, integrando os contrários. E esta espiritualidade ganhou na península ibérica uma profundidade “moura”, apaixonada, onde amor e sangue, paixão como sentimento e como sofrimento se unem e dão o caldo da vida. Isso inclui a mistura de vida e morte, como o claro e o escuro, o pesado e o leve. Nas colônias, portanto em toda a América Latina, alcança ainda mais profundidade, sobriedade e, ao mesmo tempo, leveza. E a figura de Cristo na Paixão - em todos os sentidos da paixão - é o centro que configura também o povo e até a paisagem.

Na sexta-feira da paixão, está seu ponto de clímax: o Senhor da Cana Verde, o Ecce Homo, sobretudo o Senhor dos Passos, e o Senhor do Bom Fim representam Cristo na paixão em movimento, numa plasticidade impressionante. Em plena procissão, todos cantavam, então: “A morrer crucificado...”. No Rio Grande do Sul, há inúmeras capelas, imagens, ruas, bairros, com estes nomes: Senhor dos Passos, Senhor do Bom Fim. Não se trata de “muita sexta-feira santa e pouco domingo de Páscoa”. Na mesma representação, está concentrada a glória, representada pelo “esplendor”, a áurea de prata que se pode contemplar por trás da cabeça ensangüentada: há morte, mas já há glória e ressurreição. Além disso, na representação do Senhor do Bom Fim se representa também a Mãe das Dores e o discípulo e a discípula amados, João e Madalena, ou um dos dois, de tal forma que se pode compreender nesta cristologia barroca o evangelho de João: já na cruz brilha a glória porque antes da dor há o amor, amor até o fim, amor de paixão, tão apaixonado que leva de roldão a própria morte. Já não se sabe se o vermelho que domina o quadro se refere ao vermelho do sangue e da dor ou ao vermelho do amor apaixonado. E tudo isso num quadro de compaixão: se ele faz seus passos no meio do povo, então os sofrimentos do povo também têm esperança, pois se Deus sofreu tanto o sofrimento humano tem futuro. De tal forma que a compaixão fecha um círculo: não só ele teve compaixão dos sofrimentos humanos, mas é necessário ter compaixão dele, acompanhando e fazendo penitência para sofrer com ele numa redenção e numa glorificação somadas. Tal é o segredo e a resistência desta primeira cristologia.

Mas esta cristologia se inculturou profundamente na narrativa do Negrinho do Pastoreio, o Servo sofredor que representa de forma lendária, toda a paixão absurda em busca de sentido e de esperança dos escravos nas charqueadas, no pior tempo da escravidão. O negrinho do pastoreio é o inocente sofredor em cujas chagas muitos

serão beneficiados: depois de seu sofrimento até o fim, protegido pela figura da Madrinha Nossa Senhora, ele aparece “risonho e sarado”, em busca de tudo o que se perde pelos campos. É a glorificação, a mediação, o resgate até dos algozes. Lendas são “rastros das almas” (Coelho Neto) e significam uma realidade mais do que barroca, o maior contraste de nossa terra, o nosso trauma ainda não reconhecido. Junto a ele, se pode lembrar a figura heróica de Sepé Tiaraju⁵¹, que é lembrado por muitos lados, de forma popular, como aquele que, morrendo na defesa do seu povo por uma lança, aparece a cavalo com lança e brilho na testa - o “esplendor”, o mesmo do crucificado, tornando-se o “advogado”, o “defensor” dos que não tem defesa. Isso é levar a cristologia barroca até o que há de mais genuíno nas frestas do Rio Grande do Sul oficial: os descendentes de indígenas misturados e com memória traumatizada e os negros que levaram o Rio Grande do Sul nas costas e permanecem à margem.

b) O Coração de Jesus

A segunda “chegada” e configuração de Cristo no Rio Grande do Sul é o Coração de Jesus, ao qual corresponde a mariologia do Coração de Maria. Na Europa, esta cristologia tinha raízes místicas, mas se tornou a cristologia da identidade católica diante da modernidade, da secularização, do ateísmo e do agnosticismo provocados pelo iluminismo e pelo avanço das ciências, e diante da Reforma Protestante que tinha reduzido os sacramentos e a hierarquia. Aqui, o Coração de Jesus chegou de forma missionária, com as congregações religiosas. Veio trazendo um novo fervor, de caráter mais pessoal e sacramental, preocupado com

⁵¹ Sepé Tiaraju (s/data - 1756): índio guerreiro guarani, considerado um santo popular brasileiro. Sobre ele, confira a matéria de capa da *IHU On-Line* número 156, de 19 de setembro de 2005. Confira, ainda, nas *Notícias do Dia* de 22-09-2006 a entrevista com Agemir Bavaresco e Luís Borges, intitulada *Uma conversa sobre gauchismo, Sepé Tiarajú e Simões Lopes Neto*. (Nota da *IHU On-Line*)

a educação e a catequese, e mais conectado com a “romanização” do catolicismo barroco. Muitos colégios, províncias religiosas, seminários e associações, sobretudo o Apostolado da Oração, a “Folhinha do Coração de Jesus” etc. tiveram penetração pelo Rio Grande. Um novo “encantamento” se escutava: “Coração santo, tu reinarás...” E o povo, de certa forma, “barroquizou” o Coração de Jesus também. O coração foi representado com espinhos e sangue, e foi colocado em nichos e altares barrocos. A devoção e o fervor quase reduziram o Coração à doçura interior: “Meu doce Coração!”. Então, com o projeto romano de “Restaurar todas as coisas em Cristo” e a Ação Católica⁵², se configurou o Cristo Rei, uma espécie de “braço político” do Coração de Jesus. Cristo Rei ou Redentor passou a ser representado em espaços públicos, ao aberto, e ainda hoje, sobre o centro jesuíta de formação do clero por longas décadas é encimado pela figura de visão panorâmica do Cristo Rei. Com ele se catava “Levantai-vos, soldados de Cristo...”.

No entanto, os movimentos de preparação do Concílio e os documentos conciliares *Dei Verbum* e *Gaudium et Spes*⁵³ deram duas novas indicações para a cristologia que

⁵² **Ação católica:** nome dado ao conjunto de movimentos criados pela Igreja Católica no século XX, visando ampliar sua influência na sociedade, através da inclusão de setores específicos do laicato e do fortalecimento da fé religiosa, com base na Doutrina Social da Igreja. No Brasil, a Ação Católica foi criada em 1935 pelo Cardeal Leme. No início dos anos 1960, a Ação Católica contava com três organizações destinadas aos mais jovens: a Juventude Estudantil Católica (JEC), formada por estudantes secundários, a Juventude Operária Católica (JOC), que atuava no meio operário, e a Juventude Universitária Católica (JUC), constituída por estudantes de nível superior. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵³ ***Gaudium et Spes:*** Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento muitíssimo importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma), “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado

chegaria ao Rio Grande: o retorno às fontes históricas, com a hermenêutica histórico-crítica, e as dores e angústias com alegrias e esperanças “especialmente dos pobres” como contexto da realidade, o horizonte do Reino de Deus, horizonte de Jesus histórico e da realidade das periferias, que iriam se tornar inflacionadas a partir das décadas de 1960 e 70. Tudo isso iria provocar a emergência de uma nova cristologia também no Rio Grande do Sul: o Jesus Libertador narrado nos evangelhos e interpretado com os métodos de leitura popular da Bíblia, com o círculo Palavra-Vida, com a Leitura Orante da Bíblia etc. Da mesma forma, a mariologia correspondente seria a Maria de Nazaré, mulher do povo.

***IHU On-Line* - Quais são as implicações destes dados cristológicos para se pensar a presença da Igreja na sociedade contemporânea e, mais especificamente, em terras gaúchas?**

Luiz Carlos Susin - As experiências de chegada e de encontro com Cristo na história do Rio Grande do Sul estão ainda vivas não só na memória, mas na tradição e na experiência atual. As contradições e o sincretismo que torna coerente o que é aparentemente incoerente, próprio do barroco, ainda está na vida do povo, e por isso o Bom Jesus da Paixão é um evangelho de salvação, de consolo e de resistência nas tribulações populares. Temos ainda uma dívida histórica com os descendentes de Sepé e do Negrinho do Pastoreio, e a cristologia é lugar para saldarmos esta dívida.

por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et Spes*, confira o nº 124 da *IHU On-Line*, de 22 de novembro de 2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*. (Nota da *IHU On-Line*)

Por uma cristologia em diálogo com a diversidade cultural e religiosa

ENTREVISTA COM LUCIA WEILER

Enquanto participava do Fórum da Igreja Católica no Rio Grande do Sul, realizado de 20 a 23 de setembro de 2007, em Porto Alegre, a irmã Lucia Weiler, da Congregação da Divina Providência, respondeu a duas questões para a revista IHU On-Line, que publicamos a seguir. Weiler é professora na Escola de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF). Graduada em Teologia pela PUCRS, fez mestrado e doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) com a tese Fonte e dinâmica do amor mútuo: uma releitura trinitária a partir da exegese e hermenêutica de Jo 15,9. Em 15-09-2005 palestrou sobre O Concílio Vaticano II e as novas hermenêuticas bíblicas, dentro da programação do evento Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. É uma das entrevistadas da edição 8 dos Cadernos IHU em Formação, intitulado Teologia Pública e no Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, conduziu a oficina As mulheres seguidoras de Jesus, as mulheres nos sinóticos.

IHU On-Line - Que aspectos da cristologia você considera importantes em vista da vida e da missão da Igreja no Rio Grande do Sul hoje?

Lúcia Weiler - Contextualizo esta questão dentro da perspectiva bíblica das comunidades joaninas, que, pelas suas características pluriétnicas e interreligiosas, se identificam muito com nossas comunidades eclesiais hoje. A Escritura joanina não oferece muito material para uma reconstrução da prática histórica de Jesus, mas é valiosa como chave de leitura para uma compreensão hermenêutica da práxis de Jesus. Jesus não define, não escreve, não documenta, mas age. Sua prática torna-se então critério ético e hermenêutico. Dentre muitos outros, destaco três aspectos cristológicos importantes:

1. Uma cristologia aberta, em construção de busca constante e de seguimento. Há uma tensão permanente entre Jesus, a Palavra de Deus, projeto de vida

encarnada na realidade humana, e a Escritura. Na visão joanina, nenhuma cristologia pode considerar-se pronta, acabada, definida, mas deverá ser sempre uma cristologia em diálogo, acolhedora das surpresas de Deus e aberta aos novos sinais dos tempos. Confirmam isso as próprias palavras de despedida de Jesus no seu discurso antes de partir de volta ao Pai: “Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não sois capazes de as compreender agora. Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, vos conduzirá na Verdade plena. Ele não falará por si próprio, mas vos dará a conhecer tudo quanto ouvir e vos anunciará o que há de vir.” (Jo 16, 12-15). Nesta perspectiva, toda pessoa que segue Jesus de Nazaré na força condutora histórica do Espírito da Verdade torna-se contemporânea de Jesus, que aparece numa “fusão de horizontes” como “pré-existente, terreno e exaltado”.

2. A Palavra, que é vida em Deus, se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). Jesus Cristo, na perspectiva das comunidades do Discípulo Amado é a Palavra que se fez carne e veio (acampar) armar sua tenda e “habitar” no meio de nós. Ele se apresenta como “EU SOU”, portanto o Deus que caminha com seu povo como Javé se revelara no Êxodo. Sua Pessoa e sua prática, sua vida e missão, isto é, o próprio Jesus de Nazaré, torna-se, assim, hermeneuta de Deus na história humana. Só pode ser compreendido e conhecido no processo dinâmico de busca, de seguimento, como consequência da adesão. Adesão e seguimento implicam sempre em rupturas com esquemas religiosos fixistas. Daí a pergunta de Jesus para quem vai ao seu encontro: Quem procurais? Pergunta de Jesus aos primeiros discípulos: Chamado pré-pascal (Jo 1,38). Quem procuras? Pergunta de Jesus à Maria Madalena, primeira discípula: Chamado pós-pascal (Jo 20,15).

A profissão de fé cristológica no Evangelho de João é feita por mulheres, destacando-se principalmente a Marta, da casa de Betânia, comunidade que Jesus amava. Num momento em que as evidências da morte (Lázaro) estavam aí presentes na comunidade, Jesus revela para Marta: “Eu sou a Ressurreição e a Vida: aquele que crê em mim ainda que morra, viverá, e todo que vive e crê em mim não morrerá jamais. Crês nisto?”. “Sim Senhor”, respondeu Marta, “eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, Aquele que vem ao mundo”. (Jo 11, 25-27).

3. Caminho cristológico - Paisagem comunitária - Horizonte trinitário. A intenção cristológica em João é testemunhar que em Jesus de Nazaré e na Comunidade de seguimento se manifesta a Vida do Deus invisível:

“Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14, 9); “A Deus ninguém jamais viu. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e seu amor em nós é perfeito. Nisto reconhecemos que permanecemos nele e ele em nós: ele nos deu o seu Espírito” (1 Jo 4, 12-13). Nossa busca e nosso agir serão orientados pelo que vemos de Deus na prática e nas opções de Jesus. Jesus não é outro Deus, Ele é Deus na relação com o Pai e o Espírito. Por isso, a divindade de Jesus se manifesta através de seu amor e obediência filiais ao Pai. Se o Pai é maior que Jesus, não significa uma hierarquia de relações, na trindade. Apesar de todo cristocentrismo joanino, a certeza de que em Deus encontramos o Mistério que é “sempre maior” significa uma abertura para a busca de Deus através de outros caminhos ecumênicos.

IHU On-Line - Que possibilidades decorrem destes dados cristológicos para a prática eclesial?

Lúcia Weiler - Acolher a diversidade cultural e religiosa presente nas comunidades eclesiais hoje e elaborar uma cristologia em diálogo como essa diversidade. Valorizar mais a sacralidade do corpo na evangelização cristã, evitando os dualismos ainda tão comuns entre corpo e alma, matéria e espírito: “A Palavra se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14). Ser mais Comunidade de Seguimento de Jesus enraizada no amor trinitário e evitar modelos eclesiais que estabelecem relações hierárquicas e excludentes. Tecer novas relações igualitárias de serviço no amor até o fim.

Uma cristologia gaúcha?

ENTREVISTA COM ANTONIO REGES BRASIL

Antonio Reges Brasil é professor na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL).

Licenciado em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e graduado em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, cursou mestrado na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália, em Cristologia com a dissertação Significado da morte de cruz de Jesus na Cristologia de Jon Sobrino. Nessa mesma instituição, doutorou-se em Teologia Sistemática, com a tese O presbítero na igreja e a crise da dimensão sacerdotal do ministério segundo 'Théologie du Sacerdoce' de Gustave Martelet, SJ. Reges é, também, diretor do Instituto de Teologia Paulo VI, ligado à UCPEL.

IHU On-Line - Qual a importância de uma abordagem sobre a Cristologia na Igreja do Rio Grande do Sul?

Antonio Reges Brasil - A importância vem do próprio fato de que a Igreja existe, porque ela é convocada, reunida no Espírito Santo para dar testemunho de Cristo. Sem esta fundamentação cristológica, não existe Igreja, ou talvez existiria uma associação até com fins filantrópicos, mas não exatamente Igreja. Igreja é a comunidade dos que crêem em Cristo, dos que foram incorporados em Cristo. Então, pensar esta realidade na história do Rio Grande do Sul, pensar também desde o presente da vida da Igreja gaúcha para o futuro, é algo realmente importante e decisivo.

IHU On-Line - Falando em Cristologia na Igreja do Rio Grande do Sul, quais são os desafios e as possibilidades de uma Cristologia Gaúcha?

Antonio Reges Brasil - Em primeiro lugar, eu penso que o primeiro desafio é, exatamente, nós reencontrarmos a alegria de Cristo, reencontrarmos o Evangelho como uma proposta de vida. O Lema do Fórum diz isso: "A Vida se manifestou, nós a vimos e a testemunhamos", nós somos testemunhas dessa vida, nós vivemos essa vida e nós queremos comunicar esta vida. Parece-me que aqui há um desafio enorme, pois nós vivemos numa realidade na

qual, evidentemente, existem muitas ameaças à vida e também muitas formas de fazer com que essa vida não seja feliz. No Rio Grande do Sul, hoje, há a realidade do desemprego e da violência urbana, o estado de abandono em que vivem as populações das grandes cidades, a falta de perspectiva. O horizonte do povo que vive no interior é o desmoramento dos jovens que não têm para onde olhar e são assediados por propostas que são vazias de sentido. São tantas as realidades que negam a vida e fazem a vida menos bela e menos feliz elas realmente e que são desafio enorme para quem tem alegria de Cristo no coração e quer comunicá-la não como um verniz, nem como uma cruz para pendurar no peito, nem como uma superficial religiosidade, mas exatamente como o eixo da própria vida, o centro da própria vida, a razão de ser. É uma questão que me parece, de saída, muito desafiadora.

O segundo desafio é que nós carregamos uma história de 250 anos. Não é pouca coisa. Embora sejamos uma Igreja jovem, essa Igreja tem uma história e esta história vem também com suas marcas. A Igreja do Rio Grande do Sul certamente nunca causou nenhum escândalo maior para quem não crê. No entanto, todos sabem que somos filhos, continuadores de uma Igreja que tem seus pecados históricos, os quais, muitas vezes, pesam como

um entrave para a evangelização. Muitas pessoas se fecham e não tomam em consideração a seriedade da proposta do evangelho pelos contra-testemunhos da história e do passado. É preciso saber ajudar as pessoas a superar isso, não a negar, porque negando nós só agravamos o problema. É importante reconhecer o que aconteceu e sem inocentar-nos de culpas, de erros, de desvios. Acho que é uma tarefa muito importante, e a Cristologia certamente ajuda a fazer esta releitura a partir dos dados históricos.

Então, falar em uma Cristologia na Igreja do Rio Grande do Sul é pensar Jesus Cristo na realidade sociocultural gaúcha. É pensar Jesus na realidade do passado e do presente.

IHU On-Line - E relendo a história, olhando o passado e o presente, podemos reconhecer diferentes cristologias?

Antonio Reges Brasil - Eu acredito que o Fórum da Igreja do Rio Grande do Sul nos ajuda ao nos faz pensar várias coisas. Podemos pensar, por exemplo, nos Sete Povos das Missões⁵⁴. Nós nos perguntamos qual Cristo foi

⁵⁴ **Missões Jesuíticas:** simplificação da expressão Território dos Sete Povos das Missões, que designa a região situada a noroeste do atual estado do Rio Grande do Sul, na atual fronteira entre o Brasil e a Argentina, a leste do vale do Rio Uruguai. As missões jesuíticas tiveram grande importância histórica para todo o Brasil. O Tratado de Madrid estabeleceu limites entre territórios espanhóis e portugueses, e os Sete Povos das Missões passaram a pertencer à Espanha, o que obrigaria os índios a mudarem-se para a outra banda do rio Uruguai. Esse foi um dos motivos que determinaram a Guerra Guaranítica, uma guerra que colocou os jesuítas, aliados aos índios Guaranis, contra os exércitos dos países ibéricos, marco da derrocada das povoações missioneiras. No **Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas: origens, história e impactos**, realizado em setembro de 2006 na Unisinos, os sete povos foram tema de inúmeros mini-cursos e oficinas. Mais informações sobre as missões jesuíticas podem ser obtidas nas edições da IHU On-Line número 156, de 19 de setembro de 2005, intitulada **Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel**, e número 186, de 26 de junho de 2006, **Jesuítas. Quem são?** O site do IHU, www.unisinos.br/ihu, em suas Notícias do Dia dá amplo destaque aos

vivido lá, qual Cristo foi testemunhado lá, que Cristo é anunciado desde a realidade dos povos indígenas hoje presentes no Rio Grande do Sul. Existe uma Cristologia Indígena no Rio Grande do Sul ou não tem? É possível elaborar uma Cristologia a partir da experiência dos nossos herdeiros dos povos indígenas? Que elementos ela deve pesquisar e reforçar, e o que se diz dos povos indígenas? O que se deve dizer dos negros, dos descendentes dos africanos? Talvez não haja grandes culpas do nosso passado como na Europa, mas nós não podemos esquecer a escravidão africana do Rio Grande do Sul. Nós não podemos esquecer que em algumas regiões do Estado as comunidades indígenas simplesmente desapareceram, foram varridas. Não há mais nenhum vestígio, a não ser no mapa genético das pessoas.

Além disso, existem outras situações a serem consideradas e questões que precisamos nos colocar. Há a situação da mulher gaúcha, toda a realidade da história carregada de machismo de nossa cultura: será que ela foi superada? Há uma Cristologia que interessa à mulher gaúcha? Como é que a cristologia pode ser pronunciada, afirmada nos novos movimentos populares, nas lutas dos sem terra, das organizações populares, nas cidades, nas esperanças que os jovens carregam no coração? Tudo isto aí tem a ver com Cristo.

Talvez tenhamos que abrir todo um capítulo novo nos nossos Institutos de Teologia e também nas Universidades Católicas para estudar estas questões, porque nós nos

sete povos. Confira, em 17-09-2006, a entrevista **A música nos sete povos das missões**, com Décio Andriotti. Em 03-08-2006 os historiadores Beatriz Franzen e Alcy Cheuche concederam os seguintes depoimentos, respectivamente, “**Em absoluto posso aceitar a tese de que uma teocracia estava se formando nas missões jesuíticas**” e **Jornal Nacional das Missões Guaranis: entre tapas e beijos**. Outras entrevistas importantes foram concedidas pelo Irmão Antonio Cechin em 23-02-2007 sob o título **A utopia da terra sem males** e por Edison Hüttner sobre **O retorno do repicar do Sino de São Miguel**, em 22-04-2006. (Nota da **IHU On-Line**)

contentamos muito em assimilar aquela cristologia que é pensada na Europa e publicada lá. Ansiamos pela tradução dos grandes textos dos Teólogos europeus e não investimos e nos animamos a fazer uma pesquisa aqui e a refletir desde aqui. Penso que o Fórum na Igreja no Rio Grande do Sul vai marcar época no sentido de nos estimular a um novo processo metodológico.

***IHU On-Line* - E o surgimento e crescimento novos movimentos religiosos na realidade gaúcha também implica algo novo para a Cristologia?**

Antonio Reges Brasil - Em geral, estes movimentos têm uma tendência neo-conservadora e, como tais, eles repetem tranqüilamente a Cristologia do Concílio de Calcedônia⁵⁵, por exemplo, a cristologia do catecismo da Igreja Católica. Não admitem nenhuma reflexão a partir dali e são bastante fechados do ponto de vista teológico, portanto, da Cristologia. Eu não sei se eles vão trazer alguma contribuição nova. Eu temo que eles tragam, simplesmente, uma mentalidade de restauração de um catolicismo que não tem mais lugar na sociedade como ela é hoje.

Então, nós teremos umas tentativas canhestras de restauração de um velho catolicismo que existe talvez na mentalidade e na ideologia que eles propagam. De um conservadorismo que ao, meu ver, é bastante docetista⁵⁶, próprio de um passado mais antigo do que

⁵⁵ **Concílio de Calcedônia:** concílio ecumênico realizado entre 8 de outubro e 1º de novembro de 451 na Calcedônia, cidade da Bitínia, na Ásia Menor. Foi o quarto dos primeiros sete Concílios da história do Cristianismo, onde foi repudiada a doutrina de Eutiques do monofisismo e declarada a dualidade humana e divina de Jesus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Por não ter sido aceito por alguns movimentos cristãos ortodoxos, o Concílio deu origem à Igreja Copta e outras Igrejas nacionais. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁶ **Docetismo:** nome dado a uma doutrina cristã do século II, considerada herética pela Igreja primitiva, que defendia que o corpo de Jesus Cristo era uma ilusão, e que sua crucificação teria sido apenas aparente. Não existiam docetas enquanto seita ou religião específica, mas como uma corrente de pensamento que atravessou diversos

eles. Voltando ao passado, nós vamos encontrar muitas tendências docetistas já no início da reflexão cristã, que, me parece, que são retomadas por alguns movimentos hoje. Elas apresentam um Cristo sem história, um Cristo sem o Reino e a causa do Reino. Tudo é pensado numa forma espiritualizada e dentro da perspectiva de um certo escatologismo. Neste sentido, eu acredito que os movimentos deveriam, honestamente, olhar os apelos que vem das realidades onde estão se inserido, toda prática cristã vivida no passado e no presente, num esforço de sintonia com o Jesus histórico e com os desafios que a realidade apresenta, com os sinais dos tempos. E isto eu não vejo muito, infelizmente.

***IHU On-Line* - Existem diversas questões postas em torno à problemática ambiental, no âmbito da ecologia. Isso teria alguma implicação para nossa Cristologia?**

Antonio Reges Brasil - Sem dúvida, porque o Concílio Vaticano II coloca Cristo como o sentido mais profundo não só do ser humano, mas da própria criação. Esta visão, que estava na *Gaudium et Spes*, não só nos abre para uma antropologia mas também para uma teologia da criação e para a ecologia, que vai nos ajudar a relacionar em Cristo todas as coisas. Houve um período no Rio Grande do Sul que Teilhard de Chardin⁵⁷, por exemplo,

estratos da Igreja. Esta doutrina é refutada no Evangelho de São João. A origem do docetismo é geralmente atribuída a correntes gnósticas para quem o mundo material era mau e corrompido e que tentavam aliar, de forma racional, a Revelação, diposta nas escrituras à filosofia grega. Esta doutrina viria a ser condenada como heresia no Concílio Ecumênico de Calcedônia. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁷ **Pierre Teilhard de Chardin** (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas *Notícias do Dia* do site do IHU, www.unisinosbr/ihu, **Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi**

era muito lido e estudado. Eu vejo que ali há uma contribuição enorme para as questões que hoje são levantadas na ecologia. Há até a expressão do “Cristo cósmico”, que é paulina, mas ela que foi muito recuperada e retomada a partir dos estudos de Teilhard de Chardin. Eu acredito que aqui há todo um terreno a ser aprofundado, que é muito fecundo. Nós estamos enfrentando o desafio nos graves problemas que ameaçam o planeta. Certamente, podemos encontrar no mistério de Cristo profundas intuições que nos ajudarão a tomar decisões existenciais e, quem sabe, decisões políticas de grande alcance para vivermos em comunhão com o criado, como guardiãs da criação e não como dominadores, predadores e gente inconsciente, que vive como se fosse a última cadeia das gerações.

IHU On-Line - E para finalizar: olhando as múltiplas transformações que observamos no mundo de hoje, o que você sinalizaria como as questões mais desafiadoras e como as principais esperanças no que se refere à Cristologia?

Antônio Regis Brasil - Eu colocaria em primeiro lugar a questão do mundo dos pobres. Eu vejo que este continua sendo o grande desafio da Igreja no Rio Grande do Sul, no Brasil, na América Latina, no Mundo. Porque, realmente, se nós queremos ser discípulos e discípulas de Cristo Jesus nós precisamos nos converter para os pobres no sentido de que Ele é um pobre, Ele é O pobre. E O pobre só pode ser solidário com os pobres. Ora, como se entenderia um discípulo que toma o caminho alheio ao que o mestre tomou? Eu creio que, neste sentido, esta

chamado de evolucionismo cristão. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título **Teilhard de Chardin: cientista e místico**. Confira, ainda, as entrevistas **Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria**, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e **Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry**, publicada na edição 142, de 23-05-2005, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista **Teilhard e a teoria da evolução**. (Nota da *IHU On-Line*)

percepção de Cristo, do Verbo divino que se encarnou e que se fez homem pobre e se encarnou no meio dos pobres, é um grande desafio para a Igreja do Rio Grande do Sul e do mundo todo. Quando o Papa João XXIII, logo depois de ter convocado o Concílio retomou o tema da Igreja dos pobres num programa radiofônico em Roma, ele abriu, certamente, um horizonte que nós palmilhamos minimamente até agora, em que, talvez, apenas tenhamos engatinhado. Mas mesmo apenas tendo engatinhado neste caminho novo, que é o velho caminho da revelação de Deus, que está na Bíblia, nós já tivemos muitas conseqüências muito lindas para a vida da Igreja e do mundo. Há tanta força de testemunho, que vai até o derramamento do sangue. Podemos constatar isto, por exemplo, no episódio recente do assassinato de Ir. Dorothy⁵⁸, que une cristologia, ecologia, vida religiosa, comunidade de base, movimentos populares, defesa da Amazônia, une tudo isto naquele corpo frágil de uma mulher estrangeira, que se fez coração brasileiro, que foi capaz de dar a sua vida, derramar o seu sangue. É evidente que o fato, em si é muito triste, mas paradoxalmente, por ser um fato pascal, ele não nos entristece, mas nos enche de alegria e esperança, porque é assim que Jesus é testemunhado hoje, é assim que a vida se manifesta hoje: quando nós não fugimos dos problemas e dos desafios, mas nós encontramos

⁵⁸ **Dorothy Mae Stang** (1931-2005): freira norte-americana, naturalizada brasileira. Pertencia à congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Namur. Em 1966, iniciou seu ministério no Brasil, na cidade de Coroatá, no Estado do Maranhão. Atuou ativamente nos movimentos sociais no Pará. Sua participação em projetos de desenvolvimento sustentável ultrapassou as fronteiras da pequena Vila de Sucupira, no município de Anapu, no Pará, ganhando reconhecimento nacional e internacional. A religiosa participava da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Defendia uma reforma agrária justa. Irmã Dorothy Stang foi assassinada, com sete tiros, aos 73 anos de idade, no dia 12 de fevereiro de 2005, a 53 quilômetros da sede do município de Anapu. Para maiores detalhes sobre o fato, consulte as *Notícias do Dia* dessa data, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), endereço www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

alegria, entusiasmo e força evangélica enfrentando os problemas e desafios. Este é o caminho retomado pela Igreja, que não quer mais ser a Igreja do Poder do Império, a Igreja das concordatas, dos acordos diplomáticos, mas que quer ser uma Igreja Livre, Discípula, testemunha fiel. Este testemunho que entre nós tem sido tão abençoado por realmente dar de novo

ao mundo dos pobres a companhia de Jesus, a parceria de Jesus, a presença de Jesus, é algo que tem um valor infinito, um valor de eternidade e tem valor fecundo para o futuro, porque é esta alegria do evangelho reencontrado e abraçado com autenticidade, com coragem, que vai dar ao mundo esperança e um futuro realmente.

Filme da Semana

O FILME COMENTADO NESSA EDIÇÃO FOI VISTO POR ALGUM/A COLEGA DO IHU E ESTÁ EM EXIBIÇÃO NOS CINEMAS DE PORTO ALEGRE.

Medos privados em lugares públicos

Ficha técnica

Nome: *Medos privados em lugares públicos*

Nome original: *Coeurs / Private fears in public places*

Cor filmagem: Colorida

Origem: França

Ano produção: 2006

Gênero: Comédia - Drama

Duração: 120 min

Classificação: 14 anos

Direção: Alain Resnais

Elenco: Sabine Azéma, André Dussollier, Pierre Arditi, Lambert Wilson, Laura Morante, Isabelle Carré

Sinopse: No bar de um grande hotel 5 estrelas, o garçom Lionel (Pierre Arditi) escuta todos os dias as histórias de um cliente assíduo, Dan (Lambert Wilson). Ex-militar, Dan tem problemas para procurar emprego, o que torna cada dia mais instável seu relacionamento com a noiva Nicole (Laura Morante).

Nicole está ansiosa para mudar de apartamento e para isso procura um corretor de imóveis, Thierry (André Dussollier). No seu escritório, Thierry divide o espaço com a secretária Charlotte (Sabine Azéma). Cristã fervorosa, ela empresta ao colega de trabalho fitas de vídeo onde gravou trechos de seu programa religioso favorito. Ao assisti-los, Thierry tem uma surpresa.

Charlotte começa a tomar conta do pai doente de Lionel à noite, período em que o garçom precisa sair para o trabalho. E a irmã de Thierry, a solitária Gaëlle (Isabelle Carré), acaba cruzando o caminho de Dan.

“É surpreendente a boa forma do diretor francês Alain Resnais. Aos 85 anos, o autor de *Hiroshima Meu Amor* (59), *O ano passado em Marienbad* (61) e *Providence*.

(77) continua ativo e perspicaz como sempre. E realiza aqui um extraordinário filme sobre a procura afetiva e a solidão”, constata Neusa Barbosa. “Tudo é humano, tudo é simples e, ao mesmo tempo, surpreendente”, escreve o jornal *O Estado de S. Paulo*, 4-09-2006, quando o filme foi apresentado no festival de Veneza no ano passado.

“A cada momento nos damos conta de que cada personagem tece, na verdade, seu próprio labirinto. Ele o esconde sob uma identidade, sob a aparência de uma unidade. Mas Resnais parece que vai dispendo espelhos dentro de cada um, enquanto a história se desenvolve, multiplicando-os, tornando-os ao mesmo tempo

quebradiços e estilhaçados mas também surpreendentes em sua diversidade e ricos em seus paradoxos”, comenta Inácio Araújo, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 13-07-2007.

Segundo ele, *Medos privados...* faz transparecer com clareza a enorme unidade dessa obra sempre diversa e surpreendente que Resnais vem construindo nos últimos 50 anos e que faz dele um dos grandes cineastas de nosso tempo”.

A força do afeto em novo filme de Alain Resnais

Luiz Carlos Merten comenta o filme de Alain Resnais, em artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo, 12-07-2007.

Alain Resnais trabalhava no projeto de uma ópera adaptada de Kurt Weil, *O Tsar se faz fotografar*. Já tinha o elenco, a direção de arte, a cenografia, a partitura.

Faltava o dinheiro. Como disse o diretor em sucessivas entrevistas, é muito difícil financiar uma ópera no cinema. O último grande aficionado, Daniel Toscan du Plantier, morreu há alguns anos. A ópera cinematográfica de Resnais foi arquivada.

Em busca de uma alternativa para seguir trabalhando, ele se voltou para o dramaturgo inglês Alan Ayckbourn⁵⁹ e fez *Coeurs*, uma adaptação da peça *Medos privados em lugares públicos* (que virou o subtítulo no original e o título no Brasil).

⁵⁹ Sir Alan Ayckbourn (1939): dramaturgo inglês, freqüentemente citado como o segundo mais produtivo na Inglaterra, depois de William Shakespeare. (Nota da *IHU On-Line*)

Um filme de Alain Resnais é sempre um acontecimento, mesmo que a obra recente do autor não pareça mais tão revolucionária, na linguagem e até nos temas, como quando ele fez pináculos da modernidade no cinema - *Hiroshima, meu Amor, O ano passado em Marienbad e Providence*. Resnais mudou para continuar o mesmo - viciado pela forma, atraído por personagens que parecem retomar os ratos de laboratório de Henri Laborit em *Meu tio da América*.

Metáfora

Em vários momentos, quando Laura Morante visita os apartamentos desertos em companhia de André Dussolier, em busca do lugar ideal para habitar com Lambert Wilson, a câmera no alto, filmando em plongê - de cima para baixo -, acentua esse caráter de ratos num labirinto. Para seus atores e técnicos, Resnais construiu outra metáfora - a de uma teia abandonada pela aranha,

mas na qual permanecem presos sete insetos. Três homens e três mulheres compõem casais (ou uma espécie de). Cruzam-se no mesmo espaço, menos um homem e uma mulher. E há uma figura misteriosa, obscura, Arthur.

No passado, Resnais já havia adaptado Ayckbourn, fazendo *Smoking/No Smoking*. O autor inglês possui um teatro em Scarborough, que o próprio Resnais prefere definir como casa de cultura. Inclui duas salas de teatro, um cinema, um bar e uma livraria. Todo ano Ayckbourn cria uma peça nova para apresentar em seu espaço. Há cinco, Resnais não o visitava. Ayckbourn havia estreado cinco novas peças, portanto. A que mais seduziu o diretor foi *Medos privados em lugares públicos* - pelo estranhamento, como ele diz. Forneceu o material para que trabalhasse com atores que, cada vez mais, lhe são fiéis - Sabine Azéma, Pierre Arditi, André Dussolier, Claude Rich. A eles somam-se Laura Morante (de *O quarto do filho*)⁶⁰, Isabelle Carré e Lambert Wilson.

Desconstrução

Para se posicionar em relação a *Medos privados em lugares públicos*, o que o espectador precisa renunciar, de saída, é à intriga. Resnais sempre gostou de desconstruir suas histórias, embaralhando tempo e espaço (*Hiroshima e Marienbad*) ou embaralhando realidade e imaginação (*Marienbad e Providence*). Não acontece muita coisa em *Medos privados*.

⁶⁰ Produzido em 2001, o filme *O quarto do filho*, do diretor italiano Nanni Moretti, tenta mostrar como se lida com a morte de um ente querido. A história se passa em uma pequena cidade da Itália, onde o psicanalista Giovanni, interpretado pelo próprio diretor, mora com sua esposa e dois filhos adolescentes. Em um primeiro momento, Giovanni aparece como um pai despreocupado. Mais adiante, é um pai em desespero que se culpa pela morte do filho. É na sua mulher e na sua filha que ele encontra motivo para continuar vivendo. O filme foi vencedor da Palma de Ouro, prêmio máximo do Festival de Cannes, no ano de seu lançamento. (Nota da *IHU On-Line*)

Os personagens estão sempre em movimento, existem quíprocós divertidos em cada um deles. Charlotte, interpretada por Sabine Azéma, é uma cristã interessada na salvação da humanidade ou uma perversa capaz de maquinações maquiavélicas? A fita de vídeo que ela dá a Thierry (Dussolier) sobre o programa *Canções que mudaram nossas vidas* é um tédio, pelo menos até que entre em cena esta mulher seminua - a própria Charlotte? - fazendo contorcionismos físicos que deixam o coroa solitário louco.

Imaginário

Como se posicionar face ao imaginário de Resnais? Uma boa porta de entrada é a que leva ao espaço habitado por cada personagem. Nicole (Laura Morante) busca uma casa, um apartamento de três peças. Cada personagem possui sua casa, ou seu espaço, menos Charlotte, que compartilha o escritório com Thierry e leva seu maquiavelismo ao apartamento de Lionel (Arditi), onde exerce a função de enfermeira do pai dele, e menos Dan (Lambert Wilson), que passa a maior parte do tempo no bar em que Lionel é o atendente.

Resnais não vê incompatibilidade alguma entre cinema e teatro. Ao contrário do livro, em que o leitor pode voltar atrás, no teatro não se pede ao ator que repita a cena nem ao operador, no cinema, que volte atrás com o filme. A peça e o filme, como a vida, vêm num jorro.

Resnais situou a ação em Bercy, na área próxima à Biblioteca Nacional. É uma Paris que não parece Paris. O exterior não importa muito, só o interior, onde neva, ainda por cima - dentro das casas! O tema de Ayckbourne é o medo privado no lugar público. O de Resnais é o afeto, contra a indiferença. Não por acaso, ele rebatizou seus filmes como *Coeurs - Corações*.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 24-09-2007 A 30-09-2007

Barragens: energia para quê e para quem?

Marco Antonio Trierveiler, coordenador do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)

Confira nas *Notícias do Dia* 24-09-2007

A água e a energia não podem ser vistas como mercadorias e devem “estar a serviço e sob o controle do povo brasileiro”.

A cultura da celulose

Ludwig Backup, professor da UFRGS

Confira nas *Notícias do Dia* 25-09-2007

As investidas das empresas de celulose no Rio Grande do Sul continuam. Enquanto isso, mais e mais camponeses são expulsos de suas terras. As empresas continuam com seus privilégios, cedidos pelo governo do Estado, ainda quando inúmeros pesquisadores provam os grandes malefícios que essa cultura desenfreada de eucaliptos destrói o solo e o povo rio-grandense.

As cartas de Madre Teresa de Calcutá

João Quirino Weber, padre jesuíta

Confira nas *Notícias do Dia* 25-09-2007

“Madre Teresa lembra com a sua vida que a verdadeira realização da pessoa inclui a transcendência para o próximo e para Deus Vai além do individual e subjetivo. Vai além do tempo e do espaço”, afirma Pe. Quirino

Weber, comentando a “noite escura” de Madre Teresa de Calcutá⁶¹.

Marcha do MST pelo Rio Grande do Sul

Mauro Cibulski, Frei Zanatta e Nilton Lima

Confira nas *Notícias do Dia* 26-09-2007

Desde o dia 12 de setembro, cerca de 1.500 famílias sem-terra dividiram-se em três grandes marchas e seguem pelo Rio Grande do Sul, promovendo debates acerca da reforma agrária. O Movimento dos Sem Terra (MST) pretende que até a segunda quinzena de outubro as três marchas se encontrem na cidade de Coqueiros do Sul. Sobre o assunto, entrevistamos três líderes das marchas: Mauro Cibulski, da marcha que saiu da Região Metropolitana de Porto Alegre; Frei Zanatta, que acompanha a marcha provinda de Pelotas; e Nilton Lima, que está com os sem-terra vindos de Bossoroca.

Ação Popular e a esquerda católica: um resgate

Fábio Pires Gavião, historiador

Confira nas *Notícias do Dia* 27-09-2007

“A esquerda católica e a Ação Popular (AP) na luta pelas reformas sociais (1960-1965)” foi o título da dissertação de Fábio Pires Gavião. Ele fez seu trabalho

⁶¹ Sobre o tema, consultar o amplo material publicado nas *Notícias do Dia* da página www.unisinos.br/ihu. Lá foram publicadas, entre outras, uma entrevista com Luís González-Quevedo e um artigo de James Martin. (Nota da *IHU On-Line*)

sobre o movimento da Ação Popular, surgido em 1962, após um congresso da esquerda católica. Era um movimento em prol das [reformas sociais](#), existente até um ano após a instituição da ditadura militar, a qual jogou na clandestinidade seus líderes.

Vidas no singular? Sobre o fenômeno das 'mulheres sós'

Eliane Gonçalves, nutricionista

Confira nas *Notícias do Dia* 28-09-2007

Problematizar o fenômeno das mulheres que vivem sós a partir do “mercado matrimonial” foi a intenção de Eliane Gonçalves com a tese “*Vidas no singular: noções*

sobre ‘mulheres sós’ no Brasil contemporâneo”, defendida recentemente no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

"Cidade dos homens": a realidade do dia-a-dia das favelas cariocas.

Paulo Morelli, cineasta

Confira nas *Notícias do Dia* 29-09-2007

Paulo Morelli fala sobre *Cidade dos homens*, seu mais recente filme. Trata-se de uma continuação da linguagem e estética lançadas por *Cidade de Deus* em 2002, mas com uma história diferente.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Pesquisas com células-tronco embrionárias

Hugh Lacey

Confira nas *Notícias do Dia* 24-09-2007

“Os que propõem restrições éticas às pesquisas com células-tronco embrionárias não precisam estar em oposição ao progresso tecnocientífico legítimo.” A opinião é de Hugh Lacey, filósofo da ciência, professor emérito do Swarthmore College (Pensilvânia, EUA) em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 23-09-2007.

'Defendo o direito de escolher. Não todos os cuidados são obrigatórios'

Mina Welby

Confira nas *Notícias do Dia* 24-09-2007

Com dor, mas sem resignação, Mina Welby, esposa de Piergiorgio Welby, contesta as posições oficiais da igreja e solicita que o parlamento aprove a lei sobre o testamento biológico. “Em nome do direito e não da obrigação de tratar-se, sancionado pela Constituição, em nome da qualidade da vida.” A entrevista foi publicada pelo jornal *La Repubblica*, 15-09-2007.

'Não podemos obedecer a quem diz que é para retirar o tubo'

Alessandro Bergonzoni

Confira nas *Notícias do Dia* 24-09-2007

O ferroviário Giampiero há sete anos move somente uma pálpebra, mas resiste. É preciso assegurar-lhe as condições para o conseguirmos. Alessandro Bergonzoni, ator italiano, concedeu a seguinte entrevista ao jornal italiano *La Repubblica*, 15-09-2007, sobre o recente pronunciamento do Vaticano afirmando que o estado vegetativo é vida que nunca pode ser interrompida.

Maquiavel: o “Old Nick” anda solto!

Dejalma Cremonese, cientista político

Confira nas *Notícias do Dia* 25-09-2007

O cientista político Dejalma Cremonese relaciona, em artigo exclusivo publicado por nós, os ensinamentos de Nicolau Maquiavel (1469-1527) e a postura de nossas lideranças políticas atuais, como o Senado brasileiro e a absolvição de Renan Calheiros.

Santiago

Marcos Nobre, filósofo

Confira nas *Notícias do Dia* 25-09-2007

Marcos Nobre, professor de filosofia na Unicamp, publica um instigante comentário, sob o título “O estranho caminho de Santiago” sobre o filme *Santiago*⁶², de João Moreira Salles, no jornal *Folha de S. Paulo* de 25-09-2007.

Os desafios do Ensino Superior. Para que a Universidade?

Edgar de Decca, historiador

Confira nas *Notícias do Dia* 25-09-2007

“Desafios Contemporâneos do Ensino Superior” intitula-se o Fórum que será promovido pela Universidade de Campinas (Unicamp), no qual especialistas do Brasil e do Exterior debaterão gargalos, novas demandas e desafios do ensino superior brasileiro. A entrevista com o historiador Edgar de Decca (Unicamp) é do *Jornal da Unicamp*, 24 a 30 de setembro de 2007.

A máquina de chuva da Amazônia. Não reduzir mas suspender o desmatamento

Thomas E. Lovejoy, biólogo

Confira nas *Notícias do Dia* 25-09-2007

“A única opção sensata é passar de uma política de redução do desmatamento para uma de suspensão completa”, defendem Thomas E. Lovejoy, doutor em biologia pela Universidade Yale (EUA), presidente do Centro Heinz de Ciências, Economia e Meio Ambiente e que trabalha com ciência e política na Amazônia há 42 anos, e Gomercindo Rodrigues, advogado que trabalhou como agrônomo com Chico Mendes e os seringueiros do Acre, no final dos anos 1980 em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 25-09-2007.

⁶² *Santiago*, de João Moreira Salles, foi o Filme da Semana da 237ª edição da *IHU On-Line*, de 24 de setembro de 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

Os desafios da Universidade. 'É preciso romper as barreiras departamentais'

Luiz Davidovich da UFRJ

Confira nas *Notícias do Dia* 26-09-2007

“Desafios Contemporâneos do Ensino Superior” intitula-se o Fórum que será promovido pela Universidade de Campinas (Unicamp), no qual especialistas do Brasil e do Exterior debaterão gargalos, novas demandas e desafios do ensino superior brasileiro. O *Jornal da Unicamp*, 24 a 30 de setembro de 2007, ouviu o físico Luiz Davidovich, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O Gasoduto do Sul, a Integração sul-americana e a Petrobras

Carlos Lessa

Confira nas *Notícias do Dia* 26-09-2007

“O futuro suprimento venezuelano é estratégico para a retomada da industrialização brasileira e complemento para a termoeletricidade nacional”, escreve Carlos Lessa, professor titular de Economia Brasileira da UFRJ e ex-presidente do BNDES, defendendo o gasoduto do sul, em artigo publicado no jornal *Valor*, 26-09-2007. Ele critica o ceticismo da Petrobras em relação à proposta de Hugo Chávez.

Os desafios do Ensino Superior. 'A diversidade enriquece o ambiente institucional'

Timothy Martin Mulholland

Confira nas *Notícias do Dia* 27-09-2007

“Desafios Contemporâneos do Ensino Superior” intitula-se o Fórum que será promovido pela Universidade de Campinas (Unicamp), no qual especialistas do Brasil e do Exterior debaterão gargalos, novas demandas e desafios do ensino superior brasileiro. O *Jornal da Unicamp*, 24 a 30 de setembro de 2007, entrevistou o psicólogo Timothy Martin Mulholland.

A Ciência Universal

Fritjof Capra

Confira nas *Notícias do Dia* 27-09-2007

Fritjof Capra, conhecido principalmente pelo best-seller *O Tao da Física*, dedicou ao grande artista e cientista do Renascimento seu último livro, *A ciência universal*. Um encontro com o físico, que nos últimos anos deu vida a um centro para divulgar a ecologia nas escolas. A reportagem é de Luca Tomassini e publicada no jornal *Il Manifesto*, 25-09-2007.

A ideologia sem ideais

Zygmunt Bauman

Confira nas *Notícias do Dia* 28-09-2007

Há quem creia que procurar uma sociedade justa seja uma perda de tempo. O que significa o convite de Sarkozy de “ganhar e trabalhar mais”. Este pensamento proclama que é inútil, e mesmo prejudicial unir as forças por uma causa comum. Assim se perde de vista a solidariedade e se zomba do princípio da responsabilidade. Estes são alguns dos temas abordados por Zygmunt Bauman no artigo publicado pelo jornal *La Repubblica*, 16-09-2007.

O destino do casal

René Girard

Confira nas *Notícias do Dia* 28-09-2007

“O que se está verificando agora não tem nenhum precedente nem termo de comparação, ou porque a vontade da união legal entre pessoas do mesmo sexo nunca existiu, ou porque nunca foi registrada. Sabemos que houve sociedades arcaicas tolerantes em relação à homossexualidade. Mas não era outra coisa que isso: tolerância; não um projeto de legalização do vínculo”, afirma o historiador e filósofo francês René Girard, em artigo publicado no *Clarín*, 22-09-2007.

A invenção do casamento

Franco La Cecla

Confira nas *Notícias do Dia* 28-09-2007

A antropologia sempre “indagou da natureza dos laços primários. Criar parentesco é uma constante que se encontra em todos os grupos humanos, mas suas formas são as mais variadas”. Assim escreve o antropólogo italiano Franco La Cecla, em artigo publicado no *Clarín*, 22-09-2007.

Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS NOTÍCIAS DO DIA NO SÍTIO DO IHU.

Rap

“Eu não me preocupo com a classe média. Eu me preocupo é com favelado, com pobre, periferia. (...) Quando você vê o cara xingar muito o burguês, é porque quer que o burguês compre. O rap não apavora ninguém. A classe média já é apavorada por natureza. O rap é só a trilha sonora do mundo em que a gente vive. O mundo já

é apavorante” - Mano Brown, Os Racionais - *Folha de S. Paulo*, 24-09-2007.

“A capacidade de produzir uma fala significativa e nova sobre a exclusão faz do grupo Os Racionais o mais importante fenômeno musical de massas do Brasil dos anos 90” - Maria Rita Kehl, psicanalista - *Folha de S.*

Paulo, 24-09-2007.

José Dirceu

“Não acredito que haja alguma evidência de que (José) Dirceu cometeu o crime pelo qual foi acusado. Ele será julgado” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *The New York Times*, 23-09-2007.

“A história do Zé Dirceu sempre digo que é uma lenda urbana, como a dos jacarés que vivem no esgoto, e essa comparação é bem interessante... O fato é que essa história -casamento, vida dupla, abandono da segunda vida para voltar à política- já ouvi centenas de vezes, mas toda vez ela me faz muito mal, porque sinto uma crueldade muito grande. Uma pessoa que faz isso é capaz de qualquer coisa. Tenho medo dele. Confesso que quando ele era chefe da Casa Civil, sempre pensava nisso. Tenho horror” - **Aguinaldo Silva**, autor de “Duas Caras”, novela que estréia amanhã - *Folha de S. Paulo*, 30-09-2007.

“Eu acho que o Zé Dirceu era o rosto que o Lula não queria mostrar” - **Aguinaldo Silva**, autor de “Duas Caras”, novela que estréia amanhã - *Folha de S. Paulo*, 30-09-2007.

Biocombustível

“Em vez de dez países produzindo petróleo, nós poderíamos ter 120 países produzindo biocombustíveis” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *The New York Times*, 23-09-2007.

“Já imaginou o Lula e o Bush conversando sobre álcool? Deve ter sido um porre!” - **José Simão**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 26-09-2007.

Buraco

“Se você está num barco que está afundando, não fica discutindo quem fez o buraco maior” - **José**

Goldemberg, pesquisador do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP, comentando o aquecimento global - *O Estado de S. Paulo*, 26-09-2007.

Maia

“O relatório do deputado Marco Maia (PT-RS) frustra os que esperavam que autoridades responsáveis pela crise (aérea) fossem identificadas e indiciadas” - **editorial** do jornal *Folha de S. Paulo*, 27-09-2007.

“Os dirigentes da Anac, a Agência Nacional de Aviação Civil, forçados ilegalmente pelo governo a renunciar aos seus mandatos, são os mesmos que as conclusões finais da CPI da Câmara sobre o Apagão Aéreo, controlada de modo absoluto pelo governo, isenta de qualquer indiciamento” - **Janio de Freitas**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 27-09-2007.

“A parte da ação da CPI que se tornou pública, porém, é mais do que suficiente, por si só, para negar credibilidade a conclusões que nada concluem. O que se passa em torno da Anac não é melhor do que o conhecido de dentro dela” - **Janio de Freitas**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 27-09-2007.

Automóvel

“O carro transporta 17 vezes menos passageiros por hora do que o ônibus, 20 vezes menos do que o metrô, três vezes menos que a bicicleta, e pouco mais que a marcha a pé” - **Figueiredo Ferraz** (1918-1994), foi prefeito de São Paulo, um crítico da submissão do homem ao automóvel - *Valor*, 28-09-2007.

Amante argentina

“O PMDB é necessário, instável e caro para o governo Lula, como já foi para o de FHC. Uma verdadeira amante argentina” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 28-09-2007.

Bergman

“Bergman foi muito importante em nossas vidas, mas não era Deus. Todos precisamos de um mestre, mas não um mestre que nos trate como crianças. E ele era deste tipo” - **Liv Ullmann**, atriz norueguesa, que durante foi companheira de Ingmar Bergman - *El País*, 29-09-2007.

Sentimento

“Todo restaurante, do mais simples ao mais sofisticado, enfrenta a mesma problemática: encontrar o ‘sentimento’. A clientela, por sua vez, deve se sentir, ao mesmo tempo, atriz e espectadora desse espaço” - **Alain Ducasse**, cozinheiro de fama internacional e dono de uma rede internacional de restaurantes - *Veja*, desta semana.

Sacola

“O que importa não é a sacola reutilizável⁶³. O mais importante é que se busque, a partir daí, refletir sobre os hábitos de compra, na hora de passar pelas gôndolas” - **Mário Mantovani**, diretor de mobilização da SOS Mata Atlântica - *Folha de S. Paulo*, 29-09-2007.

Franciscano

“Não é um sapato de cromo alemão que os franciscanos querem, mas um chininho novo. Pode ser até usado, o que ninguém agüenta mais é machucar o pé” - **Wellington Salgado**, senador pelo PMDB de Minas Gerais, resumindo a insatisfação dos senadores do PMDB com o governo - *Folha de S. Paulo*, 29-09-2007.

“Tem senadores que estão sem prestígio no seu Estado e isso não pode acontecer. Se vai ter [do governo] um terço novo, um chininho, uma roupinha de franciscano nova não sei, mas o clima é de insatisfação” - **Wellington Salgado**, senador pelo PMDB de Minas Gerais, resumindo

⁶³ Sobre o tema confira o amplo material publicado nas *Notícias do Dia* 30-09-2007, em www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

a insatisfação dos senadores do PMDB com o governo - *Folha de S. Paulo*, 29-09-2007.

“O PMDB tem sofrido no Senado, precisa de um carinho especial, que o presidente Lula vai dar com certeza” - **Wellington Salgado**, senador pelo PMDB de Minas Gerais, resumindo a insatisfação dos senadores do PMDB com o governo - *O Estado de S. Paulo*, 29-09-2007.

Escracho

“Os fatos provam, dia sim, outro também, que a política brasileira é um imenso escracho, um ‘Cambalache’, aquele tango que diz ‘el que no llora no mama, y el que no afana es un gil’ (otário, na gíria portenha)” - **Clóvis Rossi**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 30-09-2007.

Prostituição

“Eu sempre soube que o eleitor vota no seu fulano, seu sicrano. Eu carrego os votos do meu povo, não carrego votos de partido. A nossa cultura é votar na pessoa, nossa cultura é a troca de partido” - **Nelson Goetten**, deputado federal, que deixou o DEM para aderir ao governo, pelo PR, e por isso está ameaçado de perder mandato no Supremo Tribunal Federal (STF - *O Estado de S. Paulo*, 30-09-2007.

“Esse mundo de partidos é um balcão de negócio, é uma prostituição” - **Nelson Goetten**, deputado federal, que deixou o DEM para aderir ao governo, pelo PR, e por isso está ameaçado de perder mandato no Supremo Tribunal Federal (STF) - *O Estado de S. Paulo*, 30-09-2007.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda de eventos

Dia 02-10-2007

Realidade do trabalho infantil no Vale dos Sinos
 Conversas - O mundo do trabalho e a vida dos/das trabalhadores/as
 Profa. Dra. Marilene Maia - Unisinos
 Horário: das 19h30 às 21h30
 Local: Sala IG 119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 03-10-2007

O que você faria?
 Ciclo de Filmes e Debates - Trabalho no Cinema
 Profa. MS Isamara Della F. Allegretti e Prof. MS Lucas Henrique da Luz - Unisinos
 Horário: das 19h15min às 22h15min
 Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 04-10-2007

A representação do índio por Erico Veríssimo
 Formação Étnica do Rio Grande do Sul na História e na Literatura
 Profa. Dra. Celia Doris Becker¹ - Unisinos
 Horário: das 19h30min às 21h45min
 Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 06-10-2007

Diário de um novo mundo
 Formação sócio-político-econômica cultural do Rio Grande do Sul: Olhares da produção audiovisual sobre o Rio Grande do Sul
 Profa. Dra. Miriam Rossini - UFRGS
 Horário: das 8h30min às 12h
 Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 08-10-2007

Neurociências e Pesquisas Atuais
 Encontros de Ética - Outubro
 Profa. Dra. Rosa Maria Martins de Almeida² - Unisinos
 Horário: das 17h30min às 19h
 Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

¹ Confira, nesta edição, a entrevista concedida pela Profa. Dra. Celia Doris Becker, intitulada **O reflexo do Rio Grande do Sul na obra de Erico Verissimo**. (Nota da *IHU On-Line*)

² Confira, nesta edição a entrevista concedida pela Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Martins de Almeida, sob o título **Neurociência: pesquisas estão progredindo**. (Nota da *IHU On-Line*)

Neurociências e Pesquisas Atuais

ENCONTROS DE ETICA

As pesquisas de neurociências nunca tinham avançado tanto como nos últimos 20 anos, disse a Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Martins de Almeida, em entrevista à IHU On-Line por e-mail. Segundo ela, o avanço nos estudos tem proporcionado uma análise mais cautelosa do cérebro humano. “Hoje, se consegue estudar a caixa-preta (o cérebro) e são associadas informações para entender o processamento, as emoções e os comportamentos.” No entanto, ela ressalta que os novos tratamentos estão longe de curar algumas doenças que estão ligadas ao uso de drogas.

Rosa Maria Martins de Almeida é docente da Unisinos. A pesquisadora é mestre e doutora em Psicologia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Kursou o pós-doutorado na Tufts University, em Boston, USA.

A professora estará no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, participando do Encontros de Ética, na próxima segunda-feira, 8-10-2007. O evento está marcado para as 17h30min, na sala 1G119.

Os desafios do comportamento humano

ENTREVISTA COM ROSA MARIA MARTINS DE ALMEIDA

IHU On-Line - Como a senhora avalia as atuais pesquisas na área? Para onde avançam os estudos de neurociências?

Rosa Maria Martins de Almeida - Nunca se avançou tanto como nos últimos 20 anos. As pesquisas avançam no sentido de ver como as funções cerebrais se dão. Há equipamentos muito modernos (PET and SPECT scanner), que avaliam os pacientes durante o pensamento, a fala, e a recordação de fatos etc. Só que o sistema é muito complexo, parece que existem vários subsistemas que compõem o cérebro.

IHU On-Line - Através destes equipamentos, é possível detectar se uma pessoa é agressiva ou violenta?

Rosa Maria Martins de Almeida - O modelo de estudo de agressividade ou violência é mais complicado, pois requer dois indivíduos ou mais. No entanto, já há condições de se ter uma sala e não um tubo onde os indivíduos são analisados para estudo. Estudar a agressividade no momento em que há esse comportamento é um desafio. Nos modelos de estudo, empregam-se frustração, provocação social, uso de drogas.

IHU On-Line - Quais são as principais mudanças e

evoluções alcançadas nas pesquisas de Psicologia Experimental?

Rosa Maria Martins de Almeida - Hoje, se consegue estudar a caixa-preta (o cérebro) e são associadas informações para entender o processamento, as emoções e os comportamentos. As áreas estão mais integradas (Biologia, Neurologia, Psicologia, Fisiologia etc).

IHU On-Line - Os estudos de neurociências têm disponibilizado novos tratamentos terapêuticos eficientes? Os avanços da neurociência têm possibilitado a melhoria da qualidade de vida humana?

Rosa Maria Martins de Almeida - Com certeza, mas ainda estamos distantes da cura. Há certas patologias ou problemas que não têm nenhum tratamento eficaz. Por exemplo: uso de drogas e violência. No entanto, eu tenho convicção que cada vez mais teremos benefícios em nossas vidas. A pesquisa científica tem esse intuito.

IHU On-Line - Quais são as implicações da neurociência para sociedade atual?

Rosa Maria Martins de Almeida - Ela tenta aproximar as várias ciências com o intuito de desvendar o funcionamento do cérebro humano. De trazer à luz informações e intervenções necessárias para a saúde dos indivíduos.

IHU On-Line - Como os benefícios dos estudos da neurociência podem ser acessados, com mais facilidade, pela população?

Rosa Maria Martins de Almeida - Pela internet, na TV, em revistas, livros e artigos científicos. Há congressos e encontros sobre esse tema tanto regionais, nacionais e internacionais. Existe uma vez por ano um Encontro de Neurociências que é realizado nos USA, nesse encontro vão em geral 35.000 pessoas do mundo inteiro. Eu tenho participado freqüentemente, e neste ano vou participar de um simpósio sobre Comportamento Agressivo e Violento.

IHU On-Line - Que questões a senhora apresentará nesse simpósio sobre Comportamento Agressivo e Violento?

Rosa Maria Martins de Almeida - Serão abordados aspectos da neuropsicofarmacologia, ou seja, áreas cerebrais envolvidas, sistemas de neurotransmissores e ações de drogas e seu funcionamento.

IHU On-Line - Por que o ser humano desenvolve comportamentos agressivos e violentos?

Rosa Maria Martins de Almeida - O comportamento agressivo não é de todo ruim, pois pode fazer com que um indivíduo alcance seus objetivos, metas. Esse só é mal visto, quando gera danos a outros. Esse comportamento pode surgir por vários motivos tais como lesões ou disfunções cerebrais, frustração, uso de drogas, provocação social, demência, impulsividade, transtornos de conduta etc.

Diário de um novo mundo

FORMAÇÃO SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICA CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL: OLHARES DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE O RIO GRANDE DO SUL

“A literatura é o modo privilegiado de pensamento rio-grandense.” As palavras são do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. Em entrevista à IHU On-Line, realizada por e-mail, ele afirma que a literatura gaúcha é a “melhor que se faz no Brasil”, já que existem escritores para todo o tipo de público.

Na entrevista a seguir, ele comenta a produção cinematográfica Diário de um novo mundo, de Paulo Nascimento, que foi baseada em seu livro Um quarto de légua em quadro. Embora nunca tenha esperado fidelidade na produção cinematográfica, Assis Brasil afirma que o filme correspondeu aos escritos de sua obra.

Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Assis Brasil é professor da mesma universidade e conselheiro do Conselho Editorial do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul. De sua vasta obra bibliográfica, destacamos Cães da província (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987); Videiras de cristal (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990); O pintor de retratos (Porto Alegre: L&PM, 2001); e A margem imóvel do rio (Porto Alegre: L&PM, 2003).

O filme Diário de um novo mundo, parte da programação do evento Formação Sócio-político-econômica cultural do Rio Grande do Sul Olhares da produção audiovisual sobre o Rio Grande do Sul, promovido pelo Instituto Humanitas - IHU, será tema de debate no próximo sábado, 6-10-2007. A discussão será comandada pela Prof.^a Dr.^a Miriam Rossini, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A exibição do filme ocorrerá às 8h30min, na sala 1G119, na Unisinos.

A literatura é o modo privilegiado de pensamento rio-grandense

ENTREVISTA COM LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

IHU On-Line - Diário de um novo mundo foi baseado na sua obra *Um quarto de légua em quadro*. Como o senhor avalia a produção cinematográfica? Ela foi fiel aos seus escritos?

Luiz Antonio de Assis Brasil - É uma excelente realização, tanto em termos de conteúdo quanto de linguagem visual. Quanto à fidelidade, creio que este é um pseudo-problema, pois nunca esperei nem desejei essa fidelidade. O cinema deve ser fiel a si mesmo, e não ao livro. Contudo, se isso fosse algo que me preocupasse eu diria: sim, foi fiel ao espírito do meu livro.

IHU On-Line - Nas suas obras, é possível visualizar cada passagem, já que a narrativa é bastante visual. É possível traçar um paralelo entre literatura e cinema? Como ambas as artes influenciam na construção da identidade nacional? E como elas nos ajudam a entender a história?

Luiz Antonio de Assis Brasil - São quatro questões muito diferentes entre si. Quanto à visualidade, é algo que eu procuro nos meus livros, até porque gosto muito de cinema. Não consigo escrever uma cena sem antes “vê-la”. O paralelo entre literatura e cinema pode ser expresso assim: no início do cinema, este copiava os métodos narrativos da literatura; hoje é o inverso (por exemplo: o flashback do cinema passou ao romance). Já quanto à identidade nacional (ou regional), ela é sempre construída pelos meios simbólicos, e entre estes estão a literatura e o cinema, entre outras artes. A história, tal como a

identidade, passa também pelos meios simbólicos. Não apenas pelos livros de História.

IHU On-Line - *Um quarto de légua em quadro* surgiu como um romance histórico e desestruturou alguns conceitos referentes ao que se conhecia até então sobre este gênero. Quais são as inovações que a obra apresentou na época em que foi lançada?

Luiz Antonio de Assis Brasil - É que este livro já antecipava (sem eu o saber) tudo aquilo que veio a ser chamado de metaficção historiográfica, com o recurso, por exemplo, ao romance dentro do romance, que é uma das marcas da pós-modernidade.

IHU On-Line - Qual é a importância da literatura na construção sócio-político-econômica-cultural do Rio Grande do Sul?

Luiz Antonio de Assis Brasil - Eis uma pergunta amplíssima. Tão ampla que me limito a dizer que a literatura é o modo privilegiado de pensamento rio-grandense. Os franceses têm a filosofia; os ingleses, a economia; nós, do Sul, a literatura. O Rio Grande não seria o que é, por exemplo, sem *O tempo e o vento*.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a participação dos açorianos na construção do Estado gaúcho?

Luiz Antonio de Assis Brasil - Os açorianos nos legaram a língua, que é um dos principais agentes

identitários, mas também costumes, festas religiosas e um modo de ser muito apegado à família.

IHU On-Line - Em entrevista à nossa revista, José Hildebrando Dacanal¹ disse que sua obra foi fundamental para inserir a tradição ficcional no Estado. E reiterou que atualmente não existem escritores como o senhor. Como o senhor avalia a produção literária no Rio Grande do Sul? Estamos carentes de boas histórias ficcionais?

Luiz Antonio de Assis Brasil - A nossa literatura é a melhor que se faz no Brasil. Uma prova: dos 10 finalistas do maior prêmio literário nacional, o Jabuti 2007², cinco são gaúchos³. Isso significa algo,

¹ A entrevista *Literatura e História: dois caminhos para contar a história do Rio Grande do Sul*, concedida por José Dacanal à **IHU On-Line**, foi publicada na edição 237, de 24-09-2007, intitulada A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois. O matéria está disponível no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

² **Prêmio Jabuti de Literatura**: foi lançado em 1959 pela Câmara Brasileira do Livro. Atualmente, é um dos prêmios mais importantes na

e significa muito. Não há nenhum Estado da Federação que tenha um contingente tão expressivo de escritores. Não estamos carentes de nada, rigorosamente nada. Ademais, temos escritores para todo o tipo de público.

IHU On-Line - Quais são seus próximos projetos literários?

Luiz Antonio de Assis Brasil - Ainda nada muito avançado. Algumas idéias, que vêm e voltam como nuvens. Mas ando numa pista: viajei à França para ir atrás de alguns elementos que me faltavam para desencadear a idéia de meu próximo romance.

literatura brasileira. A lista dos ganhadores da 49ª edição do prêmio Jabuti 2007 foi divulgada em 21-08-2007. A premiação ocorrerá em 31-10-2007, em São Paulo. (Nota da **IHU On-Line**)

³ Os gaúchos indicados são: Daniel Galera, Moacyr Scliar, Luis Fernando Veríssimo, Luiz Antônio de Assis Brasil e Michel Laub. (Nota da **IHU On-Line**)

O resgate da imagem indígena na visão de Erico Veríssimo

FORMAÇÃO ÉTNICA DO RIO GRANDE DO SUL NA HISTÓRIA E NA LITERATURA

De acordo com a Profa. Dra. Célia Doris Becker, contar uma história mais bela sobre o estado gaúcho motivou Erico Veríssimo “a abrir espaço para a manifestação de diferenciadas vozes que representam as etnias formadoras de nosso povo como também para os diversos grupos constituintes da sociedade gaúcha”. Assim, explica a professora, através de sua produção literária, ele desmistificou a História do Rio Grande do Sul. Uma das figuras bastante abordadas por Veríssimo foi a do índio. Segundo a professora, ele buscou oferecer várias visões sobre os personagens para diversificar a psicologia indígena. Nesse sentido, o índio é apresentado como “presas fáceis dos percorriam as terras desabitadas do Rio Grande, em busca de escravos”. Ao mesmo tempo em que aparece o contraponto: o índio líder, indignado, com espírito crítico, defensores do seu território. Para Celia Doris Becker, ao representar sua visão a respeito dos índios, Erico “prova seu interesse pelo homem, pela apresentação de um significativo painel humano dos que construíram este Estado”.

Celia Doris Becker é docente da Unisinos, onde leciona Literatura Gaúcha. Graduada em Letras, mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), com a tese Histórias que contam a história: A história do Brasil na literatura para crianças. Concluiu o doutorado em dezembro de 2006, também na PUC-RS, defendendo a tese Érico Veríssimo e a urdidura da ficção com a História em O retrato.

Celia estará presente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, na próxima quinta-feira, 4-10-2007. A professora participará da Formação Étnica do Rio Grande do Sul na História e na Literatura, debatendo sobre a representação do índio nas obras de Erico Veríssimo. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail, à IHU On-Line, Celia antecipa algumas questões que abordará no evento. A palestra está marcada para as 19h30min, na sala 1G119.

A IHU On-Line produziu uma edição especial sobre Erico Veríssimo, no dia 05-09-2005. Nesta revista, intitulada Erico Veríssimo. Vida, obra e atualidade, Celia Doris Becker participou, concedendo a entrevista Personagens de Erico revelam a psicologia do homem e da mulher do Sul. Na edição 225, de 25-06-2007, Celia concedeu a entrevista Ficção e História em O retrato, de Erico Veríssimo. O material está disponível no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). Eis a entrevista:

O reflexo do Rio Grande do Sul na obra de Erico Verissimo

ENTREVISTA COM CELIA DORIS BECKER

IHU On-Line - Erico foi um escritor que compôs vários romances históricos. É possível traçar relações entre suas obras e a história do Rio Grande do Sul?

Celia Doris Becker - Em primeiro lugar, para que o leitor possa estabelecer essas relações, pressupõe-se que ele possua conhecimento da História de nosso Estado. A partir daí, é possível que ele reconheça vários elementos históricos habilmente entremeados com os fios da Ficção. A verossimilhança instaurada pode levar os mais ingênuos a confundir os eventos. Entretanto, o ponto que me parece mais relevante na criação de Erico é a visão de História que ele apresenta. Em *Solo de clarineta*¹, ele confessa que o conteúdo dos livros escolares “feios, mal impressos” - com os quais ele e sua geração entraram em contato com o passado do Rio Grande do Sul - “raramente ou nunca” apresentavam atributos como “o poético, o pitoresco, o novelesco”. A idéia de que “a verdade sobre o passado do Rio Grande devia ser mais viva e mais bela que sua mitologia” motivava Erico a abrir espaço para a manifestação de diferenciadas vozes. Ao compor esse painel diversificado, Erico desmistifica a História do Rio Grande do Sul.

IHU On-Line - Em *O tempo e o vento*, o índio órfão das Missões ganha destaque na história. Como Erico Verissimo representa o índio em suas

¹Ampliação da autobiografia do autor Erico Verissimo, iniciada em 1966. O primeiro volume de *Solo de clarineta* foi publicado em 1973. O livro de memórias estava programado para ser uma trilogia. No entanto, o segundo volume de *Solo de clarineta*, devido ao falecimento do autor, em 1975, ficou inacabado. (Nota da *IHU On-Line*)

obras? Qual era seu objetivo ao representar os indígenas?

Celia Doris Becker - A representação do índio ocorre em *As aventuras de Tibicuera*² - obra direcionada ao público jovem³ - e em dois momentos de *O tempo e o vento*. Reporto-me à segunda. Na trilogia, a figura do índio aparece em dois capítulos de *O continente*⁴: *A fonte e Ana Terra*. No primeiro, embora mereça destaque a figura de Pedro, o narrador⁵ também se refere a Sepé Tiaraju⁶ e aos demais habitantes das Missões, de forma generalizada. A leitura atenta dos episódios revela um habilidoso jogo de perspectivas em que se alternam os pontos de vista das diversas personagens

² A obra *As aventuras de Tibicuera*, do autor Erico Verissimo, teve sua primeira edição publicada em 1937, pela editora Globo. O romance conta a história do índio Tibicuera, em sua viagem através do tempo, a qual faz o leitor percorrer a história do Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

³ “Meu objetivo fora contar, paralelamente com as proezas dum índio imortal, as aventuras do Brasil. A coisa acabou sendo uma ficção da ficção, uma vez que tomei como base a versão oficial escolar da História do nosso país. A História verdadeira de qualquer nação do mundo jamais poderá ser contada.” (*Solo de Clarineta*, p. 263). (Nota da entrevistada)

⁴ *O continente*, obra de Erico Verissimo, publicada em 1949, pela editora Companhia das Letras, é a primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*, seguida de *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1962). Dividido em sete capítulos, *O continente* narra a formação do Rio Grande do Sul, através das famílias Terra, Cambará, Caré e Amaral. Parte do seu conteúdo teve adaptações para o cinema e para a televisão. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ É importante registrar que se trata de Floriano Cambará, *alter ego* de Erico Verissimo. (Nota da entrevistada)

⁶ *Sepé Tiaraju* (s/data - 1756): índio guerreiro guarani, considerado um santo popular brasileiro. Sobre ele, confira a matéria de capa da *IHU On-Line* número 156, de 19 de setembro de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

- Pe. Antonio, Pe. Alonzo, Pedro, Sepé Tiaraju - e do narrador.

As visões oferecidas revelam pontos diversificados sobre a psicologia dos índios. O ponto de vista dos religiosos, a partir de focalização interna realizada pelo narrador, apresenta os índios - homens e mulheres - como presas fáceis dos vicentistas que percorriam as terras desabitadas do Rio Grande, em busca de escravos. Além disso, os padres reconhecem a capacidade de absorção da organização imposta pela ação catequética e as possibilidades do desenvolvimento das qualidades dos índios como seres humanos para a concretização de um mundo prometido, de um “Mundo Novo”, em que “os povos não seriam mais governados por senhores de terras e nobres corruptos. Seria a sociedade prometida nos Evangelhos, o mundo do Sermão da Montanha, um império teocrático...”¹.

Em Pedro, o órfão criado pelos padres, além das atividades intensas desempenhadas na Missão - aprendizagem de ofício, estudo de doutrina cristã, de música, limpeza do trigo, leitura de textos sagrados em voz alta, auxiliar dos curas na missa -, constatam-se a sensibilidade, a intuição, a capacidade criativa como compositor.

Em Sepé Tiaraju, representa-se a liderança, a capacidade de indignação dos índios, o espírito crítico a altivez, a astúcia, a coragem, norteados- os à resistência, à defesa de seu território.

No capítulo *Ana Terra*, o narrador refere a presença dos índios coroados e de Pedro Missioneiro. Com base em experiências negativas vividas pelas duas mulheres da família - Ana e a mãe, Henriqueta -, eles atacavam estâncias e qualquer viajante que encontrassem pelo caminho. Além disso, roubavam e escravizavam mulheres, muitas vezes obrigando-as a se casarem com algum

membro da tribo. Os homens da família compartilham desse pensamento e as ações defensivas que assumem confirmam esse posicionamento. A chegada de Pedro Missioneiro nos domínios da família Terra contrapõe à imagem do índio violento, do índio ladrão a figura do índio aculturado.

A focalização interna das personagens, as inúmeras cenas que o narrador instaura evidenciam as mudanças que se operam no pensamento dos componentes da família Terra. Ana e a mãe são envolvidas pelo jeito manso e suave do índio que evidencia conhecimento de um mundo totalmente diferente daquele que as rodeia. A focalização interna das personagens masculinas da família Terra, entretanto, mantém a representação do índio como um ser inferior, mentiroso, desconfiável, temível. Como se vê, a representação do índio obedece a um contraponto, procedimento adotado por Erico ao longo da saga, que promove a configuração de um diversificado painel do homem, da sociedade, da própria História do Rio Grande. Como o narrador de *O tempo e o vento* constitui o *alter ego* de Erico, o leitor pode concluir que a representação do índio apresentada constitui a visão do Autor sobre as Missões e sobre os índios.

Penso que ao apresentar sua visão a respeito dos índios, Erico prova seu interesse pelo homem, pela apresentação de um significativo painel humano dos que construíram este Estado. De acordo com o próprio Erico, todos o interessavam, porque “O Rio Grande estava cheio dos mais variados tipos humanos. Havia o valentão, o coronel, o peão, o gaudério, o bandido, o sisudo, o potoqueiro, o gaúcho de cidade com flor no peito... tantos!”².

¹ O continente. Porto Alegre: Globo, 1962

² VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 291. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line - Como a obra de Verissimo contribuiu para a construção da identidade gaúcha?

Celia Doris Becker - Penso que com a visão contrapontística que se percebe em sua obra, Erico Veríssimo abre espaço não só para as diversas vozes que representam as etnias formadoras de nosso povo como também para os diversos grupos constituintes da sociedade gaúcha. Assim, esses elementos de certa forma testemunham sua presença no cotidiano do gaúcho, na sua forma de sentir e de perceber o que o rodeia.

IHU On-Line - A Literatura tem o objetivo de recontar e fortalecer a História?

Celia Doris Becker - Não é esse o objetivo maior da Literatura. Seu objetivo maior é a humanização do próprio homem.

Literatura e História constituem campos do conhecimento humano que se diferenciam já em sua origem. Na antiga Grécia, Aristóteles, ao se debruçar sobre a produção do poeta, afirma: “não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer o

que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade”¹.

Ao se deparar com um texto que apresenta elementos históricos, o leitor sabe que está diante da visão particular de um homem - o romancista - sobre os fatos que marcaram um determinado momento. Esse ponto de vista pode contrariar a versão “oficial” que se conhece.

IHU On-Line - Como a senhora avalia atual produção literária no estado voltada para o aproveitamento da história na ficção? Ainda há preocupação, por parte dos escritores, em trabalhar a questão histórica?

Celia Doris Becker - A História do Rio Grande do Sul é muito rica em eventos e o público leitor gaúcho sempre evidenciou significativo interesse pelas produções que os envolvem. Acredito que ao produzirem romances cujo pano de fundo seja histórico, os escritores vão ao encontro dos interesses do leitor gaúcho.

¹ ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo. 1966. p. 78. (Nota da entrevistada)

Sala de Leitura

“Como leitura, sugiro *A feijoada que derrubou o governo* (Joel Silveira, Cia das Letras, 2004, 215p.). O livro reúne artigos escritos pelo jornalista no final da década de 30 até a década de 70, traçando perfis de líderes políticos e militares, brasileiros e estrangeiros. Entrevistas e matérias de Joel com e sobre Getúlio Vargas, Góes Monteiro, Jânio Quadros, Jango e JK fazem parte do livro. O jornalista trabalhou no jornal *Diretrizes*, no *Diário de Notícias* e no *Estado de S. Paulo*, atuando de repórter a correspondente internacional. Ficou conhecido como a víbora da reportagem, pela sua ironia e perspicácia.”

Maria Francisca é mestre em Comunicação Social, pela UNISINOS, onde leciona desde 1998; também é graduada em História, pela UFRGS, Especialista em Museologia, pela PUCRS, e pós-graduada em Informação Social, pela Universidade de Tokyo (Tokyo Daigaku) do Japão.

“Estou lendo *Os pilares da Terra* (1989, Rocco Editora), do autor Ken Follet. O cenário não poderia ser melhor: a Época Medieval. A história é intrigante e cheia de surpresas, para o leitor que é apaixonado por este tipo de literatura. O enredo do livro gira em torno do desejo de construção de uma Catedral no sul da Inglaterra, por Tom, um homem simples e perspicaz que introduz um novo estilo gótico. A sua família passa por inúmeras situações difíceis devido ao sonho de

materializar um monumento importante. Assim, o romance é regado de muito sofrimento, medo, dor, lutas, fome, amor, inquietudes. Sua batalha é principalmente pelas injustiças sociais em relação à sua família, com reflexos de uma época de muita luta. Um ponto que chama a atenção é a participação de mulheres fortes e independentes, mérito do autor que introduz um olhar para a contemporaneidade, o que demonstra que a história se repete em muitos sentidos, com personagens persistentes e atrevidos. As contradições entre a nobreza e a pobreza, o poder e o fracasso, as vinganças e desgraças, o prazer e romantismo se mesclam em uma narrativa apaixonante, articulando personagens que se entrelaçam no decorrer da leitura, que prende a atenção do leitor por meio de descrição de várias sensações, fazendo com que o livro seja inesquecível e apaixonante.”

Underléa Bruscato Portella é doutora em Arquitetura na área de Comunicação Visual em Arquitetura e Design, pela Universidade Politécnica de Catalunha, Barcelona, Espanha (2006). Professora da Unisinos desde 1999, atuando nos cursos de graduação Arquitetura e Urbanismo, Comunicação Digital e Design. Também é editora do Periódico Científico Arquitetura revista e apoio no Unisinos Virtual, desenvolvendo os produtos de EAD pela Educação Continuada.

Perfil Popular

Geraldo Pereira de Oliveira

Há 19 anos, a cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul, é a casa do mineiro Geraldo Pereira de Oliveira. Sua vida foi privada de luxos. O trabalho, que conheceu precocemente, lhe tirou o direito de ser criança, porque, aos oito anos de idade, Geraldo foi para a roça trabalhar com os pais. Foi com o ofício de pedreiro que ele construiu a sua vida: casou e criou três filhos, para os quais pode dar as condições de estudo que ele gostaria de ter tido e não teve. Em entrevista à revista IHU On-Line, Geraldo revelou passos importantes que deu para conseguir superar os obstáculos do seu caminho e vencer na vida. Entre eles, está o alcoolismo, que obscureceu sua trajetória por um bom tempo. Ao relatar sua história, em uma folguinha durante o trabalho, Geraldo se deixou levar pela emoção. Vaidoso, trocou de roupa para ser fotografado para a editoria Perfil Popular desta semana.

Confira a entrevista:

Origens - Nascido no distrito de Peçanha, no interior de Minas Gerais, Geraldo, 68 anos, é o mais velho de oito irmãos. A criação foi marcada pela simplicidade, e, sem se envergonhar, ele relembra seus momentos difíceis. “Nós éramos da colônia. Fomos criados na roça, onde meus pais trabalhavam. Minha casa era pequena: quatro peças cobertas com taquara. Depois, é que o ‘velho’ fez uma casa boa, de telhas. Mas na que a gente foi criado só não chovia dentro.” Geraldo conta que a relação com os irmãos e com a mãe “era a coisa mais legal que podia existir”. A mãe de Geraldo era asmática, e faleceu nova, com 52 anos. Seu pai se aposentou trabalhando na roça e morreu aos 87 anos de idade.

Escola e infância - Precária. É assim que Geraldo define a sua infância. Ele enfatiza que, por conta do

trabalho, a dedicação aos estudos era pouca. “Estudei até a 3ª série e, com oito anos, fui trabalhar na roça.”

Trabalho - Aos 23 anos, Geraldo saiu do interior e foi morar na cidade, onde trabalhou no comércio. “Do comércio, voltei para a roça. Daí, não deu e fui para a cidade de novo. Trabalhei na roça e morei em Minas Gerais até os 25 anos. Depois, fui para o Rio de Janeiro trabalhar em uma construtora.” Lá, Geraldo fazia túneis para tubulações de água. Durante 32 anos, foi barbeiro. “Fiquei no Rio de Janeiro por seis anos. Voltei a morar no interior de Minas Gerais, e trabalhava na cidade. Eu fazia tijolos maciços. Fui fazer os tijolos para a construção de uma escola, e apareceu um pedreiro

lá para fazer. Ele me convidou para queimar os tijolos para que eu aprendesse a trabalhar de pedreiro. Eu já era casado, tinha uns trinta e poucos anos. Comprei uma colher de pedreiro, um prumo, um esquadro e fui para a obra. E não parei mais. Já faz 22 anos que trabalho nisso.”

Casamento - “Era o meu sonho ter a minha família”, revela Geraldo. Com 29 anos de idade, ele casou com Edite. A união já dura 37 anos. “Quando eu a conheci, ela trabalhava em casa de família. Éramos de municípios diferentes. Ela era de São Geraldo (MG), e eu de Água Branca, no mesmo Estado. Namorei cinco anos, depois casei.” Do casamento, nasceram três filhos: Ediraldo, Eliane e Eloísa. Geraldo afirma que não há o que reclamar da vida de casado, e o período difícil que enfrentou foi provocado por ele mesmo. “Vivi um tempão no alcoolismo, o que estragou a minha vida.”

Alcoolismo - “Bebi onze anos sem parar”, conta Geraldo. Cansado do sofrimento, em 1978 ele entrou para o grupo dos Alcoólicos Anônimos. E, orgulhoso, revela o resultado do seu esforço. “Estou há 29 anos e uns meses sem beber e sem fumar.” Embora seja negativa, a experiência ensinou muito a Geraldo. “Aprendi a amar mais aos outros, inclusive minha família e as amigas, que, para mim, estão acima do dinheiro. Eu amadureci mais na vida, porque a gente pára de beber e vai recuperar as coisas perdidas, inclusive a saúde.”

Libertação - Após anos de tratamento, Geraldo reconhece que abandonar o vício foi a sua maior vitória. “Quando eu me liberei do alcoolismo, senti que tudo clareou. Parece que eu estava em trevas e saí. Eu aprendi a viver e a deixar os outros viverem.” Ele explica que o tratamento é para toda

a vida, e consiste em participar das reuniões, além de ajudar as pessoas. “É uma coisa que a gente ganha de graça e distribui de graça. Fui ajudado e não paguei nada, e, hoje, tenho a maior alegria de poder ajudar os outros.”

Filhos - Quando tinha 30 anos de idade, Geraldo descobriu o sentido da paternidade, com o nascimento de Ediraldo. Três anos mais tarde, nasceu sua primeira filha, a Eliane. Um ano depois, nasceu Eloísa, a filha caçula. “A coisa que eu mais queria era ser pai, só que por certo tempo, no período do alcoolismo, minha vida de pai foi muito frágil. Deus me ajudou a me libertar do alcoolismo e eu pude acabar de criar os meus filhos. Pelo menos dar a educação escolar, que eu tive muito pouca.” Quase todos os filhos de Geraldo têm curso superior. Ediraldo, 36 anos, é técnico em Agropecuária, possui graduação em Sociologia pela Unisinos, e, recentemente, formou-se Técnico em Contabilidade. Eloísa é professora, mas ainda não se formou.

Filha religiosa - “Eliane é formada em Farmácia e é Irmã¹, na África. Ela está lá há sete anos, e vem para casa de três em três anos.” A decisão da filha causou estranheza em Geraldo e na esposa. “Para a gente, foi diferente, porque os filhos foram criados todos junto com a gente, mas entendemos que esta era a vocação dela, que gosta muito de lidar com as pessoas doentes e pobres.”

Grude - Um dos maiores presentes que Eloísa deu ao pai foi Isabel, 2 anos, única neta de Geraldo, até agora. “Eloísa tinha muita vontade de casar. Ela

¹ Pessoa religiosa que, de livre vontade, abdica da construção de uma vida conjugal para se dedicar à caridade, ao tratamento de enfermos e necessitados. Também se dedica a transmitir os ensinamentos religiosos. (Nota da *IHU On-Line*)

casou e, depois de um ano, nasceu a menina, que é uma alegria para mim. Isabel é mais apegada a mim do que com a mãe e a avó dela. É um grude, como dizem. Sou eu quem leva ela para a creche, antes de ir trabalhar.” Por cinco meses, Geraldo ficou longe da neta, devido a uma oportunidade de emprego para o seu genro, no Paraná. “Esta mudança me torturou. Agora, eles voltaram a morar com a gente, e, para mim, foi bom demais. Sempre que os filhos vierem serão bem-vindos. A casa da gente é dos filhos da gente. É a mesma coisa com Deus. A gente peca e Ele recebe a gente do mesmo jeito.”

Saudade - A saudade da filha Eliane, missionária na África, é superada através de conversas pelo telefone. “Se eu tivesse condições, eu ia para lá, até para conhecer a África, que conheço só pela televisão. Minha filha conta que lá é muito sofrido e ainda tem bombas na terra, dos tempos da guerra. Há bombas e pedras preciosas.” Geraldo explica que a rotina de Eliane se divide entre dar aulas de religião, levar a comunhão para os doentes, além de cuidar das crianças desnutridas. Orgulhoso, o pai revela a felicidade que sente pelo trabalho que a filha desenvolve. “Eu admiro o gosto dela. Eliane puxou a mim neste sentido, porque não posso ajudar as pessoas materialmente, mas, fisicamente, e qualquer ajuda para as pessoas que precisam, eu gosto de dar.”

O sentido da profissão - “Criei meus filhos trabalhando de pedreiro. O que tem dado sustento para mim é o serviço, porque sempre tem.” Embora receba o benefício de um salário mínimo do Governo, pela idade, Geraldo ainda trabalha para complementar a renda. “Dizem que quem tem idade não precisa trabalhar mais, mas eu não vou por aí.

Eu não posso é roubar, mas trabalhar, eu posso.” Para Geraldo, o trabalho faz a gente viver mais. “Enquanto eu agüentar, eu trabalho.”

Rio Grande do Sul - “Decidi vir pra cá, porque a minha cunhada morava aqui e trouxe a minha filha Eloísa para cuidar dos meninos dela.” Geraldo conta que sempre tinha muita vontade de mudar da sua cidade, que não oferecia oportunidade de emprego aos seus filhos. “Moro em Canoas desde 1988, no bairro São Vicente. Comprei um terreno e construí a minha própria casa.” Com a mudança, Geraldo sentiu muita diferença. Algumas ainda não foram superadas. “Até hoje não me acostumei com o clima. Lá em Minas é mais quente.” Em pouco tempo morando em Canoas, através da Igreja, novas amizades foram construídas. “A gente foi recebido, primeiramente, pelos católicos, e, depois, se expandiu a amizade com todos, porque a gente não pode ter distinção de cor, raça, ou religião. Todo mundo vale. Rapidamente, nos adaptamos com o pessoal. Pretendo terminar meus anos de vida por aqui.”

Volta aos estudos - Há dois anos, para dar ânimo ao seu genro, que só tem a 2ª série, Geraldo voltou a estudar. Passou a freqüentar aulas à noite, no Colégio Planalto Canoense, no bairro em que mora. “Fiz teste de leitura e de matemática. Passei e entrei na 4ª série.” Geraldo só parou de freqüentar a escola porque cochilava demais nas aulas, mas ressalta que gosta muito de estudar. “O saber não ocupa lugar. Vocação, você tem só uma, mas profissão você pode ter várias. Eu tive tanta profissão e escolhi ser pedreiro.”